

DIOGO LOPES DE OLIVEIRA E LEIMAR DE OLIVEIRA

RAÍZES PARA CRESCER, ASAS PARA VOAR

pai e filho em um mochilão
pelo Sudeste Asiático



DIOGO LOPES DE OLIVEIRA E LEIMAR DE OLIVEIRA

RAÍZES PARA CRESCER, ASAS PARA VOAR

pai e filho em um mochilão
pelo Sudeste Asiático



CAMPINA GRANDE - PB

2020

Os direitos desta edição são reservados à EDUFCG
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

O48r Oliveira, Diogo Lopes de.
Raízes para crescer, asas para voar: pai e filho em um mochilão pelo sudeste asiático [livro eletrônico]: / Diogo Lopes de Oliveira, Leimar de Oliveira. - Campina Grande, 2020.
Pdf.

E-book
ISBN 978-65-86302-14-1
Referências

1. Viagem. 2. Comunicação. 3. Relato de Viagem. 4. Ásia. I. Oliveira, Leimar de. II. Título.

CDU 910(5)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO GUSTAVO DINIZ DO NASCIMENTO CRB-15515

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
editoradaufcg@gmail.com

Prof. Dr. Vicemário Simões
Reitor

Prof. Dr. Camilo Allyson Simões de Farias
Vice-Reitor

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves
Diretor Administrativo da Editora da UFCG

Simone Cunha
Revisão

Yasmine Lima
Projeto gráfico

Diogo Lopes de Oliveira
Fotos

CONSELHO EDITORIAL

Anubes Pereira de Castro (CFP)
Benedito Antônio Luciano (CEEI)
Eivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro da Costa Rego (CTRN)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Valéria Andrade (CDSA)

A MARIA INÊS, MÃE E COMPANHEIRA DOS AUTORES.
AUSENTE SOMENTE FISICAMENTE.
PRESENTE EM CADA UM DOS 42 DIAS DESTA JORNADA.

ROTEIRO

- 9 INTRODUÇÃO
- 11 A DECISÃO
- 23 A EXPECTATIVA
- 27 A VIAGEM
- 33 SINGAPURA
- 47 MALÁSIA
- 53 KUALA LUMPUR | MALÁSIA |
- 59 PENANG | MALÁSIA |
- 63 KUALA LUMPUR-PENANG | MALÁSIA |
- 65 CAMBOJA
- 77 SIEM REAP-PHNUM PENH | CAMBOJA |
- 81 VIETNÁ
- 87 HO CHI MINH | VIETNÁ |
- 91 HOI AN | VIETNÁ |
- 101 HUE | VIETNÁ |
- 109 HANÓI-HALONG BAY | VIETNÁ |
- 115 HANÓI | VIETNÁ |
- 123 LAOS
- 135 LUANG PRABANG | LAOS | – CHIANG RAI | TAILÂNDIA |

141	TAILÂNDIA PARTE I
149	CHIANG MAI TAILÂNDIA
159	MYANMAR
167	BAGAN MYANMAR
181	BAGAN-YANGON MYANMAR
185	TAILÂNDIA PARTE II
193	LEIMAR COMO VIAJANTE
195	DIOGO COMO VIAJANTE

INTRODUÇÃO

A ideia de escrever um livro que contasse o mochilão que fiz com o meu pai pelo Sudeste Asiático surgiu a partir de pedidos dos meus amigos que acompanharam parte da narrativa por meio do meu Facebook e do meu Instagram. A tecnologia esteve sempre presente no nosso dia a dia, para reservar *hostels* e entradas em museus, por exemplo. Essa agilidade era diferente da forma de viajar à qual meu pai estava acostumado.

Por isso, pensei que seria interessante escrever o meu relato aproveitando algumas postagens que fiz nessas redes sociais e complementá-lo com a visão que o meu pai teve dos mesmos eventos que compartilhamos nesses 42 dias juntos.

Este livro foi escrito entre julho de 2016 e maio de 2017. Passado o primeiro impacto do que a viagem tinha representado para nós, foi curioso perceber que muitas das experiências que me chamaram a atenção passaram despercebidas para o meu pai e vice-versa.

Minha mãe encarregou-se de transcrever alguns relatos que o meu pai gravou em áudio sobre suas lembranças, pouco menos de um ano depois da jornada na Ásia.

O resultado é que esta publicação acabou tornando-se um exercício de convivência, parceria e interação entre nós três. Passamos a trocar experiências, incluímos minha mãe na viagem - que passou a conhecer outras histórias, além das que tínhamos compartilhado por Skype e Whatsapp, na época.

Durante seis semanas, a viagem acabou sendo vivida de uma forma diferente, seguida quase em tempo real. Os comentários dos familiares e amigos que ficaram no Brasil fizeram parte do nosso cotidiano do outro lado do mundo. Foi curioso poder, por exemplo, mandar um beijo que uma amiga do Brasil, que ao ter lido um dos meus relatos, pediu que eu enviasse para um simpático senhor malaio.

Um ano e meio depois da jornada iniciada em 20 de dezembro de 2015, este livro serviu para lembrar nossas experiências nos anos 1980 e 1990; as dos meus pais juntos e sozinhos, em 1998; as que voltamos a fazer juntos no início dos anos 2000, etc. E além disso, serviu para que minha mãe e eu pudéssemos planejar e projetar uma só nossa, conforme eu havia prometido. Em setembro de 2017, viajamos para México (Cidade do México), Estados Unidos (Nova Iorque) e Canadá (Ferne, Ottawa, Montreal e Cidade de Quebec), destinos que ela escolheu como “compensação” pela viagem em que ela não esteve presente conosco.

Um senhor de 65 anos e seu filho de 35. Um engenheiro e um jornalista. Amigos de uma vida inteira complementaram-se durante a viagem exatamente como sugerem os textos deste livro. Os relatos ora são semelhantes, ora são diferentes. O café gelado descrito com carinho e apreço pelo meu pai não me causa nenhuma empolgação. O banho com os elefantes do Rio Mekong me trouxe lembranças da infância que me marcaram. Para ele, parece não ter sido nada especial. Uma viagem que não foi uma lição existencialista permanente, como acontece no imaginário de quem viaja para a Ásia. Mas a nossa parceria ficou mais sólida, mais sincera e mais amiga pela convivência diuturna e pelos momentos especiais que compartilhamos. Obrigado, pai, por ter aceitado a aventura!

A DECISÃO

“Você vai ver como um jornalista viaja bem com um engenheiro.”

Foi assim que o meu pai, o professor de Engenharia Elétrica Leimar de Oliveira, de 65 anos – em julho de 2015 – me disse que seria a aventura que faríamos por sete países do Sudeste Asiático. Foi a mais pura verdade!

Na minha infância, entre as brincadeiras solitárias de filho único, eu gostava de desenhar bandeiras de diferentes países com régua e lápis hidrocor. Além disso, meu pai costumava me desafiar a encontrar golfos, cidades, países e desertos num globo terrestre de papelão. A estratégia de ambos era simples: encontrar um nome difícil, fingir que ainda estava procurando um lugar – somente para despistar o adversário – e enrascá-lo com o nome guardado na memória por alguns segundos.

Entre as coleções de livros na estante do meu quarto de infância e adolescência – e que ainda hoje estão no mesmo lugar – na casa dos meus pais, no Recife, ao lado dos livros do Sítio do Pica-Pau Amarelo, está a coleção Nações do Mundo, que trazia dados sobre a geografia e a história de países de todos os continentes do planeta. Acho que assim comecei a imaginar os lugares que tenho a possibilidade de visitar e viver suas realidades. Outras fronteiras, a geopolítica tratou de mudar entre os anos 1980 e os dias de hoje.

A minha relação com os meus pais sempre foi muito próxima e diferente das que eu acompanhava entre os meus amigos e os pais

deles. Meu pai sempre teve toda a facilidade de deixar claro quem mandava, mas a partir do diálogo e com muita paciência. Essa parceria que a gente construiu me fez enxergá-lo ao longo da vida como um melhor amigo ou um irmão 31 anos mais velho. A mesma coisa acontecia com a minha mãe – talvez com um pouco mais de temperamento, mas um carinho e uma dedicação sempre presentes. Como nas dezenas de vezes em que ela me levava ao hospital com crises intensas de asma durante toda a minha infância.

Nós três cultivamos o hábito de viajar juntos e acho que isso facilitava nossa abertura. Horas dentro de um carro exigem brincadeiras e distrações inventadas genuinamente nos anos 1980 e 1990, sem as tecnologias de hoje.

Não havia GPS para calcular tempo e distâncias. Nosso guia era um Quatro Rodas, impresso e em folhas unidas por um espiral. Somar as distâncias dos trechos entre o nosso lugar de partida e o nosso destino também fazia parte das brincadeiras para fazer passar o tempo. Também não havia páginas eletrônicas para alugar um quarto ou ler comentários e opiniões sobre hotéis, passeios e dicas em geral. Ou amigos indicavam lugares, ou revistas especializadas sugeriam passeios, ou os lugares de hospedagem eram alugados depois de ouvir dicas dos moradores do local.

Ser filho único também exige que os seus pais sejam também seus amigos. Nem sempre era possível encontrar um colega para brincar, e meus velhos acabavam cumprindo essa função. Em 1990, aos meus nove anos, fizemos os três a nossa primeira viagem internacional. Fomos a Buenos Aires e Bariloche, na Argentina; e a Puerto Montt, Puerto Varas, Chiloé e Santiago, no Chile.

Uma história que ilustra bem a relação com o meu pai aconteceu no Lago Mascardi, a 40km de Bariloche. Pouco antes do réveillon de 1991 – portanto verão no hemisfério sul –, fui com ele numa canoa até o meio do lago. Na volta, a uns 15 metros da margem, ele me jogou para fora canoa e remou rápido até a beira. Ele mergulhou na

água gelada também para amenizar a gozação. Às gargalhadas os dois, nos enrolamos nas toalhas que mamãe providenciou. Ela também se divertiu com a algazarra e não fez menção de recriminar o meu pai pela sacanagem com o filho pequeno. A família argentina que nos acolhia também se divertiu aos montes.

Nessa mesma viagem, nos hospedamos no local que passou a ser uma referência para nós: a famosa “pensão de seu Carlos”. Chegamos a Puerto Montt debaixo de uma chuva torrencial. Um senhor chileno de seus 75 anos alugava quartos da sua casa para viajantes. Os lençóis e paredes sujos e uma barata pelo quarto passaram a ser a nossa referência de acomodação ruim. Dali em diante, sem as facilidades de reservar hotéis que temos hoje em dia, todos os lugares onde íamos dormir durante as nossas viagens não podiam ser padrão “pensão de Seu Carlos”. Espero que este livro nunca seja vendido em Puerto Montt. A família do Seu Carlos reconheceria a referência à pensão do patriarca.

Muito antes de pensar em ampliar as distâncias das minhas viagens com os meus pais e transformar em realidade o sonho de viajar o mundo, a Ásia era algo muito distante – não só geograficamente.

Meu primo Henrique, arquiteto, surfista e dez anos mais velho que eu, ia todos os anos a Bali, na Indonésia, e voltava por algum lugar diferente. Ele me mostrava as esculturas que trazia em madeira impecavelmente talhadas, as fotos e os vídeos em VHS de seus passeios e, claro, me contava suas histórias. Além dos livros da infância, quando penso no que despertou em mim a vontade de mochilar, lembro dos causos que ele, como grande contador de histórias, relatava durante a minha adolescência.

Carregar uma mochila nas costas me parecia mais próximo das aventuras que eu queria vivenciar. Além disso, a proposta de usar transporte público, comer nos mesmos lugares que os locais e experimentar seus hábitos acabam contribuindo para a sua formação e ampliam a sua visão de mundo. Além de tudo isso, cabe mais fácil no bolso.

Quando eu era criança/adolescente, viajamos de carro, junto com a minha mãe, do Recife a Buenos Aires. Em 1993, eu tinha 11 anos e estávamos indo morar na Argentina, durante o período do doutorado do meu pai. A viagem durou cerca de 15 dias. Passamos pelo Ceará (para rever meu avô paterno), por Brasília (para resolver questões burocráticas da bolsa do CNPq), pelos três estados do sul do Brasil e pelo Uruguai, na ida. Na volta, fomos a Misiones, no nordeste da Argentina, Foz do Iguaçu, Rio, São Paulo e litoral do Nordeste brasileiro até o Recife.

Foi durante os anos no país vizinho quando comecei a chamar o meu pai de “velho”, uma tradução grotesca e incompreendida no Brasil de como os argentinos chamam os pais (*mis viejos*). Até hoje, é assim que o chamo. Para ele, sou “filho meu”. Nessa época, lembro-me que meus tios aventureiros Djalma e Judite – pais de Henrique, o primo-herói – tinham percorrido Recife-Buenos Aires de carro. Eu achava uma loucura. Em 1993 e 1994, também no nosso Santana Quantum vermelho, ano 1992, percorremos o norte da Argentina e boa parte central do Chile.

Nos anos em que moramos em Buenos Aires, meu pai e eu criamos o hábito de correr perto da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, um prédio neoclássico, na Recoleta. Morávamos num apartamento quarto e sala, em Once, no centro de Buenos Aires. Eu dormia num sofá-cama, de frente para uma TV Mitsubishi, de 20 polegadas, com TV a cabo, e era feliz porque podia ver a Manchete e a Globo pelas manhãs (à tarde e à noite, o canal dava vez ao Deuschewelle alemão).

Pois bem, no caminho para as nossas corridas, uma escola primária exibia na sua entrada os dizeres: *Raíces para crecer, alas para volar*. Meu pai achou aquilo lindo. Até hoje, de vez em quando, ele relembra essa frase. Uma metáfora de como devemos ter a exata noção de onde viemos, quais são os nossos valores, a que lugar pertencemos. Ao mesmo tempo, como é fundamental conhecer outros lugares e

culturas, viver outros mundos dentro do planeta Terra, ouvir outras pessoas e respeitar diferenças. Por isso, a ideia de dar esse nome ao livro da melhor viagem que já fiz com o meu pai. Ela vai ficar para sempre nas nossas memórias, assim como as nossas corridas num lugar que passou a ser uma das nossas raízes e nos deu asas para voar até o outro lado do mundo. Para ele, essa foi a viagem dos sonhos também.

Oito anos depois do nosso período na Argentina, no início da minha vida adulta, fomos os três, em um automóvel alugado, de Madri até Roma, passando pelas rivieras Francesa e Italiana e voltando por Veneza, Torino, Grenoble e Toulouse. Percorremos, de carro, o Caminho de Santiago, desde Saint-Jean-Pied-de-Port, até, claro, Santiago de Compostela, na Galícia. Partindo de Salamanca – nossa base, uma vez que eu estudava por lá parte do meu curso de Jornalismo – também fomos às cidades andaluzas de Sevilha, Granada e Córdoba.

Se conseguisse convencer o meu pai, esta não seria a primeira viagem longa com o “meu velho”. Já havíamos conhecido São Raimundo Nonato, no Piauí, pouco antes do intercâmbio de um ano na Espanha. Era uma proposta parecida àquela que encontramos na Ásia. Acampamos no Piauí para conhecer a Serra da Capivara e ficamos hospedados em um *hostel*. Mas, desta vez, seria diferente. A nossa zona de conforto seria testada ainda mais. Os idiomas do Sudeste Asiático, que não dominávamos, e o tempo que passaríamos distante de casa (além, é claro, da distância entre Piauí e Pernambuco e entre Ásia e Brasil) supunham obstáculos que me instigavam ainda mais. O difícil seria convencê-lo a embarcar na ideia. Eu tinha a certeza de que, se conseguisse, seria incrível.

Anos mais tarde, em 2009, quando eu fazia o meu doutorado em Barcelona, meu pai foi me visitar. Minha mãe precisou ficar no Recife e não pôde acompanhar o meu pai. A crise financeira na Europa já estava acentuada. Nem os subempregos que consegui três anos antes existiam mais. Na contramão da tendência, minha situação havia melhorado e eu trabalhava num projeto da Universidade Pompeu

Fabra, onde fiz mestrado e doutorado, que me permitia, pela primeira vez nos três anos em que estava na Europa, ter algum fôlego financeiro. Pedi que meu pai escolhesse dois destinos na Europa. Ele quis conhecer a Inglaterra e a Turquia comigo.

Na Inglaterra, ficamos hospedados na casa de Luís e Rita, um casal de amigos portugueses que conheci no verão de 2007, quando trabalhei em Lisboa, num estágio do mestrado. No passeio pela Turquia, por não conhecermos nem o país nem a cultura, muito menos o idioma, meu pai preferiu que comprássemos pacotes turísticos, que, devido à crise, estavam muito em conta. Acho que as agências tiveram medo de ter um prejuízo ainda maior e praticamente deram de presente as excursões com guias e estadas em hotéis medianos, mas bem acima do nível dos *hostels*. Essa foi a única vez que fiz uma viagem em algum pacote turístico na vida. Meses depois, ainda em 2016, conheci a Dinamarca, a Suécia e a Alemanha junto com dois amigos bascos: Miguel e Imanol.

Quatro anos mais tarde, em 2013, já de volta ao Brasil, nas primeiras férias como professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), fui sozinho a Nova Iorque e São Francisco.

No ano seguinte, no final de 2014, eu estava me preparando para embarcar sozinho em mais uma aventura. Os destinos eram: Nicarágua, Guatemala, Costa Rica e Panamá. Uma semana antes da viagem, minha avó faleceu em Maceió. Fazia alguns anos que eu não ouvia as histórias de Henrique. Depois do velório da minha avó e madrinha do meu primo mais velho, ele lembrou a odisseia que viveu para conseguir fotos de um tubo que ele pegou enquanto surfava na praia de Padang Padang, em Bali. Um fotógrafo australiano tinha captado o momento numa série de imagens. A descrição do dia inteiro dentro d'água, da logística para conseguir a foto na década de 1990 e da falta de dinheiro para comprar toda a sequência de fotos impressas me transportou para a minha adolescência. Também serviu para amenizar o clima da família depois da perda que todos havíamos

sofrido. É impossível não se impressionar com seus relatos de viagem. Perguntei à minha mãe se ela queria que eu adiasse a viagem. Ela disse que não, porque sabia de como viagens me deixam feliz. Além disso, ela estaria cercada de carinho do meu pai e dos seus irmãos.

Depois de conhecer boa parte da Europa e das Américas, comecei a planejar uma viagem para a Ásia. Eu sabia que seria difícil convencer o meu pai a viajar mochilando comigo. Tinha certeza de que ele não teria problemas em dividir banheiros e quartos, experimentar coisas diferentes na rua ou encarar trilhas e passeios que exigissem do físico. Também tinha consciência de que era impossível persuadir a minha mãe, pelos mesmos motivos. As temperaturas altas, a umidade, os degraus dos templos, a falta de conforto e os banheiros compartilhados dos *hostels* afastariam Maria Inês desta aventura. Em viagens longas e sozinhos, meus pais tinham feito uma viagem pela Europa em 1998, com uma companhia de turismo. A proposta romântica e o meu ano de vestibular me deixaram de fora dessa.

Por falta de interesse, tempo e dinheiro dos meus amigos e amigas mais próximos (às vezes, mais de um desses elementos combinados), me acostumei a viajar sozinho, somente com uma mochila nas costas. A minha forma de viajar – que vai além de carregar uma mochila, porque poderia ser uma mala ou uma maleta – não seduz muita gente dos meus entornos: trabalho, amigos de infância, do clube, etc. Meus dias começam cedo, faço sempre excursões a pé com guias locais, visito o que acho mais interessante daquilo que planejei antes da viagem começar. No final da tarde, tomo umas cervejas (que ajudam a dormir junto com quatro, oito ou mais pessoas). Se houver uma balada, ainda consigo marcar presença, mas sem a mesma resistência nem empolgação de outros tempos. Às vezes, os 35 anos já pesam. Portanto, os *hostels* caem como uma luva: conheço pessoas do mundo inteiro, aproveito dicas locais que não aparecem nos guias convencionais e tenho acesso à internet para dar sequência à viagem.

Viajando assim, de mochila nas costas, já havia visitado parte

da Europa ocidental e algumas partes das três Américas. Para mim, as experiências que acumulei nesses lugares e a familiaridade com os métodos de viagem me credenciavam a ir para a Ásia sem nenhum receio. Também por isso, me sentia confiante para levar o meu pai junto. Alguns fatores facilitavam a nossa jornada. Ambos somos professores na mesma universidade. Argumentei que teríamos o mesmo tempo de férias. Poderíamos aproveitar o recesso do Natal e emendar com as férias de janeiro. Isso nos daria cerca de 40 dias. Sabia que precisava de mais de um mês para completar o roteiro que incluía sete países. Também falei dos lugares, das cidades, dos templos. Nada adiantava e todo esse esforço foi inútil por algumas semanas. Ele sempre foi assim: reluta no começo, depois incorpora a ideia e, mais tarde, se empolga como uma criança. A mesma coisa aconteceu com as séries: *Game of Thrones* e *Vikings*, que passamos a assistir juntos no apartamento que dividimos em Campina Grande.

Depois de muitas recusas dele, comecei a planejar a viagem sozinho. Emiti as passagens com milhas. A chegada seria por Singapura e a volta por Bangkok. A escolha desses destinos foi feita meramente pela promoção dos bilhetes. O que aconteceria entre Singapura e Tailândia ainda era incerto. Comecei a traçar o roteiro entre uma entrada e outra do meu pai ao meu quarto. Fazia dois anos e meio que tínhamos voltado a morar juntos. Depois de deixar o Recife pela segunda vez, passei nove anos da minha vida entre Brasília, Barcelona e Brasília novamente. Meu planejamento de viagem era (e é) sempre feito da mesma forma que estou escrevendo esse livro: deitado numa almofada-tryedro com o computador portátil apoiado numa bandeja acolchoada da Ikea, comprada há oito anos numa promoção em Barcelona. Boa parte do meu doutorado também foi feita assim. Alguns dias depois de eu começar a planejar a viagem e de ter mostrado ao meu pai a promoção de passagens, ele entrou mais uma vez no meu quarto, sentou na minha cama e me perguntou sobre Angkor Wat, em Siem Reap, no Camboja.

– Onde que é isso?

– É Siemp Reap, pai. São vários templos, no meio do Camboja.

– Hummm, disse ele, enquanto saía discretamente e sem perguntar mais nada.

Essa cena se repetiu algumas vezes entre uma incursão e outra no meu quarto. A única coisa que mudava eram os cenários. Ele viu na tela do meu computador: os túneis de Cù Chi, cenário da Guerra do Vietnã, e o arquipélago de Halong Bay, também no Vietnã; viu o Triângulo Dourado, na fronteira entre Laos, Myanmar e Tailândia; e as imagens dos balões de Bagan, no norte de Myanmar, entre outros lugares do meu roteiro.

Durante a montagem do itinerário, eu contava com o ajuda de Rafael Moraes, conhecido como Pops, um irmão que a vida me trouxe e viajante nato, que estava dando a volta ao mundo naquela época. Existia a possibilidade de que Pops e eu coincidíssemos em alguma parte da viagem. Foi ele quem me mandou uma mensagem quando estava em Ruanda, em junho de 2015, me avisando de duas promoções: uma era a compra de milhas – pague uma, leve três –; a outra, a emissão de passagens no programa de milhagem para a Ásia. Comprei os bilhetes aéreos aproveitando a precária internet de um hospital de Campina Grande, onde eu acompanhava um colega que convalescia. Só emití o trecho Recife-Singapura. Adquiri Bangkok-Recife quatro dias depois porque precisava que a transferência dos pontos do cartão fosse para o programa de milhagem.

Acho que a possibilidade de encontrar Pops, um dos sobrinhos postichos, querido dos meus pais, foi o que começou a fazer o professor Leimar aceitar a proposta de viagem. Até hoje, não sei o que o fez mudar de ideia. Talvez ele explique aqui neste livro. Sei que ele passou por um processo de convencimento. Semanas depois, ele entrou mais uma vez no meu quarto. Desta vez, muito decidido:

– Filho, quero que você compre essas passagens com milhas, mais baratas do que você conseguiu para você. Agora eu vou!

Demos boas gargalhadas com essa “ordem” dele. A promoção havia acabado e os assentos disponíveis nos meus voos de ida e volta só poderiam ser adquiridos pagando um valor acima do que eu tinha encontrado no início do planejamento da viagem. Ele, que sempre viajou comprando passagens e excursões numa agência local de viagens, decidiu comprar as passagens mesmo assim. Aceitou viajar como mochileiro e dormir em *hostels*, do mesmo jeito que eu fazia.

Na jornada com o meu pai, mudei alguns hábitos. As saídas à noite com os amigos que costumava fazer viajando sozinho deram lugar a períodos mais longos de sono e conversas caminhando pelas cidades que escolhemos. Também combinamos que comeríamos somente comida local. Foi assim que começamos a planejar a nossa aventura pela Ásia.

A viagem para o Sudeste Asiático foi importante porque não estava prevista. Somente depois de muito tempo de termos terminado a viagem, começo a me perguntar: por que viajar? Primeiro achei que não valeria a pena narrá-la porque minhas viagens nunca tiveram muito glamour.

Eu não viajo por nenhum motivo existencial. Não viajo para me modificar, nem para me encontrar. Não viajo em busca de identidade, nem para mudar o mundo. Se no decorrer da viagem, eu mudar a mim mesmo, será uma consequência. E estou satisfeito com isso.

Eu viajo para aprender. Para ver coisas diferentes, pessoas diferentes, culturas diferentes, modos diferentes de ver o mundo. Acho que acaba sendo por curiosidade. Viajo pelo gosto de viajar. Eu adoro viajar. Se o espaço profundo não fosse tão hostil e extremamente escuro, eu tranquilamente entraria numa nave e passaria o resto da vida contemplando o cosmo.

Em uma noite de junho de 2015, fui acordado por Diogo, mais ou menos a uma hora da madrugada com a seguinte frase:

- Pai, vamos para o Sudeste asiático? A gente vai pra Singapura e volta por Bangkok.

Eu disse:

- Filho, deixe-me dormir, depois a gente conversa.

Ele dizia que não, porque teria que comprar as passagens naquele momento. Respondi que iria pensar e, um mês depois, eu estava comprando as minhas passagens. Obviamente, pelo dobro do preço das que ele havia comprado, mas avaliei que valeria a pena porque seria um momento ímpar, em que iríamos fazer uma viagem juntos com mochila, muita disposição e utilizando-nos de muitos hostels baratos. Comprei as passagens buscando coincidir os voos com os que ele havia comprado a partir de São Paulo, e comecei a preparar os roteiros e a pensar na viagem. Passada essa primeira fase, começamos os preparativos.

Primeiro, busquei na internet o que havia de melhor entre os acessórios, segundo o que eu imaginava. A mochila não poderia ser nem muito grande, e nem muito pequena.

O segundo item que sempre soube que um mochileiro não pode negligenciar é um bom par de tênis. Mas como era mais complicado comprar pela internet, resolvi comprar durante a viagem.

Comecei, então, a estudar a história do Sudeste Asiático e também as cidades que iríamos visitar. Esses estudos passavam por ter um breve conhecimento da história do país, da cultura, da sua gente, da sua economia, do seu sistema político e as marcas que o Ocidente havia deixado na história recente de Laos, Camboja e Vietnã, devido às guerras. Verificaríamos depois que a história que aprendemos no Ocidente sobre o Oriente, é na verdade, muito mal contada.

Já que o nosso roteiro começava em Singapura e terminava em Bangkok, a primeira preocupação foi evitar percorrer o mesmo trecho duas vezes. Teríamos que estabelecer um roteiro de tal forma que fôssemos percorrendo os destinos como em círculo, no mesmo sentido, de maneira a terminar em Bangkok. Feito isso, chega o

*momento de decidir: quais cidades? Pela importância histórica, Ho Chi Minh e Hanói não poderiam ficar fora desse roteiro. Como havia muitas cidades entre elas, começamos a ler, levantar dados e criar critérios. Se era uma cidade Patrimônio Histórico da Humanidade, valeria a pena. Se era Patrimônio Natural da Humanidade, seria priorizada; e se durante a viagem, fôssemos ouvindo informações relevantes (segundo nossos critérios, valor histórico e museus) de alguma outra cidade que estivesse nesse intervalo de espaço, ela seria incluída. Esse era o perfil das cidades que iríamos conhecer. Incluímos, através desses critérios, Malaca e Penang, na Malásia; Siem Reap e Phnom Penh, no Camboja; Hoi An, Hue e Halong Bay, no Vietnã; Chiang Rai, Chiang Mai e Kanchanaburi – uma pequena cidade onde se passa a história relatada no filme *The Bridge on the River Kwai* –, na Tailândia; Mandalay, Bagan e Yangon, em Myanmar.*

Percorremos várias cidades e esta foi a viagem dos meus sonhos. Com o tempo, descobri que há 35 anos, quando viajamos juntos, Diogo havia viajado comigo. E, pela primeira vez, estávamos fazendo uma viagem na qual eu viajaria com ele.

Leimar

A EXPECTATIVA

Depois que passamos a planejar o roteiro juntos, meu pai decidiu dedicar-se à viagem. Faltavam pouco mais de cinco meses. Ele já estudava inglês com o professor particular Flávio Barros, um ex-locutor da BBC de Londres com quem, há dois anos, eu também melhorei o meu nível no idioma. Em 2011, ele passou dois meses em Manchester, na Inglaterra, tendo aulas intensivas de inglês. Viajou sozinho e sem fluência no inglês. Segundo ele, teve que voltar justamente quando estava se adaptando e entendendo melhor os amigos da residência e os colegas do curso. Acho que esse período longe da minha mãe e de mim fez com que ele perdesse o medo de enfrentar desafios relacionados a viagens. Ele foi sozinho a Liverpool e Londres, foi a jogos de futebol do Manchester City e do Manchester United, etc. Definitivamente, ele teve que sair de sua zona de conforto e isso parece tê-lo agradado. Antes da nova aventura, ele sabia que precisaria praticar mais.

Para manter o ouvido acostumado ao inglês, todos os dias quando eu acordo, antes de ir para a Universidade, ele está ouvindo canais de notícia em inglês: BBC ou CNN. Outro hábito frequente é encontrá-lo na rede do seu quarto ouvindo os áudios das aulas de todas as quintas-feiras de manhã bem cedo. Ultimamente, ele tem assistido a vídeos no YouTube sobre montagens de turbinas e cataventos para produção de energia eólica.

O aspecto físico também era importante. Acima do peso há alguns anos, meu pai oscila entre a dedicação à dieta e o relaxamento total com a alimentação. Entre julho e dezembro – os meses de planejamento da viagem –, ele passou a treinar duas vezes por dia: pela manhã e no final da tarde, alternava caminhadas e corridas com exercícios de musculação. Perdeu cerca de 12 quilos até o início da viagem.

A corrida anual que comemora o dia dos professores da UFCG, onde ambos damos aula, em outubro, passou a ser a meta de preparação física dele. O objetivo era melhorar o tempo de 56min para percorrer os 6km da prova, num terreno com grande oscilação de altimetria. Dois professores da categoria dele – acima de 60 anos – haviam terminado a edição de 2014 abaixo dos 30min. Evidentemente, são senhores que correm com frequência e cuidam da alimentação sempre. Em 2014, ele ficou em terceiro lugar, mas os mais de 26 minutos que os colegas abriram de vantagem em relação a ele, o estimularam a melhorar a performance no ano seguinte. Meu pai queria diminuir o tempo pessoal em, pelo menos, 15 minutos. Assim, como eu também estava me preparando para a Meia Maratona Internacional do Rio de Janeiro, em agosto, passei a acompanhá-lo em corridas no mesmo percurso da Corrida dos Professores da UFCG. Esses hábitos que criamos juntos nos ajudaram durante a viagem. Sabíamos que o calor e as longas distâncias exigiriam entrosamento, parceria e físico.

Meu pai também passou a fazer buscas na internet e a participar de fóruns sobre a compra de mochilas e calçados próprios para viagens como a que iríamos fazer. Depois de algum tempo de pesquisa, ele desdenhou da marca da minha mochila, porque, segundo especialistas, ela era apenas a terceira melhor do mercado. Ele optou por uma mais leve, mas menos resistente. O tênis de caminhada, ele preferiu comprar durante a viagem. Acabou decidindo por um, num shopping em Kuala Lumpur, na Malásia. Esse par de tênis seria fundamental em um dos momentos mais tensos da nossa aventura pela Ásia.

Sobre o itinerário, pegamos como referência um mapa de uma

empresa de turismo e fomos adaptando-o às nossas vontades. Tudo seria por nossa conta e sem a ajuda de guias ou agências. Parte do roteiro já estava definido antes de deixarmos o Brasil, a outra sofreu pequenas adaptações ao longo do percurso.

Outro item importante da preparação seria a garantia de termos todos os vistos. Vietnã e Myanmar exigiam que o passageiro os tivesse antes de ingressar em seus territórios e que isso acontecesse em alguns dos principais aeroportos desses países. Esses eram os nossos únicos compromissos: chegar a Penang (Malásia), Ho Chi Min (Vietnã) e Mandalay (Myanmar) nos dias das reservas dos voos. O restante do roteiro poderia sofrer alterações que negociávamos sem conflitos durante a viagem. Em Singapura, na Malásia e na Tailândia, não havia nenhuma exigência para brasileiros. No Camboja e no Laos, os vistos podiam ser emitidos no próprio aeroporto, sem nenhum trâmite prévio.

Decidimos que queríamos dar um mergulho no Oceano Índico, o único que faltava para ambos. Então, a melhor opção era irmos de Singapura para a Malásia. Descobrimos que havia uma cidade fundamental na complexa ocupação de território e logística marítima da Ásia, que tinha sido colonizada por portugueses. Esta seria uma excelente passagem até Kuala Lumpur. Então, para o banho no Índico, pensamos em Langkawi, perto de Penang, distante 358km ao norte da capital malaia.

De lá, iríamos a Siem Reap, no Camboja, para vermos Angkor Wat e Angkor Thom, os templos que começaram a despertar o interesse do meu pai pela viagem. Em seguida, iríamos para Phnom Penh, capital cambojana, onde pegaríamos um avião para Ho Chi Min, no Vietnã. Além da principal cidade ao sul do país, nossos destinos seriam: Hoi An, Hue e Hanói. Na sequência, viria Luang Prabang, no Laos. Cruzaríamos a fronteira para a Chiang Rai e Chiang Mai, no norte da Tailândia. O passeio de balão, em Bagan, no norte de Myanmar, era uma das nossas atrações mais esperadas – em 2009,

tínhamos feito um passeio de balão que sobrevoava a Capadócia, na Turquia. Uma nova oportunidade de flutuar juntos era instigante para nós. Depois, desceríamos até Yangon, também na antiga Birmânia. A viagem terminaria em Bangkok, de onde retornaríamos ao Brasil.

Para definir as cidades que conheceríamos e cumprir os 42 dias disponíveis, segundo o que havíamos acordado, era preciso cuidar da logística. Teríamos que saber a melhor hora de chegarmos a uma cidade, quantos dias iríamos passar nessa cidade e a melhor hora de sair, de preferência aproveitando as noites para viajar para tirar o maior proveito do tempo. Aqui, havia uma pequena divergência. Diogo achava que deveríamos ir na aventura e somente ao chegar aos locais iríamos procurar os hostels. Eu achava que uma viagem ao Sudeste Asiático, com as minhas limitações de idioma (idioma esse que lá se comprovou muito mais limitado) e com uma cultura completamente diferente da nossa, já seria, por si só, uma grande aventura. Portanto, quanto melhor planejássemos, maiores as chances de sucesso e melhor o aproveitamento.

Então, traçamos um roteiro em que sabíamos o horário de chegada em qualquer cidade, o tempo que ficaríamos nessa cidade, a hora de sair e o meio de transporte. Tínhamos a distância em quilômetros entre as cidades, o que nos permitiu fazer previsões de chegada no destino seguinte se usássemos trem, ônibus ou avião. Essa medida se mostrou extremamente importante, e muito tempo foi ganho. Como estávamos fora dos roteiros turísticos tradicionais (em que há pessoas com plaquinhas no aeroporto esperando, traslado para hotel, etc.), teríamos que ter o máximo de informações.

Leimar

A VIAGEM

Eu parti na sexta-feira, 18 de dezembro de 2015, para São Paulo. Nosso voo sairia de lá na madrugada do dia 21, rumo a Singapura, com escala em Doha, no Qatar. Foi a primeira vez que visitei a capital paulista com o mínimo de tempo para aproveitá-la. Evidentemente, São Paulo é uma cidade atrativa, cheia de possibilidades de cultura, lazer e gastronomia. Mas, na minha cabeça, desde pequeno, a cidade era um caos, um monstro. Então, sempre que possível, marcava minhas viagens com início no Recife ou no Rio de Janeiro. Quando era inevitável partir por São Paulo, optava por chegar momentos antes do horário do voo.

Meu primo Duda Lopes morava na Barra Funda havia alguns anos. Já tinha visitado sua casa na volta de um mochilão curto pela Colômbia (Bogotá e Cartagena), em abril de 2015. Daquela vez, a companhia área com a qual viajei tinha me dado pouco tempo para fazer a conexão para o Recife. Perdi o voo e me ofereceram outro, cinco horas mais tarde. Pegar a linha vermelha do metrô de São Paulo só confirmava a impressão que tinha sobre a cidade. Era impossível sustentar-se dentro do vagão. Uma senhora de uns 75 anos de idade agarrou-se em mim para ter algum apoio e controle mínimo sobre os movimentos. Só depois de passar pela estação da Sé, houve certo alívio. Tive tempo de tomar café da manhã com Duda numa padaria e brindar com uma latinha de cerveja. As cinco horas resumiram-se a pouco mais de 30 minutos com o meu primo. Já era hora de voltar

para o aeroporto, recolher a mochila que tinha deixado no guarda-volumes e pegar o voo de volta para o Recife.

Antes da viagem para a Ásia, foi diferente. Pude compartilhar um fim de semana com Dani e Karen – as produtoras de cinema de um astral excelente que dividiam apartamento com o meu primo. Houve tempo para passear pela Catedral da Sé; visitar a exposição ComCiência, da artista plástica Patricia Piccinini, no Centro Cultural Banco do Brasil; e tirar a clássica foto no cruzamento da Ipiranga com a São João. Revi ainda Guilherme Dorneles, um grande amigo da época em que morei em Barcelona (entre 2006 e 2010) e hoje um grande repórter de campo da Rádio CBN. Também consegui andar no Minhocão no domingo à tarde, apesar do temporal que desabou na capital paulista naquele dia; e ir ao Museu da Língua Portuguesa, apenas dois dias antes do incêndio que o destruiu.

Encontrei o meu pai no Aeroporto de Guarulhos, perto dos guichês de *check-in* e despacho de bagagem. Jantamos pouco, mas o suficiente para ele se sentir mal alguns minutos antes do embarque. Lembro que tínhamos preocupações sobre a nossa alimentação na Ásia. No entanto, esse foi o único mal-estar que ele ou eu tivemos durante a viagem, nos sete países que percorremos, e comendo as iguarias mais estranhas que o Sudeste Asiático podia oferecer.



Durante as 14 horas de voo até Doha, tentamos calcular o fuso em Singapura e dormir já de acordo com o horário de destino. Tanto meu pai quanto eu nunca tivemos problemas para encontrar o sono. Paramos no gigantesco aeroporto da capital do Qatar. Impressionam a diversidade e o contraste entre Ocidente e Oriente no aeroporto de Doha. As típicas palavras dos aeroportos (*arrivals*, *transfers*, etc.) escritas em árabe davam uma noção do que encontraríamos dali em diante. Absolutamente nenhuma associação possível com os idiomas que conhecíamos.



Depois de 14 horas de voo chegamos em Doha. A Qatar Airways é impressionante mesmo. Atendimento, conforto, pontualidade, comida e filmes massa! Agora, mais 8 horas pra Cingapura. Tentar não dormir pra acostumar com o fuso. Diversidade de gente chama a atenção no aeroporto daqui.



Nas três horas de espera pelo voo de mais oito horas até Singapura, compramos o celular que o professor Leimar queria. Mas, mesmo com todo o cuidado que ele teve em preparar a mochila, acabou esquecendo o chip e depois, na volta, confirmou que o tinha perdido. Este seria um problema durante a viagem. O meu celular servia de computador para fazer as reservas nos *hostels* e comprar as passagens entre os destinos que havíamos traçado. Ele começava a apresentar falhas pelos quase dois anos de uso intenso.

Alguns dias mais tarde, já na Malásia, escrevi isso aqui sobre a situação do meu celular.



Mas, a partir do Camboja, as falhas sumiram com a mesma facilidade que apareceram. Ao longo da viagem, fizemos todas as reservas usando o meu celular, sem qualquer tipo de problema. Sorte a nossa!

A maioria dos transportes que utilizamos, tanto internamente (nas cidades) quanto no traslado de uma cidade a outra, foram trans-

portes alternativos. Isso implica uma série de diferenças, desde os horários de chegar para traslado, a hora do término da viagem e os imprevistos durante o trajeto. Em contrapartida, os trens que pegamos, principalmente no Vietnã, os ônibus também muito bons, chamando a atenção para a pontualidade. Tivemos apenas dois pequenos problemas com os ônibus: um entre Kuala Lumpur e Penang, e outro entre Luang Prabang e Chiang Rai.

Os voos na Ásia são extremamente precisos nos horários e todas as companhias (orientais e ocidentais) que operam são muito boas. Resumindo, usamos todos os meios de transporte que podem conduzir pessoas: tuk-tuks, bicicletas, vans, aviões, trens, ônibus, automóveis... (com direito a mão do lado direito e do lado esquerdo). Trafegamos também em estradas com mão esquerda e com mão direita, como a nossa.

*Além dos trajetos aéreos que tínhamos comprado ainda no Brasil, as reservas nos *hostels* eram feitas por Diogo, no celular, com uma antecedência de apenas um dia, em média. Isso era uma novidade muito grande para mim. Eu nunca tinha viajado desse jeito. Isso otimizava demais a viagem. Quando chegávamos na cidade, íamos direto ao *hostel*, além de ser mais barato. Achei muito eficiente viajar assim.*

Tentei várias vezes habilitar o meu celular novo para funcionar como um reserva porque o de Diogo apresentava sinais de que poderia deixar de funcionar a qualquer momento. Não consegui na Malásia, nem no Camboja, nem no Vietnã, nem no Laos. Na Tailândia e em Myanmar, eu já tinha desistido. Tivemos um pouco de sorte porque os problemas do nosso aparelho de reservas de hospedagens e passagens sumiram de uma hora para outra.

Leimar

SINGAPURA

Chegamos a Singapura no meio da tarde, ainda desnorteados pelo fuso. *Ketibaan* foi a primeira palavra que vimos nas placas do Aeroporto Internacional de Changi. Ao lado de *Arrivals*, fazia sentido que fosse “chegada”. Mas em qual idioma? Era malaio! Além do inglês, o malaio também é um dos idiomas oficiais do país.

Tiramos alguns dólares cingapurianos no caixa eletrônico, sem maiores dificuldades. Era o suficiente para pegar o metrô até Chinatown, pagar pela nossa alimentação e passeios e passar três dias no país, antes de pegarmos o ônibus para a Malásia. Como meu pai tinha dito, a parte do cálculo do dinheiro necessário ficaria com ele. Comigo ficavam a logística dos *hostels*, a compra de ingressos em museus e atrações e tocar a viagem nos temas relacionados ao inglês – e claro, às mímicas. Uma senhora, funcionária do metrô de Singapura, nos ajudou a comprar os bilhetes simples até Chinatown, onde ficava o nosso *hostel*. Ele estava localizado por trás de bancas de ambulantes, na *Pagoda Street*, principal rua do bairro chinês de Singapura, onde se vende de tudo – de ímãs de geladeira a budas gigantes.

Nosso quarto media 2mx3m e tinha um beliche. Combinamos que eu sempre ficaria na parte de cima para que o meu pai tivesse trânsito livre durante a noite. Nesse alojamento, meu nariz ficava a menos de um palmo do sensor de fumaça. O banheiro era compartilhado, mas não tivemos nenhum problema com isso ao longo da

viagem. Esse primeiro momento também serviu para que nós criássemos os nossos métodos durante o tempo que passaríamos juntos: repartir o dinheiro, cuidar dos passaportes, trancar as mochilas e levar sempre conosco aquilo que fosse essencial para dar sequência durante o dia. Entre um destino e outro, antes de pegar o meio de transporte, reorganizávamos nossas mochilas. Era um exercício quase terapêutico: conferir roupas, acessórios, documentação, etc. Nossa parceria aumentava nesses pequenos gestos e hábitos.

Tínhamos certeza de que, na Ásia, tudo seria diferente. A alimentação, principalmente. Saímos à noite para dar uma volta pelo bairro. Desde o aeroporto, passando pelo metrô, que oscilava entre subterrâneo e de superfície, até o centro, tudo era absolutamente moderno e imponente.

Passamos por um shopping, mas optamos por comer um sapo apimentado com cogumelos na movimentada rua do nosso *hostel*. Claro que poderíamos optar por pratos mais convencionais, mas a possibilidade de experimentar um sapo logo na primeira noite na Ásia nos agradou. Meu pai sempre gostou de pimenta. Eu, não. A garçonete nos explicou impacientemente como funcionava o método para escolher o nível de pimenta de cada prato. Pedimos um sapo nível 2 de pimenta, de um total de 4. Mesmo assim, para o meu gosto, era muito picante. Meu pai tentou comer com o *hashi*, mas preferiu usar a colher grande de porcelana usada para servir os pratos. Isso nos rendeu boas gargalhadas. Apesar de os pratos serem familiares (frango, pato, *noodles*, etc.), os temperos e os cheiros eram novidades para nós.

Depois de provar a Tiger, cerveja local, conhecemos o Lau Pa Sat, um prédio histórico transformado em mercado gastronômico. Em seguida, caminhamos até o centro financeiro, onde fica o famoso e gigantesco Marina Bay Sands, o hotel de três torres, unidas por um teto-plataforma com uma piscina infinita: uma obra impressionante de engenharia. Chamaram a nossa atenção os templos hinduístas e tauístas, diferentes de mesquitas, igrejas e sinagogas – mais comuns no Ocidente. Antes de voltar para o *hostel*, com o calor que fazia, provei sucos gelados de lichia e *tea*, o *ice limau*, e meu pai preferiu cafés gelados na vendinha do *Mister Moosha*, perto do templo e museu Buddha Tooth Relic, em Chinatown.

A única pausa que fizemos no nosso projeto de ficar somente em *hostels* ou hotéis baratos foi passar um dia e uma noite no Marina Bay Sands. Caro para os nossos padrões, a experiência da piscina e a vista panorâmica de toda a cidade fizeram com que incluíssemos essa estada no nosso orçamento. A construção das três torres e da plataforma que as une havia sido tema de documentários que vimos ainda no Brasil. O hotel é uma obra arquitetônica impressionante e ainda guarda, no seu interior, esculturas e estruturas igualmente chamativas.

Lá, existem duas opções de vista. Escolhemos a voltada para a cidade – o Centro Financeiro, o Rio Singapura, o Parque Merlion, região por onde criam o circuito de rua da Fórmula 1. O outro lado também tem uma vista privilegiada: o Gardens by the Bay e a roda gigante Singapore Flyers. A maioria dos lugares turísticos de Singapura possui internet rápida disponível e sem registros ou *passwords*.

Vista do Lago Singapura, do hotel Marina Bay Sands e da Flor de Lótus, onde funciona o Museu de Ciências de Singapura



Chegamos ao Marina Bay Sands cinco minutos antes do início do *check-in*. Queríamos aproveitar o máximo de tempo possível. Dentro do nosso quarto, cabiam talvez três do nosso no *hostel* de Chinatown. Um dos ensinamentos que meus pais me passaram desde pequeno é que eu deveria ter a capacidade de ser feliz na barraca mais simples da praia e no melhor restaurante da cidade. Ou seja, na pensão de Seu Carlos ou no Marina Bay Sands. Sempre entendi esse conselho como uma forma de estar preparado para todo tipo de ocasião e não reclamar delas. É sempre melhor encará-las e aproveitá-las. Agora, estávamos juntos, meu pai e eu, em situações que oscilavam da carência à fartura – isso é inerente à viagem de mochileiro. Esse ensinamento repassado pelos meus pais era uma premissa fundamental para a vida. Dali em diante, seria, claro, importante para nós dois e a nossa viagem.

Depois de brincarmos no quarto do hotel com os roupões, de rirmos muito da nossa única situação de luxo e de admirarmos um pouco a vista que tínhamos da cidade, subimos para o primeiro dos três banhos de piscina, cada um em um período da nossa estada de 24 horas. Pedimos duas cervejas que nos custaram 24 dólares, as duas, para amenizar o calor e brindar pelo momento único que estávamos vivendo. Mesmo fora do hotel, a cerveja em Singapura é muito cara. Ainda bem que o preço dessa bebida foi caindo ao longo da viagem. Se não fosse assim, o nosso orçamento precisaria ser revisto.



Diogo Lopes de Oliveira atualizou a foto da capa dele.

23 de dezembro de 2015



Foto tirada pelo meu pai em um dos raros momentos de poucas pessoas na piscina do Marina Bay Sands

A piscina desse hotel é muito concorrida e a variedade de idiomas ouvidos por lá impressiona. A visita ao Gardens By the Bay também era obrigatória. Localizado a poucos metros do MBS, o jardim de estruturas artificiais gigantescas cobertas com plantas reais parece cenário de filmes de ficção científica. No final da tarde/início da noite, optamos por ir à Singapore Flyers, uma roda gigante com uma vista privilegiada de todo o centro de Singapura. Na base dela, há vários *trailers* que vendem todo o tipo de comidas locais. Entre eles, o da dona Jenny, que vende um pato assado com uma sopa de *noodles* e vegetais – sempre picante – e almôndegas brancas espetaculares. Valeu o jantar embaixo da Singapore Flyers.

Nos primeiros dias, entre o fuso, as novidades e o entusiasmo, era impossível, para mim, dormir sete ou oito horas seguidas. Enquanto meu pai dormia profundamente, demorei duas ou três noites para descansar sem pausas. A combinação de calor e umidade da cidade lembra Belém do Pará, única cidade do norte do Brasil que eu conheço. A sensação é a de estar num aquário com água muito quente. Por isso, além da atração da piscina do MBS, os banhos para refrescar eram sempre bem-vindos a cada volta ao hotel. A vista noturna do centro financeiro de Singapura, apoiado na borda da piscina infinita do hotel, é imperdível! Pode-se passar horas admirando a engenhosidade humana e a diversidade de cores das luzes que iluminam o lago e os edifícios.

Durante as nossas conversas sobre as primeiras impressões da Ásia, lembro de imaginarmos se algum dia voltaríamos a Singapura. Chegamos à conclusão que o mais provável era que não. Tanto meu pai quanto eu temos interesse em conhecer lugares a que ainda não fomos. Ao mesmo tempo, ainda tínhamos vários dias de estrada e muita coisa ainda por descobrir. Essa incerteza – de ser a última vez em Singapura e do que ainda encontraríamos pela frente – nos fazia querer aproveitar cada momento.

Era curioso perceber que, mesmo do outro lado do mundo, referências a amigos e familiares não só são possíveis como são corriqueiras. É como se as suas vivências estivessem sempre com você e fosse possível associá-las a coisas que você imagina serem completamente alheias. Nunca são.



Diogo Lopes de Oliveira

24 de dezembro de 2015 · Campina Grande · 🌐

É engraçado como você se lembra dos brothers durante as viagens. Aparentemente, a Ásia é outro mundo. Não deveria ser possível associar alguma coisa ao velho Brasa. Que nada! Lembrei de Augusto Henriques quando passei pela zebra da corrida F1, de João De Lima quando vi a loja de super-heróis, de Mariana Guimarães quando vi o preço da raquete que eu não podia carregar durante a viagem, de Rafael Pops Barbosa Moraes, viajante inveterado quando tenho que imaginar o que ele faria pra resolver um problema e não tenho o whatsapp à mão ou o fuso não me permite encontrá-lo... Esses são só alguns exemplos de tantos outros. A gente carrega o nosso mundo não importa em que mundo a gente esteja. Feliz natal, galera!

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Correr, atividade que tento realizar durante as viagens e que tinha voltado a fazer junto com o meu pai, em Singapura, era torturante. Lembro de pedir guardanapos numa lanchonete que estava abrindo pela manhã para enxugar os dedos e poder manusear o celular. A perda de líquido é incrível e, sem locais para reidratar, passar de uma hora de atividade deve ser para poucos. Mesmo assim, era possível encontrar algumas pessoas exercitando-se sozinhas e em pequenos grupos de corrida.

É muito bom notar que todos se cumprimentam para dar um incentivo ao seu colega de corrida, mesmo sem nunca os ter visto. Fora a temperatura e a umidade, o lugar é muito bom para correr. Regular e plano. O circuito em volta do lago que se forma no final do rio Singapura tem a mesma dimensão do Açude Velho, em Campina Grande: 2,2km. É a referência que o meu pai tem até hoje para calcular curtas distâncias.

O Museu de Artes e Ciência de Singapura, que fica numa estrutura de concreto, se parece à flor metálica, a *Floralis Generica*, que embeleza o já charmoso bairro da Recoleta, em Buenos Aires. Essa flor, no início dos anos 1990, fica ao lado da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, onde meu pai e eu costumávamos

correr. O museu fica na frente do MBS e, em dezembro de 2015, oferecia uma exposição sobre o Grande Colisor de Hádrons (em inglês: *Large Hadron Collider*), laboratório europeu localizado na Suíça; e outra sobre os ganhadores dos prêmios Nobel.

Na véspera de Natal, retornamos ao *hostel* de Chinatown. Como o país não tem hábitos católicos, nem parecia dia de celebração do nascimento de Jesus. Não há árvores de Natal, presépios ou Papai Noel. A nossa ceia também foi completamente diferente do Brasil. Nada comparada às nossas tradicionais festas familiares; tomamos banho depois da ceia, ficamos vendo os remendos no asfalto extremamente bem feitos, comemos *noodles* com frutos do mar e dividimos uma lata de cerveja Tiger comprada por R\$14,27.



Diogo Lopes de Oliveira

24 de Dezembro de 2015

Aí você volta pro *hostel* depois de passar um dia no Marina Bay Sands. Volta pro mesmo quarto que dormiu a primeira noite com o nariz em cima do sensor de fumaça (o pé direito do quarto do Marina, segundo o professor Leimar, é de uns 4m). Eis que Fadhila, a recepcionista, pede pro velho e eu posarmos pra uma polaroid que ficará "imortalizada" na entrada do *hostel*. É o carinho e a atenção na noite de natal, meu povo!!!! #cingapura #singapore #5-footwayinn #marinabaysands #hostel #backpacking #asiatrip — em Chinatown, Outram.

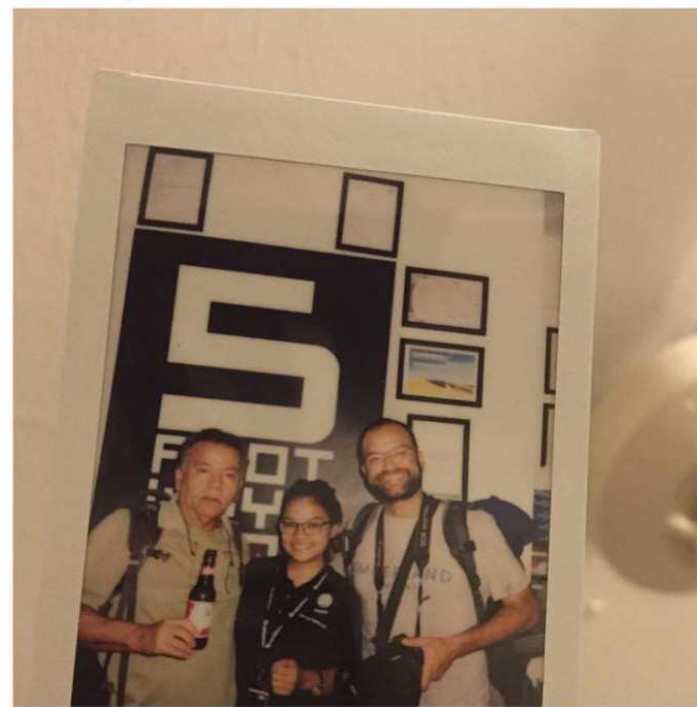
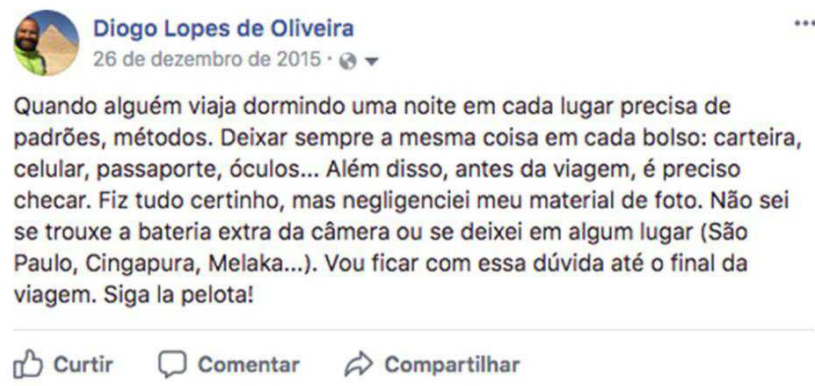


Foto da foto:
Fadhila, meu pai e eu na volta do *hostel*. Em segundo plano, o sensor de fumaça que ficava muito perto da parte de cima do beliche.

Todos os percursos em Singapura, nós fizemos a pé – exceto pelo *hop on hop off* – ônibus panorâmico com 39 paradas em Singapura – e pelo táxi do *hostel* para um shopping de onde saía o ônibus para Malaca, na Malásia. Deixamos para fazer o passeio de subidas e descidas em vários pontos turísticos para ter uma visão mais geral da pequena Singapura. Escolhemos conhecer os bairros de Little India e Clarke Quay. O primeiro, pela curiosidade de ver como a Índia, país a que nunca fomos, influenciava as outras cidades da Ásia. O segundo, por indicação do pessoal do *hostel*. Em Clarke Quay, há vida noturna, bares e restaurantes excelentes.

O nosso esquema de locomoção, que começamos a definir em Singapura e durou toda a viagem, era muito simples e prático: deixávamos as mochilas grandes no *hostel* e saíamos com as mochilas de ataque, com a minha câmera profissional, água, produtos de higiene, óculos escuros, carregadores, guardanapos e sacos plásticos para qualquer emergência. Meu pai também começou a entrar no ritmo de reservas de *hostels* no dia anterior, mudanças de local e retorno ao *hostel* somente para dormir. Mesmo com todos os cuidados, é inevitável perder o controle de algum item durante tantos dias.



Ainda nos faltava visitar o Museu das Civilizações Asiáticas. Seguramente Singapura era o destino mais esperado pelo meu pai. Ali, cai por terra a impressão ocidental que temos de que tudo no Oriente é igual. A complexidade da construção da identidade de cada país asiático é incrível. Vimos nele que Malaca, nosso próximo destino na Malásia, tinha sido um importante entreposto comercial português e motivo de batalhas pela conquista do ponto estratégico para as embarcações no Sudeste Asiático.

Depois da visita ao passado, fiquei ainda mais impressionado com o futurismo de certas partes de Singapura. O país é simplesmente moderníssimo! Seus prédios imponentes e algumas esquinas da cidade lembram a Times Square e seus telões superluminosos. Mas alguns detalhes simplesmente são iguais à nossa realidade.



Depois de quase 26 horas só de voo Recife-São Paulo-Doha, chegamos a Singapura com uma diferença de fuso de onze horas. Singapura é uma boa forma de entrar no Sudeste Asiático porque é uma das cidades de melhor infraestrutura que eu já visitei até hoje. É uma cidade antiga, mas completamente moderna. Uma cidade interessante porque é uma cidade-estado onde não há quase espaço para construir. Se Singapura quiser crescer, será na parte da Malásia.

É um lugar extremamente limpo. Mal chegamos a Singapura, deixamos as mochilas no hostel, eram mais ou menos 15h, e fomos passear pela cidade. A filosofia era não dormir para facilitar a regulação do fuso.

Jantamos no bairro chinês, na nossa rua. Inauguramos a nossa primeira jia. Pela quantidade que veio no prato, não é possível que em Singapura só nasçam jias, não nasçam sapos. Mas isso faz pouquíssima diferença. O que me chamou a atenção neste dia foi a limpeza do piso e os consertos no asfalto, que eram imperceptíveis até nas fotografias que tiramos.

Ficamos hospedados num hostel simples do bairro chinês e com todo o apoio do celular de Diogo, no nosso aplicativo de nos localizarmos na cidade, facilmente chegamos ao Marina Bay Sands. Foi um choque ver aquele hotel: uma maravilha de construção. Passeamos pela redondeza. Tomamos o meu primeiro café asiático num trailer próximo a um templo. Era um café, na realidade, gelado. Feito igual ao nosso, passado num raspa-raspa de gelo e batido com leite Moça. Uma delícia de café!

No dia seguinte, tomamos um café da manhã numa padaria e nos preparamos para passar um dia no Marina Bay Sands. Esse hotel é inesquecível! Ele está todos os dias na BBC de Londres. Ele nos custou, por baixo, o mesmo valor de uns 15 dias pelo Sudeste Asiático. Mas valeu a pena! Passamos de um hostel de 20 dólares para um hotel de uns 350 dólares numa reserva feita com bastante antecedência. Logicamente, recusamos o café da manhã que era por fora e custava 49 dólares por pessoa.

Visitamos o Museu da Civilizações Asiáticas, que estava previsto no nosso roteiro inicial. Um lugar super recomendável! É um museu que tem como ponto principal mostrar a influência da Grécia, ou seja, do Ocidente, na cultura da região. A prova disso é um Buda com os cabelos encaracolados, que, segundo os estudiosos da região,

retrata justamente essa influência da Grécia.

Fizemos um city tour. Visitamos, lógico, o nosso bairro: Chinatown. Passeamos pela Orchard Road, a Meca do consumo – onde não consumimos nada. Shoppings enormes e variadíssimo com tudo o que existe no mundo, lá tem para vender. É como a feira de Campina Grande ou de Caruaru.

Visitamos também o Museu de Artes e Ciências, que é muito bem feito e estruturado. Como tínhamos pouco tempo, nos detivemos na parte da exposição temporária que havia sobre o Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire (CERN). Fomos ainda ao Museu Nacional de Singapura e, no restante do tempo, nos dedicamos a passear pela cidade. Nas imediações do Marina Bay Sands, há um excelente jardim. Também fomos à roda gigante, que eles dizem que é a maior do mundo. Valeu muito a pena! É uma grande cidade! Na nossa programação, o nosso próximo destino era Malaca.

Uma das minhas missões na viagem era calcular quanto gastaríamos em cada lugar e otimizar esses gastos. Cada país tinha uma moeda diferente. Em Singapura, fiz isso pela primeira vez.

Leimar



Diogo Lopes de Oliveira

24 de dezembro de 2015 · 🌐 ▼

Ontem, calculamos quantos dólares de Cingapura precisaríamos até chegar na Malásia. Com o almoço e o jantar de ontem sobraram DSG 32. Temos DSG 12 pro café da manhã (não é muito) e DSG 20 da devolução das chaves do hostel. Essa caução é do taxi até o shopping onde a gente pega o ônibus pra Malacca. Sempre sempre sai de cada país só com algumas moedas e dessa vez, com o professor Leimar do lado, o cálculo ta mais preciso ainda.



Curtir



Comentar



Compartilhar

MALÁSIA

Na Malásia, vivemos momentos incríveis. Bons e ruins. Viajamos de ônibus, entre Singapura e Malaca, cerca de 225km. Ainda em Singapura, a empresa que contratamos para fazer o percurso nos deixaria em Alor Gajah, a 40km do nosso destino. Como o erro foi deles, a companhia de ônibus nos disse que providenciariam a contratação de um motorista para nos levar de um ponto no meio da estrada até Malaca. O mesmo tinha acontecido com um casal de franceses, Gislhaine e Frederic. Junto aos dois, conhecemos *Mister Sim*, um simpático senhor de pouco mais de 50 anos que nos acompanhou até Malaca. No dia 25 de dezembro, era a festa da cidade. Além disso, muitos singapurianos tinham cruzado a fronteira para aproveitar as praias e os preços mais baixos no país vizinho. O caminho é repleto de palmeiras, de um lado e de outro da estrada. A partir delas, é produzido o *palm oil* ou, para nós brasileiros, o azeite de dendê.

Mister Sim, pacientemente, enfrentou um trânsito intenso até deixar os franceses no hotel. Nós não tínhamos reserva. Ele poderia ter nos deixado em qualquer lugar da cidade e ido embora. Não tinha qualquer tipo de obrigação conosco. Ainda assim, ele foi a quatro hotéis e três *hostels* até encontrar um lugar para mim e meu pai. Não nos cobrou nada e não quis aceitar dinheiro algum. Um exemplo de gentileza genuína. Uma grande pessoa que emocionou o meu pai. Ele ainda pagou uma *Sprite* para o meu pai e uma *Carlsberg* para mim, porque o calor era insuportável e ainda não tínhamos *ringgits*,

a moeda malaia. Ele nos acompanhou até um caixa eletrônico e finalmente aceitou o equivalente a R\$40. Prometeu-nos ainda passar no *hostel* na manhã seguinte e levar-nos até a rodoviária para pegarmos o ônibus até Kuala Lumpur. E assim ele fez!

Meu pai, Mister Sim e eu no *hostel* onde encontramos vaga para dormir a nossa única noite em Malaca, na Malásia.



Lembro-me de *Mister Sim* caminhando ao lado do meu pai e, por um instante, apoiando-se no meu velho. Tentei tirar essa foto, mas não tive tempo. Entrou para a galeria das imagens que só carregamos na memória. Essas são sempre as melhores. A cumplicidade e a empatia com este senhor foi, sem dúvida, um dos grandes momentos da viagem. Ele me deu o seu telefone, mas nunca voltamos a nos comunicar com ele. Nem sei se ele ainda se lembra de nós. Gosto de pensar que sim. O certo é que sempre lembraremos de sua serenidade e simplicidade.

Convidamos o *Mister Sim* para jantar conosco. Ele agradeceu, mas disse que receberia visitas naquela noite. Então, com Gislhaine e Frederic tomamos algumas cervejas no final da tarde e emendamos noite adentro vendo as apresentações de artistas de rua nas calçadas. Jantamos de frente para um palco onde era realizado um grande karaokê, a sensação do festival com a participação do próprio povo de Malaca. Grandes talentos e outras tantas decepções artísticas se apresentaram.

Na manhã seguinte, demos uma volta pelo vilarejo entrecortado por pequenos rios. Em seis dias pela Ásia, já havíamos comido: sapo, pato, porco, galinha, vaca. Tudo isso com temperos diferentes e muita pimenta. Naquela manhã, em Malaca, meu velho e eu compramos dois pacotes de *cookies* integrais num mercado indiano. Foi o primeiro produto industrializado da viagem. Mesmo nos alimentando somente com comida local e de rua, não tivemos nenhum problema gástrico nem até ali, nem nos próximos 34 dias de viagem.

Mister Sim passou no *hostel* e nos deixou na rodoviária de Malaca conforme havia prometido. Todas as conversas que tivemos com ele eram em inglês, idioma que ele estudou desde criança. Ele ainda falava malaio, claro; além de bahasa indonésio. Ele fez questão de nos acompanhar até a porta do ônibus. Seu Sim conversava com todos: vendedores de passagens nos guichês, o pessoal da limpeza, os motoristas de várias empresas. Ele é um homem realmente carismático e

simples. Pessoas assim conquistam admiração por onde passam. Tal como ele tinha dito no dia anterior, ele não aceitou qualquer compensação. Disse que os R\$40 que eu havia lhe dado “já era muito”.

Depois que relatei parte da convivência com o *Mister Sim* no meu Facebook, uma amiga me pediu que eu mandasse um beijo para ele. “Se tem uma coisa que adoro é ler diário de viagem! Diz pro *Mister Sim* que mandei beijo”, disse ela. Antes de me despedir, contei a ele do carinho que uma brasileira tinha enviado para ele. Ele sorriu tímido, cada um de nós dois demos um abraço nele e entramos no ônibus com destino a Kuala Lumpur.

Nossa viagem realmente começou na saída de Singapura para Malaca, na Malásia. Singapura é um lugar de primeiro mundo. Compramos uma passagem de ônibus (Singapura-Malaca) na Malásia. Ao chegar à sede da empresa de ônibus, qual a surpresa? O veículo não passava em Malaca. Ele nos deixaria na estrada, a 40Km do nosso destino. Com o mesmo problema, encontramos um casal de franceses. Após nossas reclamações, eles corrigiram fazendo com que um táxi nos aguardasse no local e nos conduzisse a Malaca.

*Nesse episódio, acabamos conhecendo a figura mais humana que encontramos no Sudeste Asiático: o *Mister Sim*, que nos recebeu na localidade. Aparentava ter 70 anos de idade. Ele foi uma das pessoas mais interessantes que eu conheci em toda a Ásia. Talvez, ele também esteja entre as dez melhores pessoas que conheci na vida. Um *Dersu Uzala*¹ do Sudeste Asiático.*

Quando chegamos a Malaca, havíamos esquecido que era uma cidade de origem portuguesa e havia comemorações natalinas. Era feriado e quase todas as pousadas, hostels e hotéis da cidade estavam completamente lotados. Nós não tínhamos reserva em hotel.

¹ *Dersu Uzala* é um filme do cineasta japonês Akira Kurosawa, de 1975. Ele conta a história da relação de amizade entre um caçador local da Sibéria e um explorador resgatado no ambiente hostil da região.

Mister Sim, após deixar o casal de franceses no centro da cidade, estacionou o carro no centro e percorreu a pé conosco um roteiro que passou por mais de dez pousadas que ele conhecia, buscando uma vaga para nos alojar. O detalhe é que devia fazer uns 40°C à sombra. Como ele me viu muito suado, comprou um refrigerante para mim.

Ao final, encontramos um hostel muito bom na beira do rio Malacca. Quando fomos pagar, ele alegou que o nosso traslado já havia sido pago pela empresa e que o que havia feito por nós, além do previsto, tinha sido por prazer e não aceitava pagamento. Dispôs-se a, no dia seguinte, nos levar até a rodoviária em seu carro particular. Recomendou-nos a empresa de um amigo para a compra das passagens, com a indicação de que nos deixasse em Kuala Lumpur e nos desse todas as orientações que nos fossem úteis. Ele nos acompanhou até a porta do ônibus e nos recomendou ao motorista.

*Ao longo dos dois dias que convivemos com *Mister Sim*, ele conversou sobre sua família, o que fazia na Malásia, como havia aprendido o inglês na escola. Era muito fluente, mas o inglês dele, para mim, era intragável. Diogo, como tem um excelente ouvido (até melhor do que os ingleses, no sentido de compreender estrangeiros), o entendia perfeitamente.*

*Para o *Mister Sim*, mais importante do que uma gratificação era conversar, trocar ideias, falar da sua vida, ouvir o que fazíamos. Para mim, esse foi um ponto alto da minha experiência no Sudeste Asiático: saber que existem pessoas extremamente solidárias que, mesmo vivendo num meio muito heterogêneo como é o meio turístico, não passam por cima dos seus valores. O *Mister Sim* foi uma lição de gentileza e humildade durante a nossa viagem.*

*Depois de deixarmos as mochilas no hostel que *Mister Sim* tinha conseguido para nós, fomos para a cidade. Fomos aproveitar o dia de Natal. A rua *Jalan Hang Jebat* transformou-se em centro de comércio vastíssimo como encontraríamos em todas as cidades que*

visitamos. Repleta de barracas de comidas ao longo das calçadas. Foi uma noite de Natal maravilhosa! Diferente de tudo o que já tínhamos visto. Passeamos pela cidade cheia de pessoas e atrações. No dia seguinte, acordamos cedo para conhecer a cidade de origem portuguesa. Ainda tivemos tempo de conhecer o Museu da Flora do Mar. Encontramos igrejas cristãs. Em seguida, o Mister Sim nos levou até a rodoviária porque íamos a Kuala Lumpur. Ele chegou no seu carro particular e não quis receber nenhuma gorjeta. Disse que fazia aquilo por prazer.

Leimar

9

KUALA LUMPUR | MALÁSIA |

Em Kuala Lumpur, a conexão entre a rodoviária e o metrô de superfície é muito bem-feita. O “problema” são sempre os nomes das estações. Chegamos sem dificuldades ao *hostel*, por coincidência, também no bairro de Chinatown de Kuala Lumpur.



Na capital malaia, também ficamos em uma instalação simples, com banheiro compartilhado como em todos os outros *hostels* e com uma estação do *hop-on hop-off* exatamente na frente da entrada. As Torres Gêmeas Petronas ficavam a 2km de distância. Como chegamos no final da manhã, passeamos pelo centro da cidade até os famosos e gigantescos prédios idênticos.

As Torres Petronas têm 86 andares e 439m de altura. Elas demoraram cinco anos para ficar prontas. Foram construídas entre 1994 e 1999. São de vidro e aço inoxidável. Entre elas, foi colocada uma

passarela, que não estava no projeto original, mas precisou ser incluída para evitar os efeitos de terremotos. A base das Petronas tem estacas de até 150m de profundidade.

Como não conseguimos subir durante o dia, perambulamos pelas redondezas. Paramos em um shopping, onde meu pai comprou o tênis próprio para caminhadas que ele tanto pesquisou no Brasil. Pela primeira vez na vida, ele saiu de uma loja usando o produto que acabara de adquirir.

Esperamos anoitecer para ver as torres iluminadas. Um espetáculo que muitos malaios e estrangeiros aproveitam para se contorcer e tentar enquadrar a melhor foto. Na aglomeração de pessoas que se formou, a preocupação era sempre com as mochilas pequenas.



Diogo Lopes de Oliveira atualizou a foto do perfil.

26 de dezembro de 2015 · 🌐



Na volta para o *hostel*, decidimos parar em um bistrô para tomar algumas *pints*. Era um domingo e procuramos algum lugar para ver futebol. Estávamos há seis dias juntos e ainda não tínhamos visto nenhuma partida. Isso para nós é uma eternidade. Às 22h, horário da Malásia, começavam os jogos do campeonato inglês, que nos acostumamos a assistir no Brasil aos sábados e domingos pela manhã. A intenção era fazermos uma rodada dupla, mas o cansaço bateu, meu velho começou a cochilar e decidimos voltar para “casa” (durante as minhas viagens, sempre me refiro ao *hostel* como “casa”).

Pedimos um táxi na Jalan P Ramlee, rua do bar. O taxista se negou a conduzir-nos numa distância tão curta. Isso acontece em todos os lugares do mundo. Quanto mais eu viajo, mais confirmo a minha teoria de que nada acontece só no Brasil. Decidimos, então, fazer o percurso a pé. Não víamos qualquer tipo de risco apesar de as ruas estarem praticamente desertas. A temperatura não estava tão alta. Seria uma caminhada agradável. No caminho, ainda passaríamos pela Kuala Lumpur Tower – antena de 425m de altura – tão impressionante quanto as Petronas.

Eu estava com a câmera profissional dentro da mochila de ataque. Ambos usávamos camisetas e bermudas leves. Eu calçava umas sandálias de couro e o meu pai, os tênis recém-comprados.

Ao descermos por uma grande avenida chamada Jalan Sultan Ismail, pela calçada do lado direito, e vemos poucos carros subindo pela mão inglesa, quatro homens em duas motos se aproximaram de nós em duas vespas. Instintivamente, puxei meu pai para o meu lado esquerdo para me colocar entre ele e os quatro caras. O motorista da primeira moto me disse, em inglês:

- Give me your phone.

Todos eles eram de estatura média, nenhum traquejo de ladrão e estavam desarmados. Meu pai gritou:

- Oooopa!”

E eu:

- Corre, pai!

Corremos o mais rápido que podíamos por uns 100m. Olhei para trás e os quatro tinham ficado no mesmo lugar. Mesmo assim, continuamos correndo. Eles não conseguiriam subir na calçada alta com as motinhas, nem nos perseguir no contra fluxo dos carros. Além disso, não eram ladrões profissionais. Eram descuidistas, como diz o meu pai. E eu estava sendo descuidado ao andar com o celular na mão visualizando o caminho até o *hostel*, num mapa off-line.

Alguns metros na frente, tentamos novamente pedir que um táxi nos levasse até o *hostel*. Ainda mais perto do nosso destino, todos da praça se negaram a nos conduzir. De nada adiantou explicar que havíamos sofrido uma tentativa de assalto com muita mímica, porque, evidentemente, nenhum deles nos entendia.

Chegamos ao *hostel* ainda tensos. Pedi duas latinhas de cerveja na recepção e relatei o que tinha acontecido a um grupo de amigos no *Whatsapp*. Tomamos banho no banheiro compartilhado, combinamos de não contar nada para a minha mãe e fomos dormir.

Na manhã seguinte, no telhado do prédio – não podemos chamar propriamente de cobertura – Atun, a moça que nos preparava gentilmente panquecas com xarope e rodela de abacaxi, ouvia cantos motivacionais na TV. Ela nos disse que não entendia tudo porque é numa mistura de árabe e malaio, mas gostava muito. Era a primeira vez que víamos TV local durante a viagem. Antes só tínhamos visto no jogo de futebol da noite anterior. Depois do café da manhã, partimos em direção a Penang.



Diogo Lopes de Oliveira
28 de dezembro de 2015 · 🌐

Tava querendo perguntar a alguém daqui como era "feliz natal e feliz ano novo" em malaio. Aí a placa de pedágio resolveu meu problema. Então, "Selamat Hari Krismas dan Selamat Tahun Baru 2016" pra todo mundo e que todo mundo seja selamat em 2016

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Kuala Lumpur foi o nosso terceiro ponto nessa viagem. A capital da Malásia é uma cidade moderna. Destaco as Torres Petronas. Custou-nos muito conseguir um ingresso para subir ao topo desse, digamos, observatório. É um prédio construído todo em aço inoxidável e internamente dispõe da tecnologia mais avançada que eu já vi até agora em um edifício, inclusive com avisos em holograma. O aviso ficava no centro do corredor. Era como se fosse uma projeção no ar. Então, fizemos em Kuala Lumpur um city tour. Fizemos isso em algumas cidades grandes que havíamos passado na vida como Barcelona e Havana. É uma forma de nos situarmos e vermos os pontos principais, e no dia seguinte atacarmos melhor.

Então fizemos um roteiro. Saltamos na Galeria Nacional de Artes Visuais. Visitamos esse excelente museu. Visitamos também o Museu Nacional da Malásia, onde está muito bem descrita a odisseia dos portugueses no Sudeste Asiático e o entreposto feito em Malaca. Mas, claro, como em toda parte, a história é contada na capital. Nesse museu, são retratadas fielmente as naus portuguesas, as roupas típicas dos portugueses, suas armas e seus hábitos. Lá, também é retratada a cultura local: como era a sua história, como se organizavam, como eram as vilas, como era o preparo da comida, o trabalho, como eram as casas, etc.

Em toda a Ásia, tivemos a oportunidade de visitar excelentes museus. Neles foi possível aprender um pouco da história e da formação cultural de cada país. Visitamos pontos de observação como a Torre de Kuala Lumpur, que era o edifício mais alto da cidade antes das Torres Petronas.

Visitamos ruas comerciais também no passeio na capital malaia. Eu precisava comprar um tênis porque até então estava andando de alpercatas. Fomos a um restaurante para assistir a um jogo do campeonato Inglês. Mais ou menos à meia-noite, começamos a voltar para o nosso hostel. Para variar, novamente estávamos em um bairro chinês. O nosso primeiro contratempo em cidades grandes foi

que nenhum taxista quis nos levar para esse bairro, talvez porque fosse um pouco barra pesada, mas principalmente porque era perto. Resolvemos então caminhar. Foi quando tivemos o nosso único contratempo de segurança na Ásia. Quatro malaios em duas motonetas quiseram levar o celular de Diogo, no qual estava toda a nossa logística de viagem. Eu tinha impressa boa parte do roteiro, mas nos saíamos muito bem com esse celular: para reserva de hotel, para a localização na cidade, etc. Lógico que corremos na contramão. Eles não vieram atrás. Chegamos em casa e, no dia seguinte, desfrutamos do que tinha de melhor na Ásia. Esse episódio não embaçou a imagem que tivemos nem do Sudeste Asiático nem da nossa estada em Kuala Lumpur.

Leimar

¶

PENANG | MALÁSIA |

Nosso próximo destino, com trajeto terrestre, era Penang, a cerca de 350km de Kuala Lumpur. Durante a viagem, conhecemos um casal de alemães: Tasja e Tobias. Todos os meios de transporte que pegamos estavam saindo estritamente no horário previsto – e isso é estranho numa viagem como a nossa. De Kuala Lumpur, saímos com uma hora de atraso porque o ônibus quebrou antes de nos buscar. Depois, o motorista reserva não sabia o caminho. Mais uma hora e trinta minutos dando voltas pela cidade. Durante a viagem, o motor do ônibus superaqueceu. Paramos várias vezes por isso. Como diz o professor Leimar: “Ninguém ganha todas”. A viagem, que deveria durar cinco horas, durou dez!

Numas dessas paradas forçadas, meu pai, que passou muitos anos viajando de ônibus entre Campina Grande e o Recife, e é sempre prestativo, na pressa em ajudar, forçou os meus óculos de grau que estavam dentro do bolso lateral da minha bermuda. Perdi os óculos e descobri – da pior forma – que não tinha levado os reservas. Como só passaríamos duas noites e um dia em Penang – e depois iríamos para o Camboja – tinha que consertar os óculos antes de sair de uma cidade de médio porte como Penang.

Fizemos o conserto dos meus óculos depois de voltarmos da Monkey Beach, lugar que escolhemos para inaugurar o nosso banho de mar no Oceano Índico. Pronto! Ali, uma das minhas missões da viagem foi completada: mergulho e surf de peito – popularmente

conhecido como jacaré – em todos os oceanos!!! No Atlântico: Brasil, Varadero (Cuba), Cartagena (Colômbia), Mar del Plata (Argentina) e Vilanova de Mil Fontes (Portugal). No Pacífico: San Juan del Sur (Nicarágua) e Playa Jacó (Costa Rica). Devido ao frio, não consegui encarar São Francisco (EUA) e Valparaiso (Chile).

Não conseguimos ir à Ilha de Langkawi porque um dia não é suficiente e tínhamos o compromisso do voo para Siem Reap, no Camboja, no dia seguinte. Isso era inegociável.

Então, fomos ao Parque Natural Taman Negara Pulau Pinang. Fizemos uma trilha para duas praias: Pantai Teluk Aling e Monkey Beach. Como Penang é uma ilha, é impossível não se lembrar do joguinho de computador dos anos 1990: Monkey Island. Vários dos macacos vão comer na mão dos turistas, mas captamos um macaco selvagem durante a trilha de 1h30 até Monkey Beach.

Macaco silvestre comendo um fruto na trilha que leva a Monkey Island. Essa espécie é diferente dos que vão comer nas mãos dos turistas, mesmo com todos os avisos de não os alimentar.



A despedida da Malásia serviu para provar que eu estava curado da asma da infância e que voltou pela última vez em 2008, quando ainda morava em Barcelona. Passamos a noite cochilando no carpete do Aeroporto Internacional de Kuala Lumpur, na conexão entre Penang e Siem Reap. Não éramos os únicos! Impressionava a quantidade de gente dormindo abraçada com seus pertences.

O frio no aeroporto de Kuala Lumpur era intenso. Segundo o meu pai, era uma estratégia de todo grande consumidor de energia, porque na madrugada ela é mais barata. Ao longo do dia, eles aliviam. Essa era outra das vantagens de viajar com um engenheiro: entender o funcionamento de muitas coisas.

¶

KUALA LUMPUR-PENANG

| MALÁSIA |

Um outro ponto que gostaria de salientar foi ainda na Malásia: nossa viagem de Kuala Lumpur para a ilha de Penang. Para começo, uma rodoviária muito bem equipada, mas o ônibus atrasou uma hora. Quando chegou, saímos e, após algum tempo, eu comecei a notar que estávamos viajando em círculos. Quase duas horas depois de deixar a rodoviária, ainda não havíamos saído de Kuala Lumpur. Eu deduzi que ou a cidade era muito grande ou estávamos perdidos. Comecei a notar que ora o sol estava de um lado, ora do outro. Passei a marcar prédios e percebi que passávamos várias vezes pelo mesmo local. Até que o motorista parou num shopping. Ninguém da empresa deu satisfações. Veio um novo motorista que finalmente nos levou para a periferia da cidade e, finalmente, para a estrada.

Horas depois, ficamos sabendo que um motorista havia ido substituir o outro que não conhecia o roteiro e não conseguia sair da cidade. Como viajávamos nos bancos de trás, comecei a sentir um cheiro de queimado. Eu achava que o motor estava esquentando. Comecei a sentir o calor. O motorista parou em um posto às margens da estrada. Notei que tínhamos um problema: não havia vazamento nenhum, mas, pelo cheiro do motor e aumento da temperatura, o mais provável era que não tivesse água. Para completar, a comunicação era muito difícil. Eu falava inglês mal e básico e eles nem isso. O motorista só entendia malaio. Com o balde que ele

conseguiu, não era possível encher o radiador. Além disso, ele era muito baixo. Era preciso subir em alguma coisa. Eu, com o meu 1,70m, era um homem alto. Peguei o balde e adaptei uma garrafa pet de 2 litros para começar a encher o radiador. Demoramos cerca de 30 minutos porque o radiador estava realmente vazio. Depois, pegamos a estrada normal. Uma hora ou duas depois, pegamos um trânsito muito lento. Eu me preocupei porque não sabia se havia vazamento. Fui ainda verificar a temperatura e estava normal. Chegamos a George Town, na ilha de Penang. Deveríamos chegar entre as 17h30 e as 18h. Terminamos chegando depois das 23h. Numa cidade desconhecida – completamente estranha – isso é sempre desaconselhável. Mas pegamos um tuk-tuk e fomos para o hostel sem problemas.

Penang foi a nossa última cidade na Malásia. Escolhemos esse destino por ser um paraíso equatorial no Mar de Benguela. Para Diogo para tomar banho em todos os oceanos do mundo, estava no nosso roteiro o Mar de Benguela, na parte ocidental da Malásia. Dias mais tarde, estaríamos no Vietnã, no Mar da China. Assim, já teríamos completado os três: Atlântico, Pacífico e Índico. Isso sem falar que ainda teríamos uma outra oportunidade em Halong Bay. No dia seguinte, íamos a Langkawi, mas ficaria muito em cima da nossa hora do voo para o Camboja. Como alternativa, nos indicaram o outro lado da ilha de Penang, que eu tenho muitas dúvidas se a nossa primeira opção seria melhor que essa. Um paraíso! Atravessamos uma floresta para chegar a Monkey Beach. Decidimos ir a pé pela floresta e voltar de barco. Vimos praias paradisíacas repletas de macacos.

Leimar

¶

CAMBOJA

A primeira coisa que me chamou a atenção no Camboja foi a rever os *tuk-tuks*, principal meio de transporte de Siem Reap. Eles lembravam-me muito os que eu tinha usado em 2015, na Nicarágua e na Guatemala. Assim como na América Central, todos parecem diferentes uns dos outros, como se fossem feitos artesanalmente, em fundos de quintal, com materiais improvisados. Cada um à sua maneira. Dentro também são decorados com fotos da família e pequenos acessórios, como amuletos, bandeiras de times de futebol, etc. Com um desses, fomos do aeroporto até o nosso *hostel*, no centro de Siem Reap, muito próximo ao Night Market, principal referência local.

Em segundo lugar, fiquei impressionado com uma garotinha que brincava em cima dos tanques do Museu da Guerra do Camboja, que visitamos no primeiro dia. A atrocidade dos combates, as fotografias dos soldados com membros mutilados e de cidadãos comuns sofrendo com as queimaduras provocadas pelo *napalm*² contrastavam com a pureza e a inocência daquela pequenininha de vestidinho jeans de mangas longas e sandálias amarelas. Era evidente que ela não fazia ideia que aquelas máquinas verdes e enferrujadas tinham sido utilizadas para matar ou ferir, talvez, alguns de seus parentes.

2 Arma química utilizada em larga escala pelos EUA durante a Guerra do Vietnã. Espécie de gel solvente e altamente inflamável que era despejado por aviões, comprometendo a vegetação local, a saúde e a vida de milhares de pessoas.



Diogo Lopes de Oliveira

29 de dezembro de 2015 · Instagram · 11

Hoje foi um daqueles dias em que se pisa na história. Mas, pisar com medo porque no Camboja pessoas ainda são mutiladas por minas. No passado um garoto perdeu as duas pernas, segundo o guia Meng. Assim como no campo de concentração de Sachsenhausen, perto de Berlim, a sensação é ruim, mas é importante encarar. Ouvir histórias sofridas, incomoda. Ver as fotos dos sobreviventes e das crianças pegando em armas também. Imaginar o sofrimento vivido ali, ainda. Durante a visita vi essa garotinha brincando em cima de um tanque de guerra. Possivelmente, ela perdeu parentes por meio desses mesmos tanques. Mas, hoje, pra ela, ele é só um pula-pula, embora a miséria e o sofrimento ainda persistam no #camboja #cambodia #warmuseum #asiatrip #war #indochina



Garotinha cambojana que brincava em um antigo tanque de guerra, no Museu da Guerra de Siem Reap, no Camboja.

A sensação que senti era semelhante à da visita a Sachsenhausen, em 2009. O campo de concentração próximo a Berlim também deixava o espírito pesado, a cabeça confusa. É um sentimento de incredulidade, de procurar em si algo que justificasse tamanha barbárie. Apesar disso, como disse em ambos os momentos – tanto na Alemanha, como no Camboja – é uma visita absolutamente necessária do ponto de vista histórico e de tentativa de compreensão da humanidade. Recentemente, eu disse aos meus alunos que as fotos de que eu menos gosto de compartilhar com eles são as dos campos de concentração ou dos museus de guerra. Mas tenho certeza de que essas são as mais importantes para que eles não defendam períodos de exceção, como tem acontecido no Brasil e no mundo.

O *hostel* onde ficamos em Siem Reap havia sido inaugurado três dias antes da nossa chegada e já estava completamente cheio. Já começavam os preparativos para a festa de Ano-Novo. Algumas partes do prédio ainda cheiravam a tinta. Pela terceira vez na viagem, ficávamos em um quarto com banheiro próprio. Antes, só no *Marina Bay Sands*, em Singapura, e no *Red Inn Heritage*, em Penang. Era a primeira vez que dormiríamos três noites na mesma hospedagem.

No nosso segundo dia em Siem Reap, pela primeira vez, não tínhamos outra viagem, passeio ou *check-out* para fazer. No dia seguinte, não tínhamos hora para acordar. Depois de oito dias de viagem, isso era um grande descanso. Naquela altura, já estávamos completamente adaptados ao fuso e à dinâmica da viagem.

Nosso principal objetivo em Siem Reap era visitar os templos de Angkor Wat e Angkor Thom. Acordamos às 4h30 da manhã para ver o amanhecer na entrada do primeiro. Muita gente também fez isso. Havia uma multidão com seus celulares e os famigerados paus de *selfie*.

Quem nos levou num *tuk-tuk* foi Da (não é Dá, nem Dã, nem Dâ, é uma pronúncia que só cambojanos conseguem). Acharmos que o garoto ia ser nosso guia, mas foi só o condutor do veículo. Vimos vários motoristas que davam muita assistência aos seus clientes. Da

(nosso guia) parecia querer ir para casa o quanto antes. A única colher de chá que ele nos deu foi, já no final da tarde, quando disse que tinha um templo muito bonito para a gente ir. Era o tempo que ele precisava para levar a moto para consertar o freio do seu *tuk-tuk*.

Fizemos todo o passeio por nossa conta e com as informações que tínhamos coletado e que estavam nos guias impressos pelo meu pai e no meu celular, ainda cambaleante. Fomos a Angkor Wat, Angkor Thom, Bayon, Ta Keo, Ta Phohm e Banteay Kdei. Andamos 15,16km em 12 horas. Aproveitamos também para ouvir algumas explicações de alguns guias do local: em italiano, inglês e espanhol. Muitas das ruínas foram revitalizadas em parceria com os governos da China e da Índia. O lugar é realmente espetacular e não tem qualquer descrição que se aproxime da sensação de estar lá.

Em Angkor Wat, escutamos português pela primeira vez em toda a viagem. Era um pequeno grupo de três brasileiras numa excursão só de brasileiros, com guia em português. Nós não conseguíamos entender esse tipo de viagem. Os turistas desse grupo não interagiam com os cambojanos, não experimentavam a sensação de resolver um problema com mímicas, por exemplo. Definitivamente, não era a nossa proposta de viagem. Estávamos felizes por sair da nossa zona de conforto e viver situações novas.

Nosso *hostel* ficava a 100m da rua dos *pubs* de Siem Reap e do mercado noturno, o principal da cidade. Nessa rua, existe de tudo: massagem com as mãos, massagem feitas por peixes que se alimentam da pele morta dos pés dos turistas, churrascos de escaravelho, cobra, aranha e larva de insetos, etc. Na primeira noite, escolhemos o churrasco de cobra com pimenta e limão como um petisco. O gosto parece uma mistura de agulha frita e coxa de galinha. Na segunda, larvas de inseto temperadas, que são crocantes e não têm gosto de nada.

A terceira e última noite era a do Ano-Novo. Depois de dois dias de intensas caminhadas, preferimos aproveitar a piscina do *hostel*. Nela, vivemos uma história interessante. Sem conseguir me comuni-

car com Fen Fen, de três anos, e Chin Long, de dez, ambos sobrinhos de Pitze, administrador do *hostel*, comecei a brincar com eles sem que nenhuma palavra fosse necessária.

Primeiro, fui o mostro da piscina que o guerreiro Fen Fen combateu com bravura e vários, digamos assim, socos técnicos. Mas, quando fingi morrer e boiei na piscina, ele se preocupou. Meu pai disse que dava para ver a cara de tensão do garoto. Depois do susto, ele me abraçou com carinho e Pitze fez algumas fotos nossas. Depois, em um clima mais ameno, joguei futebol com os dois no quintal do *hostel*, que servia de bicicletário e local para guardar as motocicletas, muito comuns por todo o Sudeste Asiático. Foi difícil me despedir da criançada depois de uma tarde/noite de brincadeiras. Segundo Pitze, eles queriam marcar de brincar no dia seguinte, mas tínhamos que pegar uma van, às 8h da manhã, rumo a Phnom Penh, capital do Camboja.



Depois do susto de achar que tinha me machucado, Fen Fen me fez carinho e jogou bola comigo.

O último futebol do ano de 2015: posando para foto o time campeão do hostel de Siem Reap. Agachados: Fen Fen, Chin Long e Diogo.



Passamos o Ano-Novo na rua abarrotada de turistas e locais. O *hostel* tinha oferecido cervejas ainda mais baratas para os hóspedes. Ou seja, pouco mais de R\$2 cada uma. Tomamos algumas com Pitze e Saveon (recepcionista) e fomos para a avenida principal de Siem Reap. Contagem regressiva, espumante e abraços em estranhos como em qualquer parte do mundo. Em khmer, Feliz Ano-Novo se diz: *Sour Say Chnam Thmey!*



Diogo Lopes de Oliveira

29 de dezembro de 2015 · 🌐

A moeda do Camboja é real também. Se escreve do mesmo jeito. Só que 1USD vale 4.200 reais daqui. O inglês não serve de muito. Mímicar, desenhos e contas no papel são bem-vindas. O calor e a umidade são menores que em Cingapura e Malásia. A turma é muito do bem. Todos os outros viajantes que conheço e já vieram aqui me disseram isso



Curtir



Comentar



Compartilhar

Antes de dormir, ainda conseguimos falar com mamãe e alguns amigos no Brasil. Era engraçado imaginar que, devido ao fuso, dormiríamos, acordaríamos no dia 1º, viajaríamos quatro horas até Phenom Penh e, só depois de duas horas de estrada nesse trajeto, seria ano novo no Recife e em Campina Grande, nossas duas cidades.

Para mim, era interessante notar que tinha começado 2015 em San Juan del Sur, na Nicarágua, e terminava em Siem Reap, no Camboja. Como o Google não tem resposta para tudo, a distância entre as capitais – Manágua e Phnom Penh – é de 17.103km. Era curioso perceber também que a latitude dos dois lugares é praticamente a mesma! Em 2015, passei por Guatemala, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Singapura e Malásia. Visitei oito países. Aquele era o melhor ano para mim em termos de viagem. Além disso, terminava o ano com o meu pai e ainda tínhamos quatro países pela frente nos próximos 30 dias.

De Penang, fomos para Siem Reap, no Camboja, via o superfrio aeroporto de Kuala Lumpur – para racionar, economizar ou eficientizar a energia, na parte da noite, de pouco movimento do aeroporto, eles refrigeraram-no ao máximo para usar essa temperatura no decorrer do dia. Estava muito frio para quem estava viajando sempre acima de 35°C e com uma umidade amazônica.

Então, chegamos a Siem Reap, um monumento cultural e arqueológico da humanidade. A cidade representava o apogeu do Império Kmer e, logicamente, de sua cultura também. O ponto alto é o complexo de Angkor Wat. É um passeio maravilhoso que começa às 4h da madrugada. Você vê o sol nascer e o passeio se estende até umas 18h. Caminhamos o tempo inteiro para podermos aproveitar essa maravilha ao máximo. Primeiramente, ele foi fundado como um templo hindu e paulatinamente foi se transformando em um templo budista. É indescritível a profusão de templos e a majestuosidade de suas figuras. Foi um templo que permaneceu perdido durante séculos. Ele é do século XII e foi ser redescoberto no século XIX. Feito em pedra, está extremamente preservado. Se houver dez lugares no mundo para você visitar antes de morrer, eu incluiria Siem Reap sem a menor sombra de dúvidas.

Em Siem Reap, também vale a pena conhecer o Museu Nacional de Angkor, onde estão as melhores peças de tudo o que se encontra na cultura kmer. Todas muito bem preservadas. Esse museu tem um acervo de 4 mil budas. Eles se gabam de nenhum ser igual ao outro. Considero um passeio imperdível.

Também em Siem Reap, tivemos o nosso primeiro contato com o Rio Mekong. Nasce na China e percorre o Laos, o Vietnã e o Camboja. É o Nilo ou o Amazonas do Sudeste Asiático.

Fomos ao Museu de Guerra do Camboja. Em todos os museus de guerra, era possível perceber como agiam as grandes potências europeias e os Estados Unidos no século XIX, mas principalmente no século XX. A civilização europeia, cristã, branca fez, na Ásia, o

mesmo que havia feito com os índios na América Latina. Isso é perceptível em todos os países que enfrentaram guerras recentes, como Camboja, Vietnã e Laos. E também ditaduras pesadas, como a de Myanmar. Em todos os países nos quais estivemos, há rastros da violência e da tentativa de imposição da cultura ocidental.

O nosso hostel era excelente! Tinha sido recém-inaugurado, tinha piscina e era barato. A entrada era por um beco que, se fosse aqui no Brasil, nós dificilmente iríamos honrar a reserva. Mas sem o menor traço de violência. Não tínhamos medo de ir e voltar a qualquer hora que fosse, sempre a pé, naquelas vielas escuras. O pessoal do hostel estava, logicamente, se adaptando ao turismo. Fizeram de tudo para nos deixar confortáveis. Foram sempre muitíssimo gentis. Eu tinha comprado um celular novo em Doha. Tentamos de todas as formas passar os dados de um pendrive para esse aparelho. Eles disponibilizaram um computador para me ajudar. Com isso, recuperei os meus arquivos de que iria necessitar, mesmo sem poder acessar a internet no celular.

Nesse dia, já havia transcorrido quase um terço da viagem. Como o celular de Diogo já dava mostras de que poderia nos deixar em maus lençóis a qualquer momento, decidimos comprar um computador para Inês, como presente de aniversário. Tudo nosso era gerido a partir desse celular. Era muito bom! Era uma maravilha de máquina e de operador; reservas de hostel, compra de passagens, etc., além do GPS, porque Diogo baixava os mapas e aproveitávamos a localização para não depender de conexão com a internet. Compramos um computador ultraleve por menos da metade do preço no Brasil e o carregamos durante a viagem toda. Finalmente, tínhamos um outro recurso, caso o celular de Diogo falhasse de vez. Tivemos muito cuidado com ele, por medo de sermos roubados. Mas acabamos percebendo que, em muitos momentos, o cuidado era desnecessário.

A verdade é que não havia o menor problema de você deixar a bagagem no quarto como perto do balcão. Por essa minha experiência, posso dizer que o pessoal que anda mochilando é extremamente do bem. Ninguém está preocupado em possuir coisas materiais ou com conforto, nada. As pessoas estão ali para aprender, perambular e curtir a vida. Aproveitar a viagem ao seu modo. Do mesmo jeito que nós estávamos fazendo.

Na manhã do quarto dia, pegamos uma van com destino a Phnom Pehn. Foi um bom passeio porque eu gosto de ver as estradas e as paisagens rurais. Gostei de fotografar os arrozais, os animais, as casas de bambu extremamente bem-feitas. Vimos uma espécie de pobreza digna porque não avistamos nenhum pedinte ou nada que denotasse mendicância. Fomos nessa van apertadíssima e, para variar, extremamente quente.

Leimar

¶

SIEM REAP-PHNOM PENH

| CAMBOJA |

A primeira ideia que tínhamos era fazer o percurso Siem Reap-Phnom Penh de barco. Mas acabamos desistindo devido ao tempo e ao custo. Na embarcação, levaríamos oito horas para completar o percurso, que custaria 35 dólares. Na van, seriam quatro horas e 10 dólares. Fácil decisão!

Chegamos a Phnom Penh, depois de seis horas de viagem numa minivan muito apertada e a estrada era esburacada. Demos sorte porque a estação de ônibus ficava a 1km do *hostel*, que, por sua vez, se encontrava ao lado do Palácio Real. Almoçamos arroz frito e bife às margens da junção dos rios Tonle Sap e Mekong.

Também próximo ao Palácio Real ficava a Praça do Rei Sihanouk (o Pai) e o Monumento à Independência. Durante a minha corrida do final da tarde, vi que, no Camboja, a atividade física favorita é controle de peteca e de bola oca (que parece ser a mesma do *sepak-takraw*, só que um pouco menor) com os pés. Pessoas de todas as idades faziam isso nas praças e havia pouca gente correndo. Como durante as nossas vidas e as nossas viagens, os esportes sempre nos chamavam a atenção e eram motivo de nossas conversas e observações.



Diogo Lopes de Oliveira

2 de janeiro de 2016 · 🌐

A proporção de camisas do Barça pro Real Madri é muito mais que 7x1. Nas ruas de Phnom Penh, vimos mais camisas do Sport Clube do Recife que do time merengue. 2x1 pro Leão



Curtir



Comentar



Compartilhar

No dia seguinte, antes de pegarmos o voo para Ho Chi Minh, percorremos a pé os principais monumentos de Phnom Penh. O mercado central era um deles. Uma cena típica são os motoristas de *tuk-tuk* chamando passageiros ou dormindo. Alguns deles improvisam uma rede embaixo das tendas dos veículos. Como os veículos são abertos, a sombra que eles fazem ajuda a amenizar o calor, que continuava intenso desde Singapura.

Até então, a minha referência de cidade com muitas motos era Campina Grande. Mas isso estava prestes a acabar. Na avenida Preah Sihanouk, no centro de Phnom Penh, nas duas calçadas, há quarteirões inteiros com quatro fileiras de motos para vender. A diferença para a Rainha da Borborema é que as pessoas dirigem devagar e não vimos acidentes. A quantidade e a velocidade das motos seriam igualmente impressionantes no Vietnã, nosso próximo destino.

Ainda no Camboja, percebemos que realmente, sem o visto eletrônico para o Vietnã – que preenchemos e imprimimos no Brasil –, teríamos que mudar o roteiro. A atendente da Qatar Airways pediu os formulários e a carta do governo do Vietnã antes de decolarmos para Ho Chi Minh.

Depois de viajar umas cinco ou seis horas em uma lata de sardinha a fogo brando, chegamos à capital do Camboja: Phnom Pehn. Para nossa surpresa, às margens do Mekong, havia um senhor restaurante com uma visão panorâmica da cidade e do rio e cerveja extremamente gelada – além de boa e barata.

Ainda não tínhamos visto se o hostel ficava longe da rodoviária de Phnom Pehn. Mas quando você está perdido, nada melhor que uma cerveja para relaxar, entrar em sintonia e os neurônios funcionarem. Almoçamos, mochilas nas costas e, por incrível que pareça, o nosso hostel ficava por trás do Palácio Imperial do Governo do Camboja. Também ficamos em um excelente hostel. Era um quarto coletivo com dois beliches de casal. Alojamo-nos e trancamos tudo a cadeia. Mas as outras duas pessoas nunca apareceram e ficamos sozinhos na única noite que passamos na capital do Camboja.

Demos uma volta no Palácio do Governo. Na frente dele, há um grande parque, nas margens do Rio Mekong, cheio de gente. Era um domingo à tarde. Vimos um pôr do sol lindo. Uma paisagem exuberante. Esse é outro capítulo. Quem gosta de pôr do sol pode ir para o Sudeste Asiático. Toda cidade tem um mirante para o entardecer. Religiosamente fomos a todos eles nas cidades pelas quais passamos. Eles foram brilhantemente captados pela máquina de Diogo e nem tanto pelo meu celular. Mas, mesmo assim, ainda fiz excelentes fotos. Lógico, sou muito benevolente comigo mesmo.

No dia seguinte, fizemos um tour a pé pela cidade. Passamos pelos principais parques. Passamos pelo museu de guerra, mas como já tínhamos ido no cenário principal, no interior do país, não entramos. Estacionamentos de motos me impressionaram. Estávamos entrando na Ásia movida a moto: tanto o Camboja como o Vietnã, o Laos e também Myanmar. Fomos ao complexo esportivo, ao mercado central. Almoçamos num mercado típico da cidade e, à tarde, nos encaminhamos para o aeroporto, em direção a Ho Chi Min. O Vietnã nos esperava.

Desta vez, antes de deixar mais um país, erramos nas contas para o nosso orçamento em cash, em moeda local. Tiramos pouco dinheiro, mas nada que afetasse a nossa caminhada.

Leimar



Diogo Lopes de Oliveira

2 de janeiro de 2016 · 🌐

No Camboja calculamos mal a grana a retirar. Fui induzido pelo preço do nosso hostel no Booking: R\$15! Eram 15USD. Não teve problema. No final, ontem jantamos no cartão e hoje almoçamos sandubias do café da manhã do hostel. Zero reais do Vietnã no bolso.



Curtir



Comentar



Compartilhar

VIETNÃ

Depois de uma espera considerável para tramitar o visto com os documentos que tínhamos providenciado no Brasil, fiquei aliviado quando o oficial da imigração puxou assunto comigo sobre futebol. Já passei pelas fases Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká e agora... Neymar.

O mesmo tinha acontecido na Costa Rica, em 2015, quando o responsável pelo controle de passageiros viu meu passaporte brasileiro e me perguntou de qual cidade eu era. Apesar de ter nascido e agora morar em Campina Grande, respondi: “Recife” – onde passei a maior parte da minha vida. Alguns meses antes, a Costa Rica tinha vencido a Itália e, nas oitavas de final, passou nos pênaltis pela Grécia – ambos os jogos aconteceram na capital pernambucana. Ele abriu um sorriso e disse: “A Costa Rica foi muito feliz no Recife”. Eu disse que tinha ido aos dois jogos. Novo sorriso. Eu nunca tinha visto tanta felicidade em um agente de imigração em lugar nenhum do mundo. Passe livre em San José e o futebol mais uma vez aliviando a tensão de qualquer imigração, desta vez, em Ho Chi Minh.

Nosso primeiro destino turístico no Vietnã foram os túneis de Cù Chi, local de batalhas durante a Guerra do Vietnã. No caminho, paramos no templo Dao Cao Dai, que era ao mesmo tempo hinduísta, confucionista, budista e católico. Assistimos a uma celebração ecumênica no santuário que guardava características arquitetônicas das quatro crenças.

Apesar de a distância para o centro da cidade de Ho Chi Minh ser cerca de 45km, a viagem demora mais de uma hora. O limite de velocidade do Vietnã é de 60km/h. Nesse percurso, pudemos começar a nos familiarizar com a paisagem que veríamos pelos próximos dez dias: campos de arroz de um lado e, de outro, as estradas ou as ferrovias.

Em Cù Chi, havia um campo de tiro na entrada da visita. Era possível praticar com diversos tipos de armas, inclusive metralhadoras. Não nos interessamos de jeito nenhum por esse passatempo, mas ele atraía dezenas de turistas. Esse estande de tiros fazia com que escutássemos o barulho de disparos durante todo o trajeto. Vimos tanques vietnamitas e americanos, bonecos-manequins que reproduziam as acomodações e práticas do período da guerra e exemplos das táticas e armadilhas preparadas pelos locais, de estatura baixa e sem grandes recursos, contra o poderio dos Estados Unidos.

O percurso também permitia que caminhássemos por dentro de um dos túneis ampliados. Seria impossível para alguém da minha estatura e compleição física percorrer os canais subterrâneos nas dimensões originais. Caminhei, de cócoras, por cerca de 150m. Ao longo do caminho, existiam alguns pontos de luz artificial. Na época da guerra, os vietnamitas rastejavam para se locomover, e a luz que iluminava os corredores estreitos era proporcionada pela queima de querosene.

Ao final dessa visita, em uma das réplicas dos acampamentos do exército do Vietnã, havia um pequeno forno a lenha. Meu pai entrou numa dessas tendas. Ao chegarmos no ônibus, ele me pediu para cheirar a camisa verde de tecido sintético que ele usava. E me disse:

– Filho, estou com o cheiro de pai (referindo-se ao pai dele). Vê mesmo! Ele parou por alguns segundos e complementou: – Deu saudade!

O cheiro era de fogão a lenha, umidade e suor. Extremamente característico do meu avô, que faleceu em 1996, vítima de uma trombose.

Meu pai não chorou na época em que o meu avô nos deixou. Nunca entendi a razão, mas ele sempre evitou chorar ao longo da vida – mesmo que tenha vivido situações muito duras. A primeira lembrança que tenho de ver meu pai emocionado foi quando eu morava em Barcelona. Minha mãe me mandou fotos dele chorando, bêbado, cheio de amigos ao redor dele. Ele estava abraçado com Waldir Pedrosa, um grande amigo de nós três. O motivo eram as saudades de mim, que já morava na Catalunha havia dois anos e meio.

Nesse dia, na saída dos túneis de Cù Chi, ele não se conteve por menos de um minuto. Foi um pranto curto, mas sofrido. Foi a primeira vez que vi meu pai assim. Ficamos abraçados em silêncio por algum tempo. Depois, retomamos as nossas conversas amenas sobre a viagem até voltarmos ao *hostel*. Nunca vou me esquecer desse dia.

Nosso *hostel* ficava muito bem localizado no bairro dos mochileiros, no centro de Ho Chi Minh. Dona Khanh, a proprietária, foi muito gentil sempre. Depois de duas semanas de viagem, colocamos as nossas roupas para lavar na primeira noite na cidade. No outro dia pela manhã, Dona Khanh nos devolveu o saco de roupas bem lavadas e cheirosas. Contamos todas as peças que entregamos, mas, ao checar, o principal era ter certeza que as camisas do Sport estavam lá.

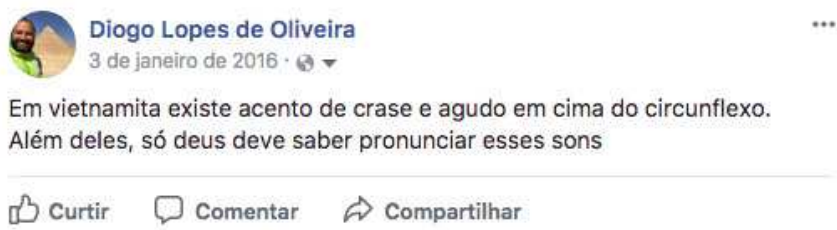
Decidimos antecipar em um dia nossa ida a Hoi An. Dedicamos o nosso último dia aos museus. Começamos com o Palácio da Reunificação, depois, o Museu dos Remanescentes da Guerra. Lá, encontramos dados cruéis da guerra: três milhões de vietnamitas mortos, dos quais dois milhões de civis. Dois milhões de pessoas mutiladas e 300 mil desaparecidos.

Por último, fomos ao Museu da Cidade de Ho Chi Minh. Almoçamos uma sopa de caranguejo e camarão no Mercado Bê Thành, onde esperávamos comer cachorros – é, isso mesmo, cachorros! –, mas não encontramos.

Visitamos também a sede do Partido Comunista do Vietnã e voltamos para a nossa última noite bordeando o Rio Saigon. No final

da tarde e antes de encarar os 935km a serem percorridos em 20 horas de trem até Da Nang – depois mais meia hora, de carro, até Hoi An –, tomamos umas cervejas com o amigo Carlos Santibáñez, professor de Ciência Política peruano, que tínhamos conhecido durante a visita a Cù Chi.

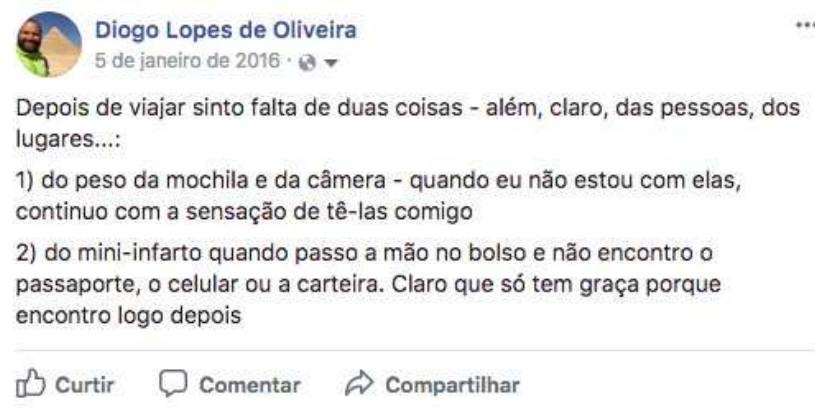
Durante um passeio por Ho Chi Minh, é fácil se impressionar com o barulho das buzinas das motos e com a quantidade delas. Dias mais tarde, vimos que em Hanói não era diferente. Apesar disso, não vimos um xingamento, um grito, muito menos uma briga de trânsito, nem entre motoristas nem entre motoristas e pedestres. Não é fácil atravessar a rua, mesmo na faixa de pedestres. Dá um pouco de insegurança, mas parar é pior porque o motorista não sabe o que fazer, perde a noção. Como dirigem devagar, conseguem calcular e deixar passar quem caminha.



Apesar de termos ganho um dia – por considerar que já tínhamos visto bem Ho Chi Minh –, a sensação era de que a viagem ficaria curta. Como já tínhamos pago uma terceira noite, acabamos perdendo 20USD porque a filha de Dona Khanh não quis nos devolver o dinheiro. Dona Khanh não estava. Tenho certeza de que ela teria devolvido. Sem problemas. Viagem que seguia.

Na estação de trem de Ho Chi Minh, a empresa de trens conseguiu acomodar o meu pai num leito de luxo, no primeiro nível, dos três que tinha cada cabine. Eu fiquei no terceiro. Novamente, de cara

no teto. Seria uma viagem muito longa. Praticamente não trocamos nenhuma palavra com os nossos quatro parceiros de viagem.



HO CHI MINH

| VIETNÃ |

Em 2 de janeiro de 2016, chegamos a Ho Chi Minh. Surpreendeu-me não termos tido problemas na alfândega. Era um dos medos que tínhamos: o visto. Aconteceu exatamente como estava escrito na página da Embaixada do Vietnã, apesar de toda a burocracia. Aquilo que havíamos pago no Brasil foi considerado, sem problemas.

Tivemos um contratempo no transporte alternativo para nos levar ao nosso hostel. Um cara nitidamente quis nos passar a perna. Ele anunciou um preço e quis cobrar mais se fôssemos só nós dois. Diogo comprou essa briga, descemos do carro e pegamos outro com dois indianos muito gente boa. Esse foi o único problema relacionado ao transporte ou qualquer outra atividade no Vietnã.

Chegamos ao hostel que ficava em frente a uma praça enorme – a Công viên Quách Thi Trang – no centro de Ho Chi Minh. Ele ficava em um bequinho estreito e o acesso era por meio de vielas. Como sempre, deixamos as mochilas e saímos para conhecer a cidade. Tomamos umas cervejinhas num restaurante excelente, que ficava em uma avenida ao lado. Tomávamos café da manhã em uma padaria ocidental, tipicamente francesa, com o que poderia haver do bom e do melhor em relação a pães e croissants.

Fiquei admirado com a profusão de cafés no Vietnã, de tipos de cafês e modos de preparar. Isso porque eu sou viciado em café, enquan-

to meu parceiro de viagem não toma de jeito nenhum. Há uma quantidade de cafeterias em Ho Chi Minh que deixaria Buenos Aires com inveja. Pela quantidade de cafeterias, lembrei-me muito da época que moramos na Argentina, no início dos anos 1990. Nesse aspecto, nenhuma cidade do Brasil chega perto.

Ho Chi Minh é a cidade do Sudeste Asiático com cicatrizes e traumas de guerra ainda expostos. Viemos entender melhor isso porque, no Norte, a guerra terminou em 1954 com a derrota dos franceses em Dien Bien Phu. Depois, os norte-americanos chegaram e a guerra continuou no território antes denominado Vietnã do Sul – de Da Nang, em direção ao sul.

Antes mesmo de visitarmos Ho Chi Minh, fomos a Cù Chi. Esses túneis são, na verdade, um grande museu de guerra a céu aberto. Nele, está explicitado como a guerrilha se organizava, nas florestas e nas saídas que tinham para o rio. Tudo isso muito bem preservado. No caminho para Cù Chi, visitamos artesanatos desenvolvidos por mutilados mecânicos, feridos por bombas ou agentes químicos – o principal era o agente laranja, muito utilizado entre 1961 e 1971 – e por agentes genéticos. Então, eram mutilados diretos de guerra por balas ou bombas ou sequelados de gerações seguintes. Os artesanatos eram lindas aquarelas, muito bem-feitas, quadros belíssimos! Também belíssimas estátuas de Buda!

No caminho, também passamos por um templo ecumênico. Nele, ao mesmo tempo, eram realizados ritos de várias religiões. As decorações eram impressionantes! Esse templo era um primor!

Os túneis de Cù Chi estão caracterizados por armadilhas. Os guerrilheiros típicos são uniformizados e com seus armamentos e mantimentos. Eles não usavam botas, usavam alpercatas. Tudo de uma simplicidade que custa entender como os americanos perderam aquela guerra. Quando você vê um lado e o outro, os tipos de equipamentos e armamentos, não é possível compreender como não conseguiram manter a ocupação. Vimos os tanques de guerras, as casas

subterrâneas caracterizadas com a sua cozinha, os fogões a lenha e a carvão vegetal, e também casas de superfície. Isso em uma floresta com saída para o Rio Saigon e com riquezas de detalhes que valem a pena visitar. A paisagem é composta de árvores secundárias, o que indica que a floresta tropical original foi completamente dizimada. As árvores são todas elas retilíneas como se tivessem sido plantadas. Os mercados lembram muito o Mercado de São José, no Recife. Eles têm mais ou menos a mesma arquitetura de ferro e alvenaria e a variação do mesmo layout. O Mercado de São José e parte do Mercado Antigo da Feira de Campina Grande guardam fortes semelhanças com os do Sudeste Asiático. Nos mercados do Vietnã, acabei também ficando confuso com as frutas que eu achava que eram nossas. Mas identifiquei abacaxi, pinha, abacate, mamão, pitomba, maracujá, graviola, jaca, laranja comum, mexerica, melão, banana e café. Era como se você tivesse em um mercado brasileiro. É uma cidade muito interessante para se visitar. Como fomos no verão, era uma cidade quente, mas agradabilíssima! As pessoas são hospitaleiras, como em todo o Sudeste Asiático.

Uma das coisas que me chamou a atenção é que chegamos em um dia de sábado. Havíamos passado 15 dias lavando algumas peças de roupa. Resolvemos pedir para o pessoal lavar. Perguntei à senhora se dava tempo de nos entregar no dia seguinte. Ela disse que sim. Detalhe: era um sábado, 21h30, e sairíamos no domingo bem cedo para aproveitar melhor o dia. Antes de sair, vi as roupas. E pensei: “As roupas ainda estão aí?”. Notei que as roupas estavam dobradinhas e as cheirei. Estavam todas limpas. Eu fiquei encantado com isso! Nós estávamos em uma faixa de turismo de baixa renda, que era a dos mochileiros. A rapidez na entrega da roupa foi um detalhe especial dos vietnamitas para os mochileiros.

Em Ho Chi Minh, tivemos a maior quantidade de museus visitados: o Palácio da Reunificação, o Museu dos Remanescentes da Guerra e o Museu da Cidade de Ho Chi Minh. Tudo em um só dia!

Todos muito bem cuidados, muito bem descritos com informações e gráficos mostrando como tinham sido a guerra, os investimentos, a quantidade de bombas jogadas, os agentes químicos, a guerra bacteriológica e uma imensa quantidade de fotografias de mutilados. Inclusive, havia um cartaz que acusava os Estados Unidos de quere-rem desertificar o país por meio de agentes laranjas, que dizimavam as florestas tropicais do Vietnã. Outro que me chamou a atenção foi sobre um trecho da declaração de independência dos Estados Uni-dos. Ele mostrava uma nítida contradição entre a imagem que eles vendem de liberdade no Ocidente e sua prática no Sudeste Asiático.

Leimar

HOI AN | VIETNÃ |

Hoi An é a Paraty do Vietnã. Extremamente aconchegante! À noite, a cidade inteira fica cheia de lâmpadas e luminárias coloridas, e as pessoas colocam velas em microbarquinhos nos rios que cortam a cidade.



Diogo Lopes de Oliveira está em **Hoi An Ancient City.**

5 de janeiro de 2016 · Instagram · 11

À noite, a cidade inteira de Hoi An fica cheia de lâmpadas coloridas e as pessoas colocam velas em microbarquinhos no canal. Estou com a impressão que este ano, minhas alunas vão querer me encomendar luminárias e não bolsas, como na Guatemala e na Colômbia #light #vietnã #vietnam #hoian



Nessa pequena cidade da região central da costa do Vietnã, decidimos ficar duas noites, depois de completarmos duas semanas de viagem. Sempre fazíamos as reservas um dia antes de chegar às cidades, considerando *hostels* onde pagássemos no máximo 20 dólares para nós dois e levando em conta a localização e a avaliação dos viajantes que tinham se hospedado no lugar. Só não reservamos em Malaca e Hoi An, que foram indicações de *Mister Sim* e do motorista de táxi que nos levou da estação de trem até Hoi An, em cerca de 20 minutos.

Em Singapura, ficamos no centro, mas uma linha de metrô nos conduzia facilmente desde o aeroporto até o *hostel*. Em Kuala Lumpur, duas linhas de metrô de superfície eram suficientes para nos levar da rodoviária até a nossa acomodação. Em Siem Reap, ficamos ao lado do mercado noturno; em Ho Chi Minh, no bairro dos mochileiros. Malaca e Hoi An eram muito pequenas e, em qualquer lugar, estaríamos perto de tudo. Estávamos otimizando muito o tempo e os custos até então. Essa dinâmica parecia agradar o meu pai.



A melhor maneira de aproveitar Hoi An, talvez, seja caminhar pela cidade sem destino certo. Mas, entre as dicas imperdíveis, podemos recomendar a visita ao mercado pela manhã, quando os pescadores vendem seus produtos recém-chegados do alto-mar. Entre as frutas parecidas com as nossas, identificamos pitomba, jambo, manga e goiaba. Entre as exóticas, *dragon fruit*, um kiwi mais suave e branco com uma casca que parece mesmo um dragão; e durian, uma

espécie de jaca com um cheiro forte e que, por isso, é proibido de ser consumido em lugares fechados. A lichia – possível de encontrar no Brasil – também está em todos os lugares e é chamada de *chôm chôm* – pelo menos, essa é a pronúncia aproximada.



Entre os legumes, quiabo e coentro são iguais. Em relação aos frutos do mar, vimos sururu, siri e caranguejos de diferentes tipos – até maria-farinha³ entra na panela dos vietnamitas. Alguns peixes são mantidos vivos. Mais fresco, impossível!

Os cortes das carnes são diferentes, menos o filé. Também aproveitamos para provar o *cao lao* – carne de porco com alface, broto de feijão, pimenta, coentro e um caldo que eles fazem.

Em Hoi An, reencontramos Carlos Santibáñez, o peruano de quem ficamos amigos em Ho Chi Minh e com quem percorremos juntos boa parte da cidade e dos museus, além de termos tomado algumas cervejas no final do dia. A propósito, as cervejas vietnamitas – chamadas de *bias*, provavelmente pela aproximação com *beers*, em inglês – são muito boas e baratas. Por exemplo, 450ml da *bia* Saigon, uma das que mais gostamos, custa 50 centavos de dólar.

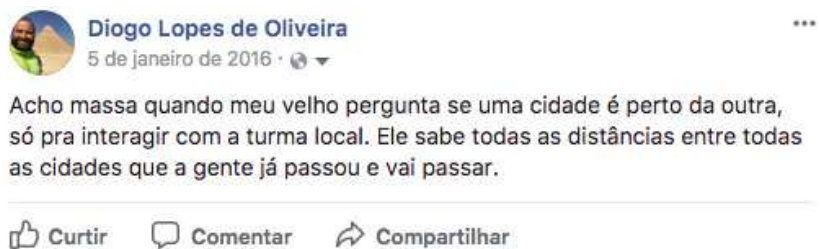
Foi muito bom reencontrar Carlos porque, além de grande sujeito, era bom poder falar em espanhol tanto para mim quanto para o meu pai. As conversas, quase sempre, eram sobre política,

³ Espécie de pequeno caranguejo amarelado muito comum em praias do litoral brasileiro.

literatura e música latino-americana, além, é claro, das experiências e impressões sobre o Vietnã. Meu pai acabava interagindo muito mais.

Apesar da pouca fluência do meu pai no inglês, em muitas situações, o idioma não adiantava muito em várias cidades da Ásia. Claro que, no Brasil, também é assim. A maioria da nossa população não o domina. Nós perguntávamos *why* ou *where* e eles respondem com *ié* ou concordando com a cabeça. Era evidente que não estavam nos entendendo. Aí entrava a mímica, que, às vezes, funciona. Comunicar-se por mímica é interessante e engraçado para ambos os interlocutores.

Quando a comunicação era em algum idioma que o meu pai não dominava, ele sempre tinha suas táticas para puxar conversa. Era preciso que ele conhecesse o assunto. Eu acabei registrando essa estratégia dele durante a viagem:



Bem menos populosa que a capital do Vietnã, na pequena cidade de Hoi An, não mudamos muito a nossa rotina. Fizemos longas caminhadas e tomamos mais cervejas. À noite, paramos para ver um coral infantil em sua aula de música, com as portas da sala abertas. Nunca vou me esquecer da musiquinha em vietnamita que os garotinhos cantavam. De vez em quando, ainda a escuto.

Também provamos um *Bahn My*, um sanduíche local de uma variedade incrível de recheios. Escolhemos o de carne de porco com alface e verduras. O grande segredo era uma pasta que parecia manteiga vencida. Tentamos descobrir o que era, mas a comunicação com a senhora do quiosque que nos vendeu o sanduíche era impossível. Um sabor que não vou esquecer também. Pena que esse, eu não posso comer de vez em quando.

Chamou-me muito a atenção uma garotinha que vendia os pequenos barquinhos com velas para colocar no Rio Vinh Cửa Đai, de Hoi An. Eram umas 21h e ela devia estar ajudando a mãe no serviço. No início, senti-me culpado por registrar o cansaço de uma menina dormindo apoiada no próprio braço. Passados alguns meses, passou um pouco esse sentimento e gostei da foto e da iluminação dela: somente as velas dos pequenos barquinhos.

Garotinha vietnamita dormindo
ao vender os pequenos barcos
que funcionam como uma
espécie de oferenda para
o Rio Vinh Cũa Đai.



Na manhã do dia seguinte, conforme prometido, antes de pegarmos o ônibus para Hue, tomamos um banho no Mar da China, que banha a costa perto de Hoi An. Dia nublado e água fria. No entanto, em dias ensolarados de verão, essa praia é concorrida por vietnamitas e turistas.

Na viagem de Ho Chi Minh a Hoi An, decidimos ir de trem, apesar de ser mais barato ir de avião. Nas quase 20 horas de viagem, pudemos ver a paisagem até Da Nang, uma ex-base aérea norte-americana. Essa viagem é imperdível! O trem é muito bom! Eu fiquei na cama de baixo. Diogo, no último dos três níveis de leito, perto do teto.

Acabamos descobrindo como os vietnamitas das classes C e D viajam. Todos levam as suas bebidas, os seus sucos, os seus cafés e os seus noodles. Eles conversaram a noite toda. Quando o dia amanhece, a imagem que se vê é paradisíaca, entre os arrozais e o Mar da China. Não me arrependi um minuto de termos percorrido a costa do Vietnã de trem e de ônibus – como faríamos mais tarde de Hue a Hanói.

Ficamos em um hotel barato, por recomendação do motorista do transporte alternativo. Um excelente lugar para pousarmos! A cidade é lindíssima! Bem cuidada como Paraty e viva como Olinda. É uma joia do Oriente. Os destaques são a Ponte Japonesa e uma rua só de restaurantes – a Nguyễn Phúc Chu – na beira do rio. À noite, Hoi An fica toda iluminada. É lindíssima! Os bazares coloridos, com suas lanternas acesas, são divinos. O artesanato é fino. Comprei as roupas orientais, que as mulheres do Ocidente costumam gostar, para Inês, para minhas irmãs e para a minha sobrinha-neta, Lis. Lamentavelmente, consegui a proeza de errar em todos os tamanhos.

É um excelente local para você contemplar. Na varanda de um dos restaurantes-bangalôs, ver o rio e tomar uma cerveja vietnamita

com o meu filho foi um grande prazer. Nessa viagem, acho que só posso comparar com o bar Utopia, que iríamos conhecer em Luang Prabang, no Laos.

No dia seguinte, fomos para um café da manhã no mercado de Hoi An. Carlos, o nosso amigo peruano foi conosco. Ele tinha tomado um avião em Ho Chi Minh para chegar a Hoi An. Ele nos disse que, no mercado, um dos grandes cozinheiros ocidentais – Anthony Bourdain – havia ido a esse mercado comprar ingredientes para fazer um programa de culinária para a sua estação de televisão e terminou tomando um café em um box de uma senhora.

No nosso último dia, tomamos um banho, o nosso primeiro banho, no Mar da China. Como eu já tinha batido Diogo no jacaré, em Penang, voltei a repetir a performance em Hoi An. Claro que eu o deixei ganhar algumas vezes para não o desestimular. Faz parte. Vimos umas embarcações diferentes. É como se as jangadas deles fossem uns cestos. Eu nunca havia visto uma embarcação como essa de Hoi An. Gostaria de ter passado mais tempo. Cansado de qualquer viagem no Sudeste Asiático, essa cidade seria uma excelente parada para descanso.

Leimar

¶

HUE | VIETNÃ |

A 97km de Hoi An, ficava o nosso próximo destino: Hue. Ficamos hospedados num *hostel* central e muito próximo à estação de ônibus. Às margens do Rio Perfume, a Cidade Imperial de Hue é a principal atração. Essa era a nossa intenção. Não estava nos nossos planos ir à Caverna Paradise, mas ela acabou tornando-se um dos passeios mais incríveis que fizemos.

Ela foi descoberta há 20 anos, mas só é visitada há cinco. É chamada de "a Capela Sistina das cavernas". Segundo o nosso guia, pesquisadores calculam que existem mais 30km de túneis de estalactites e estalagmites, mas até agora só se pode percorrer 1km. Foi o que fizemos. A comparação que acho possível é ver galáxias e corpos celestiais dentro de uma caverna. Indescritível! Naquele dia, eu escrevi: "Infelizmente, vou ter que esperar chegar ao Brasil para ver as fotos da câmera. Mas acredito que tenham ficado massa e feito jus ao lugar". Não foi preciso. Dias mais tarde, no Laos, consegui passar as fotos para o computador que havíamos comprado para a minha mãe no Camboja. E vi fotos como esta:



Paradise Cave: a sensação é de estar em uma outra dimensão ou galáxia. Estalactites e estalagmites por todos os lados criam um cenário deslumbrante.

Na volta a Hue, coloquei umas músicas para tocar aleatoriamente no celular. Dividi o fone com o meu pai. Tocaram Nação, Djavan, Chico, etc. Mas a música que ele pediu pra ficar com os dois fones e curtir os campos de arroz pela janela foi “Como dos Extraños”, com o Polaco Goyeneche. É um tango que costumávamos ouvir com a minha mãe em Buenos Aires – em casa ou na Plaza Francia, na Recoleta, nos domingos de tarde.

Na metade da viagem, constatei que a preparação do meu pai – física e espiritual – tinha sido muito bem planejada e executada. Eu dormia consideravelmente durante longos trajetos. Já havíamos feito alguns: Kuala Lumpur-Penang, Siem Reap-Phnom Penh e, principalmente, Ho Chi Minh-Da Nang. Na sequência, teríamos mais 14 horas, em ônibus leito, até Hanói.

Claro que eu aproveitava as paisagens. Mas, em algum momento, eu cochilava. O fato era que meu pai não pregava o olho enquanto houvesse luz natural do lado de fora do trem, do avião, do *tuk-tuk*, do carro, do barco ou da minivan. Ele só dormia quando chegava ao *hostel*. Eu sabia que a viagem seria espetacular, que o ritmo de ver e fazer as coisas seria parecido. Como já relatei, não era a primeira viagem que fazíamos juntos. Mas era, seguramente, a mais longa. O gás do meu pai me impressionava! Ainda bem, porque ainda faltavam a outra metade e outros três países.

Entre uma conversa e outra, o professor Leimar soltava pérolas como: “Descobri que o tênis é tão importante quanto o passaporte” ou a afirmação de que só viajaria como mochileiro dali em diante.⁴

A caminho da Cidadela, sobre a ponte Truong Tien, vimos o que já nos vinha chamando a atenção desde que chegamos ao Vietnã. As mulheres faziam o trabalho mais pesado. As vendedoras de pitomba,

⁴ Nas férias seguintes, de 2016/2017, eu viajei por sete países da África (África do Sul, Namíbia, Botsuana, Zimbábue, Zâmbia, Tanzânia e Egito). Meu pai ficou em Campina Grande para terminar seus estudos. Ainda assim, acredito mesmo que, quando ele tiver a oportunidade, vai cumprir a promessa e incorporar ao seu modo de viajar os hábitos que compartilhamos na nossa viagem ao Sudeste Asiático.

tamarindo, batata, laranja, pituaia e lichia carregavam duas cestas, cada uma numa ponta de uma haste de madeira. Era perceptível que o peso não era fácil de suportar. A cada tanto, elas paravam para descansar. Nessas paradas, as cestas já viravam balcão de feira.

Em outro ponto do trajeto à Cidadela, passamos por um acontecimento curioso em Hue. Entramos no pátio de numa universidade durante um ato de formatura dos alunos. Inseguros sobre a possibilidade de tirar fotos, voltamos para perguntar ao porteiro se podíamos. Dissemos que éramos professores no Brasil. Não adiantou. O porteiro nos despachou.

Apesar de darmos aula para alunos com hábitos completamente diferentes como os de Comunicação e Engenharia Elétrica, ficamos pensando se uma situação inversa acontecesse, na nossa Universidade. Um pai e um filho vietnamitas na frente do Garden Hotel, em Campina Grande, por exemplo, onde acontecem as formaturas dos alunos da UFCG. Tínhamos certeza de que os estudantes fariam uma festa, tirariam fotos com os dois nos braços e ainda chamariam para farra depois. Nesse sentido, não há comparação possível entre a festividade de brasileiros e de asiáticos.

Se a nossa viagem tivesse terminado em Hoi An, já teria valido muito a pena. Mas quando chegamos a Hue, o cenário era indescritível! Duas coisas nos chamaram a atenção: a primeira, a Paradise Cave; e a outra, a Cidade Púrpura, uma reprodução da cidade proibida da China. Chegamos ao hostel relativamente cedo e, como de costume, saímos para tomar umas cervejas às margens do Rio Perfume e aproveitar para conhecer a cidade.

No dia seguinte, passamos o tempo inteiro na cidade proibida: um patrimônio cultural da humanidade. Pena que, em 1947, ela foi intensamente bombardeada pelos franceses e, depois, em 1968, pelos norte-americanos. É lamentável também porque o que a mídia ocidental anuncia de ataques a sítios arqueológicos na Ásia Central, no Iraque – principalmente – e no Afeganistão, por grupos extre-

mistas islâmicos, os ocidentais fizeram de igual maneira no Vietnã e em todo o Sudeste Asiático. Eu acompanhei a Guerra do Vietnã e não me lembro de nenhuma referência a essas barbaridades.

Apesar da tentativa de destruição do templo, a réplica da cidade proibida de Hue é muito bem restaurada. Recomendo demais esse passeio. Também destaco o tour pelas cavernas Paradise. Elas têm a extensão de 1km, em um percurso muito bem estruturado por plataformas de madeira e iluminado de maneira sublime. É possível fazer excelentes fotografias.

Nesse dia, voltamos no final da tarde. O inglês ou qualquer língua ocidental vale pouquíssimo nesse passeio. Ele não é tão turístico, e os ambulantes que vendem seus produtos na margem da estrada não têm como interagir a não ser usando a linguagem universal da mímica.

Em geral, durante a viagem, a comunicação não foi um transtorno para as necessidades primárias, mas era uma barreira muito grande para trocar informações com os nativos. Isso para mim foi terrível! Diogo tinha mais facilidade porque domina mais idiomas e o seu aprendizado foi mais fácil porque ele podia abrir um leque enorme de trocas de informação. Ele me ajudava sempre que podia. Mas, no interior, nas pequenas cidades, eles fazem todo o esforço possível para serem entendidos.

Na ida para as cavernas, passamos por uma construção grandiosíssima. Era uma igreja que estavam construindo para Nossa Senhora de Lujan, que é, na realidade, a lenda de todas as nossas senhoras que conhecemos na América Latina: Luján, na Argentina; Guadalupe, no México; e Aparecida, no Brasil. Uma imagem encontrada por pessoas ou então sendo transportada por animais que não quiseram mais seguir, etc. Estão construindo uma igreja enorme no meio do nada.

Outra atração de que gostei muito foi a Thiên Mụ Pagoda, que visitamos no último dia, antes de viajarmos. Nosso próximo destino seria Hanói, mas acabamos encarando uma outra viagem rumo a Halong Bay.

Leimar



HANÓI-HALONG BAY | VIETNÃ |

Na véspera do meu pai completar 66 anos, nosso ônibus leito entre Hue e Hanói parou para jantarmos. Meu pai não quis descer. O russo, que viajava com a mulher nos assentos leitos abaixo dos nossos, e eu descemos. Éramos os únicos ocidentais do restaurante. Todos colocavam os tênis num saco plástico e a empresa disponibilizava sandálias. Perguntei o que o russo ia pedir – não tinha menu, muito menos foto dos pratos – e ele me respondeu dizendo: “Little English”.

Perguntei à moça quais eram as opções e ela me respondeu em vietnamita. Ou seja, restava a mímica. Várias panelas em vários fogões e gritos de pedidos de arroz com alguns complementos: carne, galinha e vegetais foram os que consegui identificar. Também não entendi quantos poderia escolher. Pedi – apontando – um misto de todos os que eu conhecia. Me sentei na frente do russo, que deve ter usado outra tática, mas conseguiu pedir seu prato também.

Ao nosso lado, vários vietnamitas. Percebi que eles riram do meu jeito de comer com os *hashis* e de finalizar com a colher. Como professor e viajante, acho curioso quando a comunicação oral não é possível (porque não conhecemos os códigos uns dos outros e, por isso, não decodificamos as palavras), mas a diversão acontece mesmo assim. O russo usou colher o tempo todo. Mas eu sempre prefiro tentar me integrar, mesmo que isso custe uma chacota. Os vietnamitas, o russo e eu demos gargalhadas sem trocar nenhuma palavra.

Uma coisa ficou clara nesse episódio: a arte de melar o arroz na graxa é universal. Todo mundo faz! Pouco tempo depois, o grupo

que se formou no jantar voltou a desunir-se. Entramos no ônibus, onde era exibido um filme que devia ser em chinês com legenda em alguma outra língua (ou não). Tinha muita gente, que assim como o meu pai e eu, só estava vendo as figurinhas.

Aquela era a quarta noite que eu dormia como o rosto colado no teto: fosse do *hostel*, do trem ou do ônibus. Mas, desta vez, tínhamos muito conforto e até *wi-fi* grátis durante a viagem. Meu pai e eu coincidimos ao acordar no meio da madrugada. Dei o primeiro beijo e o primeiro parabéns ao meu velho e voltamos a dormir.

Cheguei a postar que, à noite, teríamos um jantar especial em Hanói, com umas cervejas para comemorar, sempre na proporção que vínhamos desenvolvendo: 80% eu, 20% ele. Haveria ainda um jogo de futebol do Barcelona. Se fosse assim, já seria uma grande ocasião para festejar o aniversário do meu pai. Nós não sabíamos que acabaria sendo ainda mais especial.

Mudança de planos! Com o *hostel* lotado em Hanói, foi impossível fazer *early check-in*. Sem banho e sem descanso, fomos direto para Halong Bay passar o dia do aniversário do velho andando de caiaque e dormindo num barco no meio da baía. Tien, o dono do *hostel* em Hanói, cancelou nossa reserva sem cobrar nada e nos convidou para o café da manhã, gratuitamente, enquanto esperávamos os outros excursionistas para a viagem até o arquipélago com mais de 3 mil ilhas.

Na época, escrevi que o que me fazia gostar de viajar com a mochila nas costas, com um plano inicial, mas com margem para mudanças, era “oscilar entre a tempestade e a bonança”. É disso que eu gosto! Era isso que eu passava a compartilhar com o meu pai. Acho que ele também gostou.

Eu entendo que nem todo mundo tem esse espírito. Muitos dos meus amigos jamais viajariam nem para os destinos que eu escolhi, nem dessa forma que prefiro. Tenho certeza de que meus pais me ajudaram a construir isso. Ninguém nasce sabendo viajar ou sabendo identificar o que lhe dá prazer na forma de viajar. Eu gosto de viajar

e de viagem. Me sinto bem ouvindo ou lendo os relatos dos outros. Isso acaba fazendo muita diferença.

Ainda em Hue, fizemos o *checkout* às 12h, fomos à Pagoda de Thiên Mỹ, almoçamos as torradas do café da manhã e pegamos o ônibus pra Hanói. Quase 24 horas depois, tomamos banho de janela escancarada com três mil ilhas em volta. Almoçamos e jantamos fartamente.

O dia em Halong Bay teve direito a passeio de caiaque, um mergulho no mar gelado e um jogo de vôlei de praia com pessoas do mundo todo. No final da tarde, participamos de um *happy hour* e depois pescamos camarão. À noite, houve uma oficina para aprender a fazer rolinhos primavera. Depois de todas essas atividades, em um dia totalmente inesperado, meu velho me disse que eu não sabia planejar aniversário. A casualidade da forma como passamos o aniversário de 66 anos dele permitia que ele se gabasse. Era justo.

Além dos visuais impressionantes, apesar do dia nublado que encontramos, no nosso minicruzeiro, conhecemos uma turma agradável em Halong Bay: Tom, o melhor guia até então, e Michele e Giulia, um casal de italianos de Verona, que estava em lua de mel. Com eles, ganhamos a partida de vôlei de praia, tomamos boas cervejas, comemos muitíssimo bem e conversamos sobre a vida. Na manhã seguinte, no café, ainda nos trouxeram um prato de bacon. Bondade demais!

Na volta de Halong Bay para Hanói, percebi que o meu celular não travava mais. A nossa principal ferramenta de viagem estava funcionando perfeitamente de novo. Era um alívio para mim e, por consequência, para o meu parceiro de viagem.



Diogo Lopes de Oliveira

10 de janeiro de 2016 · 🌐 ▼

O problema do meu celular "assim como veio partiu, não se sabe pra onde" como diria Chico, na versão que fez de Gesubambino



Curtir



Comentar



Compartilhar

A viagem Hue-Hanói foi feita em um ônibus leito de luxo. A velocidade de cruzeiro era de 60km/h até mais ou menos as 22h. Passada essa hora, o motorista manteve uma velocidade de uns 100km/h, 110km/h. Por isso, acabamos chegando com duas horas de antecedência. Nessa viagem, eu ganhei a minha cidadania asiática. Eu já era confundido com um asiático desde o voo de São Paulo para Doha e de Doha para Singapura e em várias outras situações na Ásia. Nesse trecho, alguns alunos universitários que iam para Hanói surpreenderam-se como era possível que eu não soubesse falar nenhuma língua asiática. Eles tentaram de tudo. Quando eu falei o meu português, eles perceberam que as nossas línguas eram muito diferentes e que eu não era um local, apesar da aparência. Isso me perseguiu durante toda a viagem pela Ásia. Quando eu não queria ser molestado em centros turísticos, era só eu tirar os meus óculos escuros e passear como se fosse invisível.



Na realidade, esse trecho acabou sendo Hue-Halong Bay. Hanói foi apenas um ponto de parada. O ônibus chegou antes do previsto. Umas cinco ou seis horas antes da reserva do hostel. Gentilmente, Tien, o dono do hostel, nos sugeriu e conseguiu uma passagem para Halong Bay. Ele ainda adiou a nossa reserva para quando voltássemos, no dia seguinte, com custo zero. A viagem para Halong Bay foi em uma van confortável. Acabamos chegando ao paraíso! O arquipélago de Halong Bay é um patrimônio natural da humanidade, muito próximo da fronteira com a China. Consiste em uma formação rochosa com mais de três mil ilhas de uma beleza sem igual. Eu

não sei descrever o que é aquilo. Uma vista imperdível da natureza! Era dia 9 de janeiro: uma bela forma de comemorar 66 anos. Era o dia do meu aniversário. Chegamos lá e, como em todo final de viagem, tínhamos o tempo de deixar as mochilas e cair no mundo. Nem precisamos porque, nesse dia, dormimos no camarim do barco. Já estávamos caindo no mundo sem sair do nosso cômodo.

Mais tarde, descemos do barco e fomos visitar uma caverna. Mas, para quem já tinha visitado a Paradise Cave, não fazia a menor diferença. Ganhamos uma corrida de caiaque, meio de transporte que eu aprendi a navegar na hora. Mas eu contava com um grande remador. Depois, jogamos uma partida de vôlei com uma diversidade de pessoas digna da ONU. Um mergulho no Mar da China, desta vez, com a água bastante fria. Mas, depois do caiaque e do vôlei, foi um banho muito bem aproveitado.

No final da tarde, como ninguém é de ferro, vimos um entardecer belíssimo tomando mais umas cervejinhas. Nesse dia, tivemos direito a um vinho com um casal de Verona que estava em lua de mel. Imagine a insatisfação humana: você em Verona e ir passar a lua de mel na Ásia.

Depois disso, deitamos em cadeiras de piscina para contemplar a noite. E, para terminar o dia, uma cama bastante confortável. Não precisávamos de ar-condicionado. Dormimos com as janelas abertas sem nenhum inseto e em um silêncio de doer os ouvidos. Halong Bay é extremamente bonita e o tempo demora muito a passar.

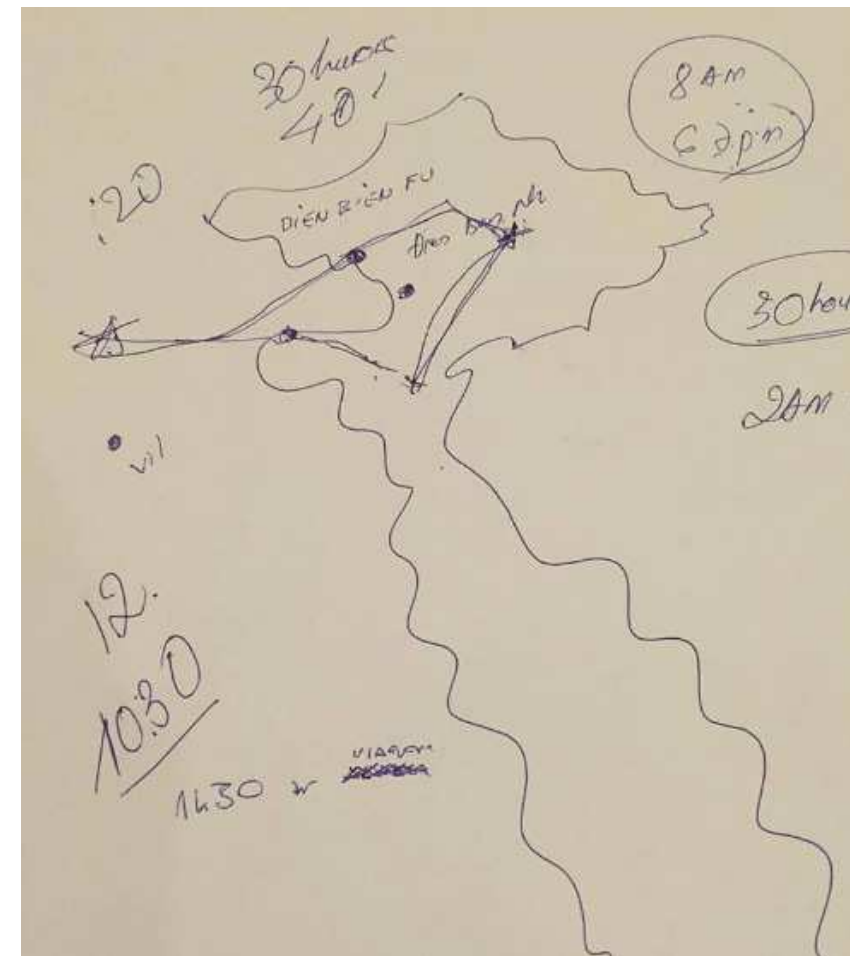
No dia seguinte, tomamos café da manhã diante daquela beleza estonteante e voltamos para Hanói. Desta vez, diferente do dia anterior, fomos direto para Hanói. Não fizemos paradas em lojas de artesanato. Tenho certeza de que fizemos a melhor escolha. Não pagamos o pacote mais caro, mas não pagamos dos mais baratos. Acho que só recomendaria o menor preço se realmente o visitante estivesse com muito pouco dinheiro.

Leimar

HANOÍ

| VIETNÃ |

Voltamos para Hanói logo depois do café da manhã. Exatas 24 horas depois, voltamos ao nosso *hostel* simples, no centro da cidade, bem perto do Lago Ho Hoan Kiem. Tivemos muita sorte em conhecer Tien. Com ele, definimos o nosso futuro na viagem numa folha de papel. Thomas, o recepcionista do *hostel*, também nos deu uma grande força.



Em Hanói, meu pai e eu decidimos mudar o roteiro original. Em uma folha de papel, com Tien e Thomas, com anotações dos quatro, vimos que a melhor logística seria pular Dien Bien Phu.

Não valia a pena pegar a estrada de novo até Dien Bien Phu (local da última guerra da Indochina, em 1954, com vitória do Vietnã do Norte). O trajeto por terra é muito ruim, segundo nossos consultores locais. Além disso, teríamos que esperar 6 horas, de madrugada, até a fronteira abrir. Estávamos conseguindo tempo no roteiro para passar mais dias em Luang Prabang, no Laos. Então, decidimos abrir mão de Dien Bien Phu e embarcar num voo *low cost* até a cidade laociana, que já estava no nosso roteiro. Segundo Thomas, era uma espécie de Hoi An. Isso nos convenceu ainda mais! Conversa de 15 minutos, passagens de avião compradas e a certeza de que visto não seria um problema pelas informações que Tien e Thomas nos passaram.

Talvez a história mais curiosa que juntamos para contar foi com um grupo de crianças de Hanói – viria outra em Myanmar. Estávamos na frente do Museu Ho Chi Minh, ou Tio Hô, para os vietnamitas. Primeiro, duas garotinhas pediram para tirar foto com Bruno e Alice, dois catarinenses que conhecemos no dia anterior, no nosso *hostel*. As duas, muito sem graça, pediram para tirarem fotos comigo e com o meu pai também. Depois, vieram outros garotos falando um inglês muito bom. Dissemos que éramos do Brasil. Na história, entraram Pelé, Neymar, Messi, etc. Eles pediram mais fotos. Na primeira, todo mundo comportado. O chileno que se dispôs a registrar o momento pediu para que a gente comemorasse, fizesse festa, etc. Aí virou carnaval em Hanói!!!

Em frente ao Museu Ho Chi Minh, com um grupo de alunos vietnamitas que pediram fotos conosco. Uma grande festa!



Nesse último dia em Hanói, decidimos visitar os museus, mesmo sendo uma segunda-feira. Juntos a Bruno e Alice, fomos à prisão de Hoa Lo. Tanto eles como nós vimos uma guilhotina de perto pela primeira vez. É difícil explicar a sensação. As masmorras onde homens e mulheres ficavam presos pelos pés também são pesadas de ver. Como já contei, ocorre o mesmo em lugares como Sachsenhausen ou Museu da Guerra de Siem Reap. O ambiente é realmente hostil, mas a visita é necessária.

Também tentamos ir ao Museu da Mulher na Guerra. É marcante a importância que os vietnamitas dão ao papel das mulheres durante a guerra! O Museu estava fechado, por ser segunda. Uma pena!

No final da passagem pelo Vietnã, comecei a elaborar a teoria de que o país de que você mais gosta, durante uma viagem que inclui vários, é aquele onde você passa mais tempo, aquele que você dá mais chances de conhecer. Um ano antes, na América Central, gostei demais da Guatemala porque fui a Semuc Champey, a Tikal, ao Lago Atitlán, etc. Foram oito dias. Mais que Nicarágua, Costa Rica e Panamá.

Nos dez dias no Vietnã, fomos a Ho Chi Minh, aos túneis de Cù Chi, a Hoi An, a Hue, à caverna Paradise, a Hanoi, etc. Hoi An vai ser a cidade para não esquecer. Meu pai também achou. Para lá, queremos voltar um dia. Mas concordamos que antes é preciso dar chances a outros lugares. “Só não sei quais ainda”, disse eu, em janeiro de 2015.

Continuávamos viajando muito leves e comprando pouquíssimas coisas. A ideia de carregar o peso durante os vinte dias que ainda tínhamos pela frente afastava qualquer intenção de adquirir artesanatos ou quaisquer outros volumes.



Diogo Lopes de Oliveira

11 de janeiro de 2016 · 🌐

Certamente amanhã, ao pesar minha mochila a caminho do Laos, ela passará dos 8kg. Até agora comprei: um boné, duas munhequeiras pro tênis, duas camisas, quatro ímãs de geladeira e alguns presentes muito leves. A maioria das compras deve ficar pra Bangkok



Curtir



Comentar



Compartilhar

Hanói seria para mim, depois de Ho Chi Minh, a cidade com o maior significado porque, nos anos 1960, eu havia lido uma entrevista de Oscar Niemayer no Pasquim. Nela, foi perguntado ao nosso maior arquiteto qual seria a cidade mais bonita do mundo. Ele se referiu a Hanói e a colocou em um seletivo grupo junto a Paris e São Petersburgo. Ele afirmava que os orientais diziam que a cidade mais bonita do mundo era Hanói. Eu fiquei com isso na cabeça e, 50 anos depois, estive em Hanói. Realmente, depois de anos de sofrimento, guerras e traumas, é uma cidade muito bonita.

Chegando a Hanói novamente, como de costume, deixamos as mochilas no hostel e fomos fazer um reconhecimento da área. Seguindo pela rua da nossa casa em Hanói, eu fiquei impressionado ao ver várias lojas de pôsteres antigos no Vietnã. Várias lojinhas se diziam Old Propaganda Posters. Vários tinham motivos de guerra ou políticos do Partido Comunista Vietnamita ou referindo-se às conquistas do Vietnã.

Para a minha surpresa, no final da rua, encontrei uma igreja católica que depois descobri que era a Catedral de Hanói. Por curiosidade, já era noite, entrei para ver a missa. Era uma concelebração. Lógico que o cânone católico é o mesmo. A missa é a mesma no mundo todo, mas me chamou a atenção que era uma rara concelebração. Havia uma mistura com inglês e ainda em latim, além do vietnamita, é claro. A missa demorou muito. Eu passei alguns minutos ali e voltei para o hostel. Depois, saímos para comer alguma coisa e visitar a cidade novamente.

Deparamo-nos com um lago lindíssimo, o Hoan Kiem, sobre o qual havia uma ponte para uma ilha no meio dele – a Huc Bridge ou Ponte Vermelha. Ela era muito bonita! Vermelha. Iluminada. Perto da meia-noite, voltamos. Esse era o nosso horário quase que limite porque a nossa rotina era bem puxada.

Saímos cedo no dia seguinte. Encontramos um casal de jovens catarinenses, que estavam na frente do Mausoléu de Ho Chi Minh e que já tínhamos conhecido no hostel. Visitamos com eles uma

grande quantidade de museus em Hanói. Começamos pelo Museu Ho Chi Minh de Hanói, onde se encontra a casa em que ele viveu a maior parte da sua vida, já como Chefe de Estado. Era uma casa extremamente simples. Os quartos, a sala e o escritório de trabalho eram de uma austeridade ímpar. Avistei pôsteres de Marx, Lênin e Engels.

Visitamos ainda o Văn Miếu Quốc Tử Giám (Templo da Literatura), uma antiga universidade, inaugurada em 1070 pelo imperador Ly Thanh Tong, que, segundo o cartaz, formou 1307 doutores entre os anos de 1442 e 1779. Uma dinastia muito culta financiou essa universidade. Um dos trabalhos que eles consideravam muito importante era um estudo sobre os cascos das tartarugas, sobre como eles mudavam com o tempo. A tartaruga é um dos símbolos sagrados do Vietnã, ao lado do dragão, da fênix e do unicórnio. Esses animais são muito propagados por lá.

Atravessamos a Praça Lênin e visitamos muitos outros museus. O que nos chamou a atenção foi o Hỏa Lò ou Maison Centrale, que foi a maior prisão francesa no Oriente. Foi fundada por volta dos anos 1880 e funcionou como prisão política na maior parte do seu tempo. Em 1954, com a libertação do povo vietnamita, passou a funcionar como uma prisão de pilotos americanos, que foram capturados bombardeando o Vietnã. Eles mantêm uma farta documentação desses momentos. Só passou a funcionar como museu em 1993. Ele é importante porque permite ver os horrores e o terror que eram impostos pelos franceses aos locais. Eu, que só conhecia por literatura, vi nessa prisão uma guilhotina, que só foi desativada em 1954. Eu não havia lido isso em nenhuma narrativa de algum humanista francês. A prisão mostra os métodos de tortura, como afogamento e outros, semelhantes ao que se viveu aqui no Brasil com os paus de arara ou presos pelos pés por correntes, parecendo o transporte de escravos. Também foi muito importante visitar o Museu de Artes de Hanói. Passamos esse dia visitando museus.

À noite, como sempre, voltamos, tomamos um banho e saímos para jantar. Como na nossa área não tinha nada local e queríamos algo típico da cidade, dissemos isso para Tien e, como ele não conseguiu explicar onde ficava o quiosque que ele sugeria, ele pegou a sua motoca e pediu para que Diogo e eu nos sentássemos na garupa. Na rua do hotel, não tivemos problemas. Quando dobramos a esquina, entramos em uma rua de trânsito intenso. Lá fomos nós no bagageiro dessa pequena moto, três adultos grandes, entre ônibus, caminhões, tuk-tuks, etc. Um inferno! E ele conduzindo a moto na maior tranquilidade; nós, nem tanto. Ele nos deixou no quiosque e gentilmente perguntou se nós queríamos que ele fosse nos buscar. Enquanto nos tranquilizávamos, também gentilmente declinamos o convite. Ou seja, uma aventura daquela que para nós era novidade, no Vietnã, para eles, era corriqueiro. Não vimos nenhum acidente apesar do turbilhão de motos.

No dia seguinte, conversamos sobre se iríamos a Dien Bien Phu, mas era muito complicado o trajeto porque tinha uma passagem de alfândega que só abria pela manhã, e perderíamos muito tempo. Assim, já que havíamos ganho um dia em relação ao nosso roteiro base, decidimos empregar esse tempo em Luang Prabang, que também era um dos pontos altos do nosso mochilão.

Leimar



LAOS

Depois da confecção de um visto *express* no Aeroporto de Luang Prabang – uma linha de montagem não permite que o trâmite completo dure mais do que cinco minutos –, fomos recebidos na chegada pelo dono do *hostel*, *Mister Taka*. Ele é um japonês de uns 60 anos, dono de uma gráfica em Tóquio e que tem no seu *hostel*, no Laos, o seu descanso, seu sossego. *Mister Taka* só vai ao Japão em caso de necessidade. Por sugestão dele, fomos almoçar no restaurante *Utopia*. Ele mesmo acompanhou a gente até lá.

Os becos estreitos levam a uma espécie de palhoça gigante com cadeiras, esteiras e almofadas para que as pessoas possam contemplar o Nam Khan, um afluente do Rio Mekong, que a gente já tinha encontrado bem mais ao sul, em Phnom Penh. Um excelente almoço, com uma excelente música! Pois bem, uma cervejinha Beerlao, com boa música e essa vista. A utopia não parecia tão inalcançável assim.



Diogo Lopes de Oliveira

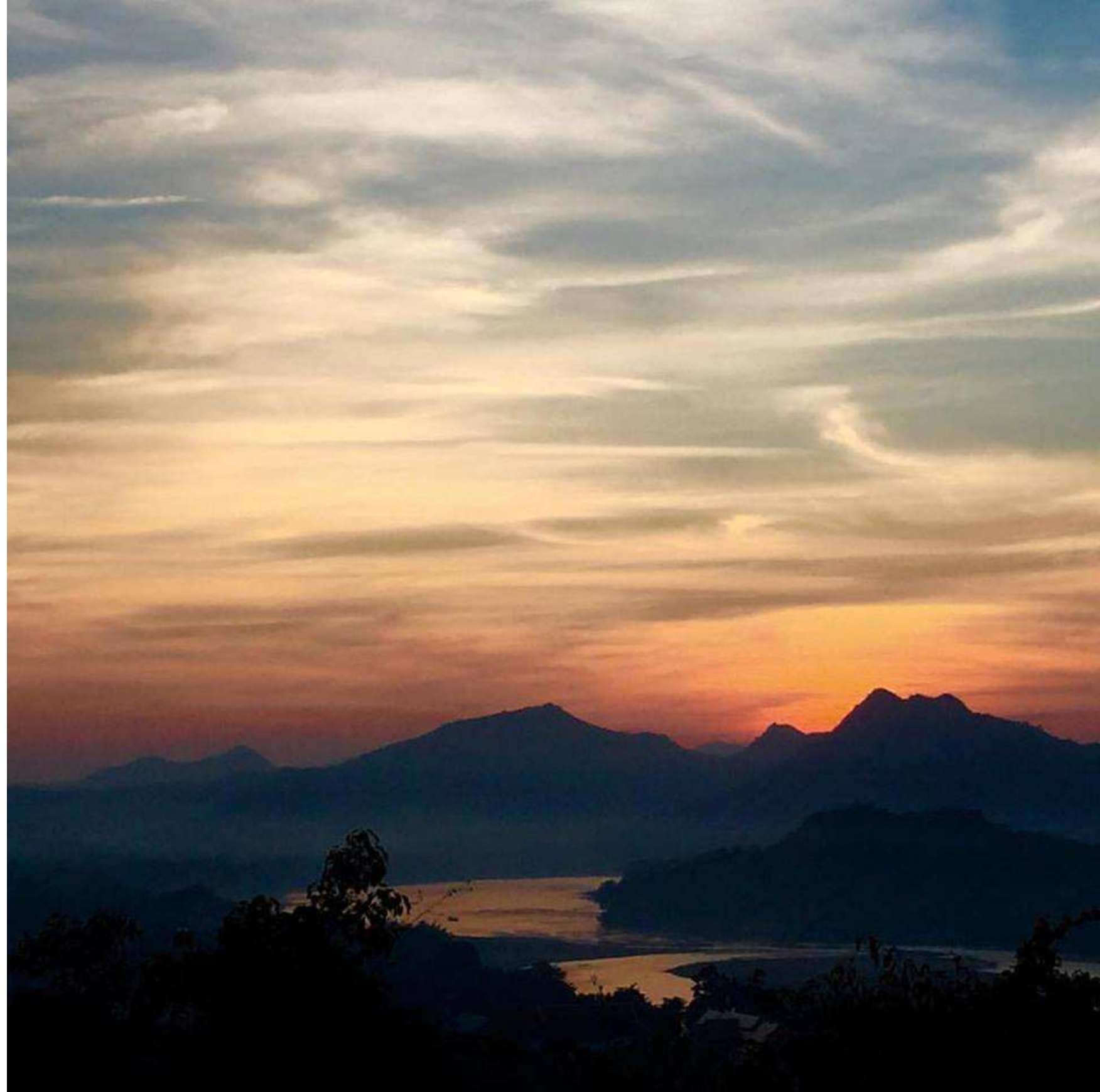
12 de janeiro de 2016 · 🌐 ▼

Como ninguém ganha todas, tiramos kips (moeda local) no banco BCEL, que tem limite de 1 milhão por saque (125USD). Quando vierem ao Laos, tirem no ANZ, que permite retirar 2 milhões de kips. A taxa é pequena por saque, mas tudo sempre conta.

De lá, fomos ao templo de Phou Si, em cima de uma colina região central de Luang Prabang. No cume desse lugar, tempo antes do pôr do sol, reencontramos Marcelo, Antonella, Isadora e Bárbara,

brasilienses dez anos mais novos que eu, que tinham ido no mesmo voo que nós. A vista do entardecer por trás das montanhas e do Rio Mekong é estonteante!

Vista do Templo Phou Si, no alto da montanha no centro de Luang Prabang. Centenas de pessoas se reúnem todas as tardes para contemplar esse pôr do sol. Não é para menos!



Com o pessoal de Brasília, fui à única balada em toda a viagem. Uma das adaptações no meu jeito de viajar foi essa. Meu pai nunca me restringiu em absolutamente nada. A proposta da nossa jornada era aproveitarmos juntos. Mesmo assim, depois de algumas cervejas, a turma do Planalto Central voltou para casa mais cedo. Eles vinham cansados da Tailândia. De todo jeito, foi bom poder conversar em português sobre assuntos das universidades brasileiras e viagens. Uma turma excelente de viajar! Espero poder encontrá-los mais vezes em outras viagens.⁵

Um dos nossos objetivos em Luang Prabang era ir à cachoeira de Kuangsi: um sonho antigo. Foi mais um paraíso que acrescentamos na nossa conta. Acabamos coincidindo com os brasilienses novamente neste passeio. Apesar da água gelada, a cor azul-celeste das pequenas quedas d'água impressiona.



⁵ Reencontrei Bárbara e Isadora – completamente por acaso – no último show do Carnaval do Recife 2017, no meio de uma multidão, no Marco Zero.

Naquela noite, fomos assistir à peça *Golden Deer and the abduction of princess Sida*, um espetáculo sem falas, com atores que vestiam máscaras tipicamente laocianas. Antes disso, as dançarinas do *Well Wishing Dancing* apresentaram-se também no *Royal Ballet Theater*, de Luang Prabang.

Mas, para mim, o ponto principal de Luang Prabang acabou sendo a visita ao Santuário dos Elefantes, que não estava prevista no nosso roteiro. Recomendaram-nos o santuário porque nele os elefantes eram criados soltos e realmente não vimos qualquer sinal de maus-tratos.

Uma das primeiras lembranças que tenho na vida é em cima de um elefante. No início de 1985, aos três anos e meio, fui com minha mãe e meus primos, Duda Lopes e Marcelo Lopes, ao Circo Garcia, em Campina Grande. Não sei se meus primos se lembram disso, mas minha mãe deixou o pessoal do circo colocar-nos em cima de um deles. Me lembro disso, de me sentir alto, de ver as pessoas lá embaixo.

Em janeiro de 2015, passados 30 anos, meu pai me disse em Luang Prabang que não estava lá, no circo, naquela noite. Ele tinha ido ao Rio a trabalho. Realmente, ele não estava na minha memória desse episódio. Pois bem, se ele não estava na minha lembrança naquela época, no Laos, criamos juntos outra recordação para a vida toda relacionada aos elefantes.

Primeiro, fizemos um passeio curto em cadeiras no lombo deles pela floresta com Khoun, uma fêmea de 47 anos, e Lae, nosso guia (pronuncia-se *Lê*). Do nosso grupo, só a gente se animou a sair do assento seguro e passear montados no pescoço deles – um de cada vez, claro. Depois, fizemos uma visita à caverna de Pak Ou e almoçamos contemplando o Rio Mekong. No início da tarde, tivemos aulas sobre os hábitos, características e comandos que os elefantes entendem em todo o Laos e na Tailândia. Na sequência, a parte mais legal: descer o barranco até o rio Mekong e tomar banho com eles! Os guias davam as ordens para eles jogarem água e derrubarem a gente. É impossível segurar-se no pescoço do elefante. Khun pesava três toneladas. Agora, minha primeira lembrança de elefante era com a minha mãe e a última com o meu pai.

Um dia inteiro com os elefantes no Santuário. Passeio pela floresta e banho no Rio Mekong. Inesquecível!



No nosso último dia em Luang Prabang, tomamos o café da manhã que o próprio *Mister Taka* preparava para nós pela terceira vez. No final da tarde, a gente deixaria o Laos rumo a Chiang Rai, na Tailândia. Seriam 12 horas de ônibus até a fronteira e mais três, de minivan, até lá. Não tínhamos ideia do que nos esperava durante este tempo de travessia da fronteira.

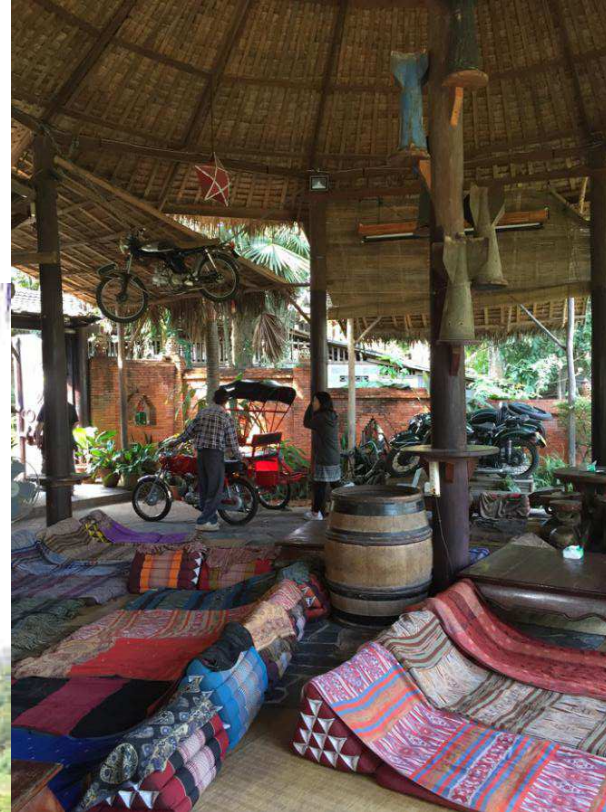


Mister Taka foi realmente um cicerone em Luang Prabang. Sempre prestativo, no primeiro dia ele nos acompanhou até o Utopia, nos levou até a empresa de ônibus que fazia o trecho até Chiang Rai, nos mostrou o caixa eletrônico mais próximo, e ele mesmo fez os ovos mexidos, os chás e cafés e as panquecas de todas as manhãs. Por fim, ainda nos deixou dar uma volta na cidade e ficar até 13h, antes de fazer o *checkout*. Esse descanso seria muito importante para aguentar a jornada. Nós só não sabíamos disso ainda.



Quando chegamos a Luang Prabang, conhecemos Mister Taka, um japonês que ainda é executivo no país natal, mas que, um dia, visitando Luang Prabang, decidiu que passaria mais tempo cuidando do hostel, na tranquilidade do Laos, que dirigindo uma gráfica na caótica Tôquio. Ele cuida de cada detalhe do hostel com uma dedicação fora do comum. Logo que chegamos, ele nos recomendou um dos melhores bares a que eu já fui em toda a minha vida. O nome desse bar é Utopia. Ele fica em cima de uma falésia, às margens de um afluente do Rio Mekong e está dividido em várias partes. Na principal delas, eles disponibilizam cadeiras de piscina, onde você pode comer uma excelente comida típica ou internacional, ficar conversando e contemplando a vista do rio. Assim que chegamos, ele nos acompanhou até o bar.

O Utopia fica às margens do Rio Nam Khan, perto do centro de Luang Prabang.
Lugar para relaxar e contemplar a natureza.



Depois, fomos ver o grandiosíssimo pôr do sol em Luang Prabang, no Templo de Phou Si, em cima de uma montanha que fica no centro da cidade. Lá do alto, você consegue ver a curva do Rio Mekong. Lá, o Museu de História da cidade e a peça de teatro a que assistimos foram inesquecíveis.

Fizemos passeios dos mais variados. Fiquei impressionado com a cachoeira de Kuang Si. Eu achava que já a tinha visto, mas havia um monte de uns 100m. Eu acabei dizendo a Diogo que ele podia subir junto com uns amigos de Brasília que ele tinha feito no voo de Hanói pra Luang Prabang; eu ia esperá-los na volta. Acho que não se passaram nem três minutos, chegou uma senhora japonesa de uns 80 anos ou mais, descendo a ladeira com uma bengala. Eu dei bom dia. Nunca na minha vida eu tinha sentido tanta vergonha de uma decisão. Para piorar, eu estava com a minha mochila e a de Diogo. Coloquei ambas nas costas e comecei a subir esse monte. Alcancei o pessoal faltando um terço da subida. Diogo pegou a bagagem, o que para mim foi um alívio grande. A vista lá de cima, vendo a mata quase amazônica, valeu todo o esforço. Eu iria perder pela primeira vez alguma coisa porque achava que o sacrifício não valeria a pena. Essa foi uma das grandes lições que aprendi. Tentar sempre. Acomodar-se jamais. Isso mudou muito uma visão já des-temida que eu tinha da vida. Aquilo valeu muito mais que uma subida. Valeu uma lição.

Leimar

¶

LUANG PRABANG | LAOS | – CHIANG RAI | TAILÂNDIA |

Eu só consegui escrever sobre a viagem noturna de ônibus de Luang Prabang até Chiang Rai no final da tarde do dia seguinte. Ainda hoje, vez por outra, me lembro da agonia que foi. Postei uma foto que não representava a confusão que tinha sido, mas era com ela que eu iria querer me lembrar de tudo.

Sáímos do *hostel* do *Mister Taka* uma hora antes do horário do ônibus, que, por sua vez, já tinha sido antecipado das 19h para as 18h – desconhecemos a razão. Mas como tínhamos sido avisados a tempo, pegamos o *tuk-tuk* que a empresa disponibilizou para nos levar até miniestação de Luang Prabang, sem maiores problemas. Dois chineses foram conosco na “caçamba” do típico veículo da América Central, da Ásia e da África.

No guichê, o atendente do *check-in* nos disse – num inglês de difícil compreensão – que não tomaríamos o nosso ônibus ali. Seria na estação do norte. O bilhete com as indicações era rabiscado a caneta e totalmente em laociano. Impossível para nós depreendermos alguma coisa escrita. Depois de debater sobre a melhor estratégia para resolver o problema, meu pai e eu decidimos pegar outro *tuk-tuk* e voltar para o *hostel*. Contávamos que *Mister Taka* fosse prestativo mais uma vez. E foi! Ele nos acompanhou até a empresa que nos vendeu a passagem, a uns 250m dali.

O gerente da empresa nos garantiu que era mesmo na miniestação e se comprometeu a ir conosco até o local na sua moto e nós no *tuk-tuk*. No meio do trajeto de volta à mesma estação pequena, ele, que vinha nos seguindo, sumiu. Chegamos, somente meu pai e

eu, de novo, à miniestação. Fui falar com o mesmo atendente, que reconheceu o erro, mas não pediu desculpas. Bola para frente.

Antes de entramos no ônibus, o rapaz da empresa que acomodava as mochilas no bagageiro disse, por meio de mímicas, que devíamos trocar a passagem. Era como se tivessem nos dado um *voucher* ou algo parecido. Voltei ao mesmo funcionário da bilheteria, enquanto o motorista do *tuk-tuk* me cobrava pela corrida ao meu lado no guichê. O erro havia sido da empresa de ônibus e não nosso. Mesmo assim, paguei 4USD para não ter confusão. Trocamos a passagem do primeiro trecho até Huai Xai, na fronteira do Laos com a Tailândia.

Começamos a viagem às 18h30. O ônibus estava lotado de locais e três turistas holandeses. Às 22h, no meio do nada, no Laos, paramos onde meu pai definiu como o lugar que faz o Cajá – povoado de 5 mil habitantes no Agreste paraibano – parecer Beverly Hills. A iluminação era mínima, o banheiro era precário (um buraco no chão). Um ambiente hostil.

Nessa vila, entrou um casal com um bebê recém-nascido. Eles sentaram-se num colchonete sujo que o pessoal da empresa colocou no chão, atrás da gente, entre o último assento e uma parede que dividia a parte do banheiro do ônibus. Os três se acomodaram no pequeno espaço que havia para reclinar a última cadeira. Perguntei até onde iam. Nenhuma resposta compreensível – é claro que a minha pergunta também não fazia sentido para o casal. Ainda tentamos nos comunicar com o tradutor do celular de duas mulheres laocianas que estavam nas cadeiras ao lado das nossas, mas a internet caiu antes que eu perguntasse para onde o casal e o bebê iriam.

Ofereci meu lugar à mãe do garoto e deitei no colchonete, enquanto o marido da moça ia sentado como um faquir. Ele cabia sentado naquele espaço. Eu, não. Uma das mulheres que tentaram estabelecer alguma comunicação via tradutor do celular, gentilmente, me cedeu o cobertor dela e dividiu um com a amiga. O meu, usei para amenizar o contato com a caixa do motor e a poeira do chão e da parte de baixo dos assentos do ônibus. Além disso, usei meu grande

companheiro de viagem, o travesseiro, para o pescoço. Viajamos assim até as 3h30, quando o ônibus parou não sei onde e alguns passageiros desceram, entre eles as duas mulheres tão solidárias. Nem cheguei a me despedir delas nem a agradecer. Nem as vi sair de tão cansado e desnorreado que estava.

O casal ocupou as duas cadeiras ao lado das nossas. Não consegui saber o nome do bebê. Só sei, por comunicação primitiva, que é um garoto. Apontei para o recém-nascido e depois para o pai e para mim. Em seguida, para o bebê novamente e depois para a mãe. Ele apontou para o filho e depois para mim e para ele. Também mostrei o calendário no celular e fiz uma mímica de bebê chorando ao nascer – sim, foi bastante ridícula a minha imitação. Apontei janeiro como o mês 1; fevereiro, 2 e assim por diante. Ele parou em novembro e marcou o dia 30. O garoto tinha pouco mais de dois meses de vida. Com certeza, eles viajavam daquele jeito porque não tinham dinheiro. Seguramente também o pouco dinheiro que deram ficou com o rapaz da empresa.



A mãe e seu filho no assento que cedi para que eles não viajassem sentados no chão durante mais de 5 horas.

Essa viagem merece destaque porque, na verdade, foi uma aventura. Compramos a passagem em uma agência, assessorados pelo Mister Taka. A agência era de um amigo dele. Ele nos garantiu que era a melhor maneira de percorrer o trecho Luang Prabang-Chiang Rai. Havíamos cogitado a possibilidade de ir de barco, mas perderíamos muito tempo. A viagem seria de quase um dia e meio.

Fomos para uma minirodoviária em um transporte oferecido pela agência. Tinham dois chineses conosco. Quando chegamos lá, Diogo foi ao guichê e o rapaz do guichê disse que não era ali. Nós teríamos que ir para a rodoviária do norte da cidade. Nós chegamos com antecedência. Mesmo com a empresa tendo antecipado a viagem em uma hora. Achemos melhor voltarmos à pousada e falarmos com o Mister Taka. Ele nos acompanhou novamente à agência e o vendedor nos garantiu que era lá, na rodoviária onde havíamos estado.

Voltamos em um tuk-tuk por nossa conta. O gerente seguiu-nos até uma determinada altura e chegamos à rodoviária sozinhos. Diogo novamente dirigiu-se para a negociação, enquanto eu fiquei com as mochilas. Então, o mesmo atendente reconheceu o erro. Quase perdemos o ônibus.

Mais ou menos umas 18h30, deixamos Luang Prabang. Era uma região montanhosa e sinuosa, mas muito bonita. Dava para ver a vegetação e, quando escureceu, nos preparamos para dormir. Era a sétima noite, das 27 até então, que dormiríamos viajando. O ônibus estava superlotado.

Depois de mais ou menos três horas de viagem, no meio do nada, chegamos a um vilarejinho muito precário. Fiz umas fotos dos restaurantes e dos banheiros do lugar onde paramos. Uma mulher com cara de menina e um bebê no braço subiu com o marido. As nossas cadeiras eram as últimas. Perto do motor tinha um espaço triangular, que só cabia uma pessoa da estatura de um menino de uns dez anos ficar mal acomodado, de cócoras. Para nós, seria impossível!

Diogo cedeu o lugar dele, e a mulher veio para perto de mim. A criança não se mexia, muito menos chorava. Diogo ainda conseguiu ter alguma conversa com eles. Soube que o bebê tinha pouco mais de dois meses. O marido, que também era muito jovem, dormiu de um lado dos assentos, sentado; e Diogo, atrás da minha cadeira, conseguiu deitar-se espremido. Depois de mais de cinco horas de viagem, o ônibus parou. Eu estava disposto a revezar com ele, mas o encontrei dormindo um sono bom, no colchonete de lona extremamente sujo. Era como dormir em um lixão sem o chorume e o mau cheiro.

O casal desceu na fronteira, em outro meio do nada. Eles agradeceram muito a Diogo, somente com gestos. Na fronteira, o motorista e uma espécie de cobrador queriam deixar-nos ali. A nossa posição foi: “Nós não vamos ficar aqui, não! No mínimo, temos que cruzar a fronteira para ficarmos do lado da Tailândia. Aqui nós não vamos ficar”. Chegou uma senhora que se identificou como guia, mas que não falava nada além de tailandês ou laociano. Ela ficou com a nossa passagem. Diogo teve a lucidez de registrar junto ao motorista. Disse que nós não tínhamos documento nenhum a partir dali para provar que havíamos comprado a passagem. Por outro lado, eu acho que ela precisava daquilo para ser ressarcida, alguma coisa assim. Perguntei várias vezes ao motorista se o ônibus estava se dirigindo para Chiang Rai. Ele me disse que sim. Então, Diogo e eu batemos o pé e fizemos o acordo de só descermos lá.

Nessa fronteira, me lembro que tinha um holandês esfolado de um acidente de moto. Ele pediu para Diogo passar com a mochila dele pela alfândega porque ele não conseguia carregá-la. Acho até que era verdade, mas Diogo fez-se de desentendido e alguém da imigração o ajudou. O risco era muito grande.

Leimar

TAILÂNDIA

| PARTE I |

Só às 9h consegui dormir bem. Acordei em Chiang Rai completamente destruído. Sacamos dinheiro na rodoviária, negociamos um preço razoável pelo *tuk-tuk* e chegamos ao *hostel* perto do meio-dia. As cervejas que pedimos na recepção do *hostel* e tomamos nas mesinhas que ficavam em frente a ela nem eram as mais saborosas da vida. Mas, depois de uma viagem como a que a gente tinha acabado de fazer, foi, sem dúvida, uma das mais lembradas. O banho também foi digno de registro: pela primeira vez na Ásia com cortina e sem molhar o resto do banheiro.



Depois disso, pegamos um *tuk-tuk*. Na Tailândia, também reinam os *tuk-tuks*. Com mais exemplos deles, definitivamente, nenhum é igual ao outro. Nem na América Central, nem na Ásia.⁶ Nem a carroceria, nem a carcaça do veículo (moto, carro, carro/moto, etc.), nem as “decorações” (santos, fotos, adesivos, cortinas, etc.).

⁶ A viagem pela África que fiz em dezembro de 2016 e em janeiro de 2017 também corroboraram essa impressão. Na Tanzânia, não é raro encontrar tuk-tuks e nenhum é igual ao outro.

O nosso destino era o Wat Rong Khun, o Templo Branco. De longe, a principal atração da cidade de Chiang Rai. Idealizado por Chalermchai Kositpipat – tailandês, de Chiang Rai, que tem sua foto exibida em vários lugares do templo –, o Templo Branco é o santuário budista mais diferente que vimos em toda a viagem – e vimos mais de uma centena deles. Milhões de pequenas peças de espelho revestem toda a estrutura do templo. Fomos no final da tarde no primeiro dia e regressamos na manhã do dia seguinte com uma excursão. A luz em diferentes momentos do dia também influencia a forma de ver o templo. Turistas de todas as partes do mundo programavam sua ida a Chiang Rai, basicamente para apreciar a beleza dos edifícios brancos.

Na excursão do segundo e último dia em Chiang Rai, além de voltar ao Templo Branco, fomos à Black House, à Fazenda de Chá de Choui Fong, à Monkey Cave, ao mercado de Mae Sai – na fronteira da Tailândia com Myanmar. Fomos ainda ao Triângulo Dourado, ao Museu do Ópio e ao Grande Buddha – o da região, porque há vários espalhados pela Ásia inteira.

No roteiro previsto para o nosso dia, havia uma visita a uma aldeia de mulheres que, com o passar dos anos, vão acrescentando anéis aos seus pescoços. Éramos nove pessoas, incluindo meu pai e eu: três senhoras e um homem da minha idade, dos EUA; uma japonesa que morava na Alemanha e um casal de holandeses. Os guias eram Daei, o motorista, e Ki, um estagiário. Nenhum dos nove quis fazer esse passeio. Uma das senhoras estadunidenses disse que se sentiria mal, que não existia a possibilidade de ela ver uma espécie de “zoológico com seres humanos”. Todos se sentiram constrangidos por razões semelhantes. O mesmo aconteceu na visita de Mannu Costa, uma amiga brasileira, que havia estado em Chiang Rai meses antes e nos dado dicas valiosas. Então, seguimos adiante.

Nesse dia, almoçamos em um restaurante recomendado pela excursão. Uma mesa comprida e cheia de comidas locais nos convidava a provar um pouco de tudo. Em um canto, mais afastado, numa

das esquinas do amplo salão de paredes verde-claras, havia uma mesa pequena com bem menos opções e uma placa com o seguinte dizer: *Spicy Hot*. Sugeri ao meu pai, como grande apreciador de comidas apimentadas, que experimentasse as comidas da mesa separada. Durante toda a viagem, ele dizia que as pimentas não passavam de colírios. Por engano, ele acabou se servindo da própria pimenta como se fosse sopa. Logo depois da primeira colherada, tossiu, chorou, corizou, espirrou e respirou fundo várias vezes. Me preocupei, mas também ri um bocado. Depois do susto e do ardor, ele também se divertiu com a história.

O Triângulo Dourado, na fronteira entre Myanmar, Laos e Tailândia, é dividido pelos rios Ruak e Mekong. O lugar lembra Foz do Iguaçu, na fronteira de Brasil, Argentina e Paraguai, mas sem as cachoeiras imponentes. Tive que perguntar ao guia de que país era um pôr do sol esplendoroso. Ele disse, claro, que era da Tailândia, mas eu acho que é de Myanmar, nosso próximo e último país da viagem.



Tínhamos começado a jornada às 8h da manhã e voltamos para casa às 19h30. Foram quase 12 horas de passeio. Estávamos extremamente cansados! Meu pai começou a falar com a minha mãe pelo *Skype* usando o computador que havíamos comprado para ela e eu fiquei na cama ao lado, escrevendo sobre o dia. Meu pai sempre teve o hábito de falar muito alto, embora, sempre que percebe isso, ele diminui bruscamente o volume de sua voz. É engraçado! Mas, nesse dia, eu me incomodei e fui para o *hall* do *hostel*. Ao sair, eu o ouvi dizer para minha mãe.

- Diogo viaja comigo, mas eu viajo só.

Aquilo doeu como nenhuma outra frase que o meu pai tenha me dito na vida. Do *hall* do *hostel*, falei com a minha mãe no particular, pelo *Whatsapp* – que o meu pai não tem. Ela contemporizou, me disse que ele não quis dizer aquilo no sentido que eu havia interpretado, mas eu realmente tinha ficado machucado.

Quando voltei para o quarto, ele ainda estava acordado, mas não trocamos nenhuma palavra. Na manhã seguinte, ainda tentei mostrar ao meu pai os gols da partida do Barcelona, que tinha passado de madrugada. Mas não me sentia à vontade. Era a primeira vez que me sentia assim e fiquei verdadeiramente preocupado pelo meu pai não estar aproveitando a viagem, se sentindo só ao meu lado.

No caminho para a rodoviária de Chiang Rai, decidi que conversaria com ele. Minha preocupação era magoá-lo ainda mais e estragar o resto da viagem. Mas, com o clima que tinha ficado, também não aproveitaríamos os dez dias que ainda tínhamos pela frente.

Sentamos nos bancos da precária rodoviária de Chiang Rai, uns 40 minutos antes de o nosso ônibus sair. Eu ainda não tinha criado a coragem para abordar o assunto. Também não sabia qual seria a reação dele. Até que pedi a ele dez minutos, sem ser interrompido.

Disse a ele que nenhuma decisão que eu tinha tomado nem no planejamento, nem na execução da viagem tinha sido feita só por mim. Falei que a escolha dos *hostels*, dos pratos, dos pontos turísticos,

etc., nada tinha sido feito sem consultá-lo e em parceria com ele. A questão do inglês – que eu percebia que ele se perdia em alguns momentos –, às vezes, não tinha como incluí-lo, mas sempre que podia, eu perguntava se ele estava por dentro das conversas. Disse que, nos museus, cada um tem seu ritmo, as coisas que chamam a atenção nem sempre são as mesmas e eu sempre compartilhava com ele o que me impressionava e vice-versa. Abordei ainda assuntos da nossa relação no Brasil, hábitos que ele cultivou ao longo da vida e ensinamentos que ele mesmo tinha me passado e que agora ele precisava praticar. Durante dez minutos, expus cada um desses pontos e ele não me interrompeu em momento algum.

Ele me deu razão. Disse que eu estava certo e que aquela seria uma conversa de que ele se lembraria para sempre. Minha mãe estava certa. Ele não tinha a intenção de dizer aquilo da forma como eu tinha entendido. Meu pai simplesmente nunca tinha viajado daquela forma. Os ritmos eram diferentes. Estranho seria se a gente não tivesse passado por nenhum conflito ao longo dos 42 dias de convivência ininterrupta, dormindo e acordando juntos.

Depois, ele me perguntou se eu queria uma cerveja. A gente riu, se abraçou e eu fui comprar uma cerveja Leo na vendinha da rodoviária. Dividimos a latinha em goles tranquilos e a viagem seguiu como antes. Até hoje, ele se refere à “conversa de Chiang Rai” quando tocamos em algum dos assuntos. Acho que ambos estávamos mais aliviados. Tenho certeza de que havíamos crescido ali.



Diogo Lopes de Oliveira

17 de janeiro de 2016 · 🌐

O velho e eu estamos tentando teorizar sobre por que as viagens de avião de 15 horas demoram mais que as que ônibus? Têm muito mais opções de entretenimento no avião que no ônibus. Achamos que é porque do ônibus tem a vista, você se distrai vendo a paisagem... Quem contribui?



Curtir



Comentar



Compartilhar

Finalmente cruzamos a fronteira e chegamos, muito aliviados, até a rodoviária de Chiang Rai. Pegamos um tuk-tuk que nos deixou no hostel que havíamos reservado. Tomamos um excelente banho em um chuveiro que tinha box. Encontramos um box pela primeira vez desde que tínhamos deixado o Brasil, quase um mês antes. Fomos para a recepção tomar uma cerveja tailandesa antes de sair pela cidade. Precisávamos aliviar a tensão da viagem.

Depois, partimos para o Templo Branco, que ainda está sendo construído. Uma coisa linda! Muito bem trabalhado! Passamos ali o restante da tarde. À noite, fomos a um mercado e começamos a retomar a ideia de provar insetos. Cada tabuleiro vendia uma média de oito tipos diferentes de insetos.

No dia seguinte, pegamos um passeio que durou o dia todo e começava justamente pelo Templo Branco. Acabamos encontrando uma coisa diferente. A coloração que ele tinha no sol da tarde – laranja ou meio vermelho – no outro dia era completamente diferente. Então fizemos excelentes fotos porque na outra face do templo era onde o sol incidia pela manhã.



Diogo Lopes de Oliveira está em [White Temple Chiang Rai](#). ...

17 de janeiro de 2016 · Instagram · 11

Sempre vale mais uma do Templo Branco. Aquela que eu postei e que apareço não faz justiça ao lugar #whitetemple #whitetemplechiangrai #asia #tripwithdad #asia #tailandia #thailand



Curtir Comentar Compartilhar

Fomos ao Templo Negro e visitamos uma fazenda de chá também. Fomos também para a Caverna dos Macacos. Era macaco para tudo o que é lado! E fomos até o Triângulo Dourado, que é um ponto na fronteira entre Laos, Tailândia e Myanmar. Foi o mais próximo que estivemos de Myanmar. Era uma espécie de Ciudad del Este, no Paraguai. Muita coisa falsificada e contrabandeada. Um mercado cheio de bugigangas. Nossa última parada foi no Museu do Ópio e no Grande Buda.

Nesse dia, almoçamos em um self service. Diogo me mostrou uma mesa afastada das outras comidas. Eram alimentos apimentados. Eu gosto muito de pimenta. Brincava com Diogo dizendo que eram colírios. Eu peguei uma cumbuquinha, achando que era um molho. Eu não sabia que aquilo era pimenta pura. Como em todos os lugares, a comida já era muito apimentada, eu comi aquilo e me dei muito mal. As coisas por lá ficam piores porque eles não comem pão para amenizar o ardor da pimenta. Eu paguei o maior mico. Uma vergonha! Engasgado, os olhos vermelhos. Eu me sentia um dragão expelindo fogo. Esse mico ficou registrado.

Leimar

CHIANG MAI | TAILÂNDIA |

No ônibus de Chiang Rai para Chiang Mai nos serviram água, biscoito e toalha umedecida. Uma diferença considerável para a nossa última experiência, dois dias antes. O que é sempre igual – parece que em todos os lugares do mundo – é a revista que a polícia faz nos ônibus. Os agentes foram truculentos e autoritários. Nunca entendi a necessidade disso.

Em 18 de janeiro, quando chegamos a Chiang Mai, redigi um textão, que publiquei no meu Facebook. Era um resumo de um mês de viagem, que reproduzo na íntegra:

Há exatamente um mês, a essa hora - de madrugada no Brasil e meio da tarde aqui na Tailândia - eu cheguei em São Paulo. Passei três dias excelentes na companhia de Duda Lopes, meu primo-irmão; e de Dani e Karen, que dividem casa com ele. Saí com a turma das meninas, revi meus grandes amigos Guilherme Dorneles e Mauricio Targino, passei com Lu Ferraz, comi um super bauru e a espetacular “tutti pizza”. Peguei uma bela chuva também (passou muito de uma garoa).

Posso dizer que conheci um pouco de São Paulo. Nunca tinha dado uma chance à cidade. Sempre passei de passagem porque a achava caótica, pesada demais. Voltarei mais vezes e com mais tempo. Espero que, dessa vez, role uma partida de tênis com Mariana Guimarães.

Meu velho chegou no domingo, direto do Recife. Sem descanso, fizemos uma parada em Doha e, depois, Singapura. Foram 22 horas só de voo.

Desde então, foram seis países, 18 cidades, em 27 dias. Perguntei ao velho as duas preferidas, uma grande e uma pequena. Ele escolheu Ho Chi Minh e Hoi An. Eu também.

Percorremos mais ou menos 6.100km. Visitamos 21 museus, fomos a duas praias e três cavernas. Tomamos cerveja quase todos os dias (a proporção não vem ao caso) de 17 marcas diferentes. Dormimos em muquifos e no Marina Bay Sands, no meio da mata e no meio do mar.

Conversas com o velho são muitas. A esmagadora maioria, amenidades. Muitas lembranças da infância e de outras viagens que fizemos. Mamãe aparece sempre nessas recordações. Rimos em todas as situações que ela se sentiria incomodada, mas lamentamos nas que ela ficaria feliz da vida de curtir.

O povo é realmente paciente. Isso é um clichê verdadeiro. No trânsito, não se ouvem gritos; nas conversas truncadas nas quais não nos entendemos, eles sempre parecem estar seguros de que há uma solução. *Mister Sim* vai ser sempre um exemplo de generosidade e simplicidade. O hábito dos sapatos do lado de fora mostra que realmente a casa é sagrada, mas mijar e cuspir na rua é normal. As diferenças de idiomas, de traços, de costumes ficam mais claras conforme você vai caminhando por aqui. A complexidade dos povos asiáticos é marcada por monções e guerras. Essa combinação é perceptível na geografia e na cultura deles.

Conhecemos muita gente massa durante esse mês. Carlos Santibáñez García, professor de Ciência Política peruano, durante a visita a Cù Chi. Depois, fizemos um passeio a pé por Ho Chi Minh e acabamos coincidindo de novo em Hoi An. Nunca vamos esquecer o Banh My, sanduíche espetacular que comemos numa vendinha bem pé sujo. Entre Singapura e Malaca, tivemos

o mesmo problema de Frederic Quemeneur e Gislaine, franceses que moram na Austrália. Tomamos boas cervejas belgas e japonesas com eles. Entre Kuala Lumpur e Penang, conhecemos Tasja Derlin e Tobias Greve. Mais cervejinhas. Em Halong Bay, rolou um vôlei de praia, depois de um passeio de caiaque com Giulia Furlani e Michele Cicala, casal de italianos que curtiam a sua lua de mel. Hanoi tem a cara dos primeiros brasileiros com quem fizemos amizade: o casal de noivinhos, Alice Duz e Bruno Candido. Talvez a gente os encontre de novo em Chiang Mai. Fizeram parte da viagem outras tantas com quem não teremos mais contato. Faz parte.

A molecada é um barato em todo canto. Isso é universal! Vou lembrar sempre da piscina e do futebol com Fen Fen, no Camboja; dos meninos da escola de Hanói; de Fah, na aldeia dos elefantes, no Laos, etc.

Sobre as comidas, muitas novidades, embora os bichos, as frutas e as verduras sejam muito parecidos com os nossos. Teve sapo, besouro, cobra, larva, etc. Mas muito arroz frito, porco, galinha, ovo, *noodles*. A diferença da cozinha asiática que a gente conhece no Brasil e a daqui (fico calado sobre a japonesa) é como um pão francês nosso e um pão comprado em qualquer bodega da França. Os temperos são fortes e saborosos. Agora entendo porque meio mundo quis chegar por aqui.

Enfim... Chegamos em Chiang Mai e quis fazer um balanço desse mês de viagem. Ainda falta Myanmar. O processo de digestão desse período vai durar a vida toda. Assim como as melhores fotos são as que a gente não tirou, talvez as melhores lições só sejam entendidas bem depois.

Sei que, em algum momento, bateria um cansaço, mas existe a sensação de que passaria um “ano sabático” viajando pelo mundo. Estamos com os ânimos de quem começaria a aventura hoje, mas com muita vivência nos ombros.

Na Tailândia, vimos os primeiros gordos locais. Hoje à tarde, no mercado, começamos a entender as razões: frango frito e toucinho aos montes!!! Todo mundo comprou pra levar pra casa nas suas motinhas. Muito pouca gente de bicicleta e ninguém correndo na rua. Fórmula perfeita!

Bem que me avisaram que essa onda de manter a mochila leve ia acabar no Night Bazaar, de Chiang Mai. Primeiro, comprei um elefante que eu sempre achei massa. Ele é talhado por fora e tem mais um dentro dele. Isso é tão massa quanto “pintar” a garrafa por dentro com areia, que a gente tem no Nordeste. Depois, resolvi o único problema que me atormentava: comprei um *tuk-tuk* de madeira, robusto (porque o moleque é danado) e possante para o Pirata João Balalão Dinossauro, meu sobrinho postiço querido. Promessa pra criança é coisa séria! Agora, esse carrinho vai fazer companhia ao *chickenbus* da Colômbia que ele ganhou em abril passado. Raija Almeida e Ivan De Paula, esperem eu chegar pra dizer a ele. Vou carregar na mochila pequena que tá sempre comigo.

Lindalva Rodrigues e Lígia Rodrigues, mostrem a tia Marinalda o elefante. Foi esse que eu pedi a ela.

A opção por compartilhar os relatos de viagem no Facebook eu já tinha experimentado nas viagens que tinha feito para a América Central, em dezembro de 2014 e janeiro de 2015. A partir de abril de 2015, durante o mochilão para a Colômbia, incorporei o Instagram aos diários de viagem. É um risco que corro. Sou consciente de que me exponho bastante, muita gente interpreta isso como esnobismo. Mas prefiro enxergar as pessoas que comentam a viagem e acabam viajando junto comigo: tios e tias, alguns primos, amigos mais próximos e verdadeiros; em especial, meus alunos e alunas; e, claro, meus pais. A ideia de incorporar o Instagram era interessante! Muita gente que

curtia mochilões começou a ver fotos e me seguir. Pessoas do mundo inteiro, com as quais compartilhávamos gostos comuns. Parece uma obviedade perceber que esse negócio de *hashtag* funciona mesmo. Mas aquilo me impressionava.



Diogo Lopes de Oliveira

17 de janeiro de 2016 · 🌐 ▼

Do pouco que vi da TV na Ásia, pude assistir canais indianos, chineses, japoneses, coreanos... Sem ter passado por nenhum desses países. Os idiomas são todos diferentes e alguns programas são dublados.

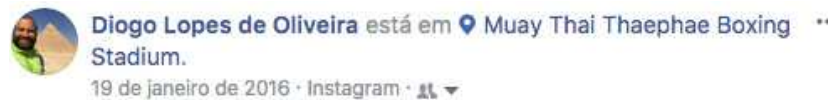
Na América Latina, a gente tem idiomas parecidos e, no Brasil, não tenho opção de ver um canal mexicano, argentino, uruguaio ou chileno.

Não faz sentido!

Eu considero que cuidei bem da minha saúde durante a viagem. Tomava vitamina C todos os dias com o meu pai, agasalhei-me quando fez frio, alimentei-me e descansei bem sempre que pude. Mas, na primeira noite em Chiang Mai, dormi de mau jeito e senti as costas pela manhã quando acordei. Aos 35 anos, já não sou nenhum garotinho. Pedi a Oam, a recepcionista do *hostel*, que escrevesse “relaxante muscular” em um papel para que eu pudesse levar à farmácia. E ela fez isso. Papelzinho na farmácia a dois quarteirões do *hostel* e, no dia seguinte, já me sentia bem melhor. Foi a única indisposição de qualquer tipo que tivemos, tanto eu quanto o meu velho, durante toda a viagem pelo Sudeste Asiático.

Ainda assim, a jornada naquele dia foi a mais curta dos 31 dias de viagem, até então. Saímos tarde porque o café da manhã só abria às 8h30. Passei na farmácia, tomei o relaxante muscular e o analgésico e partimos para a cidade murada de Chiang Mai. Visitamos três museus: o de Artes e Cultura, o do cotidiano da Dinastia Lanna e o do Centro Histórico da Cidade. Minhas costas ainda doíam. Às 15h40, já estávamos de volta ao *hostel*.

À noite, fomos ao *Thapae Boxing Stadium*, um dos principais ringues de Chiang Mai, acompanhar as lutas clássicas de boxe tailandês. Não são como os ringues que a gente imaginava dos filmes de Jean Claude Van Damme, mas, como são típicos da região, fomos assistir. O motorista do nosso *tuk-tuk* nos disse que já tinha sido lutador de boxe tailandês. Eu tinha certeza de que, quando voltássemos ao Brasil, veria junto com o meu pai todos os filmes da guerra do Vietnã e todos os de Van Damme. Acabamos assistindo juntos somente *Bom dia, Vietnã*.



Primeira luta, primeiro nocaute da noite #chiangmai #asia #asiatrip #tripwithdad #thailand #tailandia #boxing #muaythai #chiangmai



Antes do início das lutas, é mostrado um vídeo explicando a origem e as regras do esporte. As atenções estavam divididas com o futebol sub-23 da Tailândia, que jogava pela Copa da Ásia contra a Coreia. Enquanto tomávamos umas cervejas, pessoas da organização nos ofereceram apostas. Nem meu pai nem eu temos esse costume. Na verdade, minha avó materna e seu irmão sempre tiveram aversão a jogos de apostas. Acho que por isso meu pai sempre se preocupou em não me passar esse hábito.

Na volta para o *hostel*, se eu não tivesse baixado o mapa de Chiang Mai para acompanhar pelo GPS onde estávamos (sem depender de internet), dois motoristas de *tuk-tuk* teriam dado voltas conosco naquele dia. Fomos a pé para o centro histórico da cidade. Na volta, o primeiro motorista nos disse que a Chediplong Road estava a 2km da verdadeira. À noite, na volta das lutas, o condutor errou o caminho. Nesse caso, como o preço é acertado antes, ele poderia dar a volta que fosse. Só pagaríamos o combinado.

Sobre o trânsito no norte da Tailândia, todo o cuidado que os motoristas têm no Vietnã, principalmente com a velocidade das motos, é compensado nessa região. Eles dirigem muito mais rápido e o resultado são mais acidentes. Vimos dois. Um em Chiang Rai e outro em Chiang Mai. Por sorte, somente ferimentos leves.

Outro aspecto que não funcionou como nos outros mochilões que fiz foi conseguir músicas locais que compusessem uma espécie de trilha sonora da viagem. Para mim, essa é uma parte fundamental dos mochilões que faço. Mas não era fácil ouvir músicas na rua para perguntar aos locais quem estava cantando. Além disso, era muito mais comum ouvir músicas instrumentais que vocais. Na manhã seguinte, acordei com a música “Sea”, do uruguaio Jorge Drexler. A única relação possível do país sul-americano com o Oriente, talvez, seja ele se chamar República Oriental do Uruguai. O fato é que a música acabou entrando para a minha lista de músicas que me fazem lembrar a viagem.

Ao longo de toda a nossa jornada na Ásia, vimos poucos insetos. Em Chiang Mai, foi onde mais encontramos. Mesmo assim, em um número bastante reduzido. Nunca precisamos de repelentes ou qualquer outro tipo de proteção. Isso era curioso porque, no nosso imaginário, eles seriam sempre presentes.



Diogo Lopes de Oliveira

21 de janeiro de 2016 · 🌐

As muriçocas da Ásia, poucas e desavisadas, não sabem que fui formado e treino em Campina Grande e que tenho serviços prestados na América Central. Tadinhas.

O nosso último dia em Chiang Mai, antes de partir para Myanmar, foi dedicado a conhecer a massagem tailandesa. Depois de visitarmos o gigante templo Wat Chedi Luang, as massagistas Sae e Mon foram responsáveis por apertar, cotovelar, joelhar e esticar cada feixe de músculo meu e do meu pai. Escolhemos o lugar por recomendação de Oam, a nossa anfitriã do *hostel*. O centro de massagens ficava na Universidade Rajabhat de Chiang Mai. Como professores universitários, sempre associamos os projetos das universidades como referência. Depois de uma hora de massagens, a sensação é de uma leve dor, mas com todos os ossos e músculos no lugar.

Meu pai preferiu ficar no *hostel* na nossa última noite no norte da Tailândia. Eu reencontrei Bruno e Alice, os manezinhos da ilha que nós tínhamos conhecido em Hanói. Sem planejarmos, nossos roteiros acabaram coincidindo novamente. Fomos ao Duang Champa, um bar que escolhemos ao acaso. Lá, um dueto de teclado e jazz tocou, entre outras, “Blue Moon”, que também entrou para a lista de músicas da viagem.

Outra coisa que sempre pensei durante as minhas viagens é sobre a incrível cumplicidade que acontece nos *hostels*. O *safe travels*, ao se

despedir, as dicas de viagem dos lugares que os viajantes já passaram, o auxílio dos locais com o idioma, a colaboração para lavar os pratos e talheres e manter a ordem nos ambientes comuns, entre outros tantos exemplos. A filosofia dos *hostels* deveria servir de modelo para o nosso dia a dia. Em tempos de intolerância de todos os tipos – crença, cor, religião, orientação sexual, gênero, etc. –, esse clima faria-nos viver com mais respeito e solidariedade.

Nesse sentido, para a nossa surpresa, nos nossos últimos instantes da nossa primeira estada na Tailândia, percebemos que, na sala VIP da Bangkok Airways, todos eram VIPs. Indistintamente, todos tinham direito a *wi-fi*, suco, café, Nestea e canapés. Não importava quem tinha pago menos ou mais pelos bilhetes. Ninguém da classe executiva reclamando ou pedindo a exclusão de ninguém da classe econômica. Não tínhamos cartão fidelidade da empresa, nunca voamos com ela, nem tínhamos milhas em nenhuma parceira dela.

¶

MYANMAR

Chegamos a Myanmar, o último país da nossa viagem. Exatamente como tínhamos planejado meses antes e da mesma forma que tinha ocorrido no Vietnã, entregamos uma lista impressa com os nossos nomes e dados do passaporte. Nosso voo aterrissou em Mandalay, um dos três aeroportos possíveis de adentrar o país, junto a Nay Pyi Taw, na região central, e Yangon, ao sul. Já era noite na antiga Birmânia.

Mandalay é – com muita diferença para a segunda colocada – a cidade mais escura que eu já vi. Meu pai também nunca tinha visto nada parecido. Myanmar ficou fechado para o mundo de 1962 até 2010. Quase não tem postes e as quedas de energia eram frequentes. As luzes da rua são praticamente de casas e carros. Fizemos o *check-in* no *hostel* e eu fui a uma espécie de loja de conveniência a três quarteirões comprar água e alguma coisa para comermos. Apesar da escuridão, nenhuma sensação de insegurança.

O fuso de nove horas a mais fez com que o aniversário da minha mãe chegasse bem antes para nós. Ligamos para ela e mandamos nossos beijos antes de irmos dormir. Nesse nosso único dia em Mandalay, percebi que, em 2014, eu estava no Panamá durante o aniversário da minha mãe; em 2015, em Myanmar.⁷ Deixei uma mensagem para

⁷ Em 2015, no dia do aniversário da minha mãe, eu estava na Cidade do Panamá. Em 2017, passei o aniversário dela mãe viajando de Dar Es Salaam - capital da Tanzânia - para o Cairo - capital do Egito. Em 2018, depois de mais um mochilão por Bolívia e Peru, antecipei a volta para finalmente estar com Maria Inês no dia de comemoração de mais uma primavera.

a minha mãe, no Facebook, perguntando: “Maria Inês Vasconcelos Lopes, ano que vem como vai ser? Vai mochilar com a gente?”. O fato é que não fomos. Quando comecei a escrever o livro, estava me preparando para um mochilão que começaria na África do Sul e terminaria no Egito. E assim fiz. Meus pais passaram as férias de 2016/2017 entre Campina Grande, Recife e São José do Egito, no encontro de poetas e cantadores da cidade.

Nosso primeiro dia em Mandalay foi comprido. Acordamos às 7h, tomamos café no *hostel* e encontramos Naunj (*Nón-nô*, mais ou menos assim se pronuncia) e fomos para a Pagoda Mahamuni, um templo gigante, que não acabava nunca. Sou capaz de apostar que é maior que o Vaticano. Aposto também que Mandalay tem mais templos do que Olinda e Salvador têm igrejas.

Na sequência, visitamos o Monastério Mahagandaryon, onde vivem 1300 monges. Depois, fomos para a montanha Sagaing, de onde se tem uma vista espetacular da cidade. Passamos pelo templo no qual começava a Conferência Mundial Budista pela Paz, com a presença do Dalai Lama. Chegamos a cogitar ir, mas era impossível entrar. Muito concorrido e a entrada era somente por meio de credenciais.

Almoçamos em um restaurante local e desistimos de um passeio a cavalo. Como éramos só nós dois, negociamos com o guia e preferimos ir para outros templos. No caminho, passamos pela vila de Penaze, durante a celebração de doações para o templo principal. A filha e o filho do promotor da festa pediram para tirar foto comigo. Acabamos confraternizando com eles, numa comunicação feita com gestos que transmitiam gentileza e gratidão: nós a eles, por nos deixarem participar da comemoração; e eles a nós, por sermos viajantes dispostos a, digamos, prestigiar o evento.



Em Min Kun, a 40km de Mandalay, visitamos o terceiro maior sino do mundo, a Pagoda Inacabada (que tinha mais de 100m de altura, mas desmoronou devido a um terremoto, assim como seus leões gigantes) e a Pagoda Myatheindan. Para finalizar, uma cervejinha Myanmar à beira do lago Taungthaman, embaixo da Ponte U-Bein, com um dos pores do sol mais espetaculares que já vimos.

Pôr do Sol em U-Bein Bridge, a pouco mais de 10km da cidade de Mandalay, em Myanmar.



Durante a viagem, também encontrava tempo para juntar moedas para Ítalo, um grande amigo do clube Campestre de Campina Grande, onde jogamos tênis, e para Elida, minha aluna que se formou em 2017. Mandei uma mensagem para contar a eles como andava a caça por moedas no Sudeste Asiático para aumentar as coleções de cada um deles. A tarefa nem sempre era fácil porque, no Laos, no Camboja e em Myanmar, as moedas eram desvalorizadas e os valores dos produtos tinham cifras muito altas no dinheiro local. Em Myanmar, por exemplo, enchemos todos os bolsos das nossas calças com muitos bilhetes de *kyats*. A quantidade equivalente em dólares americanos não era tão significativa assim.



Diogo Lopes de Oliveira

22 de janeiro de 2016 · 🌐

Ítalo Farias Bem e Élide Carla, esqueci de dizer que aos 45min do primeiro tempo - porque ainda voltamos à Tailândia - consegui moedas de 1 bath. Agora, vocês terão as de 1, 5 e 10! Pra compensar não tem moedas no Camboja e no Laos. Aqui, em Myanmar, também acho difícil ter. 1USD = 1.200 kyats.

Desde Hoi An, no Vietnã, todos os dias amanheciam nublados e depois o sol aparecia, sempre entre 10h e 10h30 da manhã. Não sabíamos se era algo da estação. O fato é que não vimos isso em nenhum guia. Já fazia quase um mês e já havíamos andado mais de 2.000km assim: manhãs nubladas, mas sem chuva e tardes ensolaradas.

Chegamos à noite a um aeroporto distante do centro. Mais parecia uma base militar. Tudo muito escuro. Chegamos à cidade e ela era escura. É disso que mais me lembro em Mandalay. Só havia luzes nas casas e, mesmo assim, muito fracas, como se a tensão estivesse muito baixa. O país acabara de sair de uma ditadura que durou décadas. O antigo poder perdeu por 87% dos votos para o grupo que lutava por democracia. No dia seguinte à nossa chegada, a cidade ressurgiu com muita luminosidade natural.

Saimos às 8h da manhã. De dia, a cidade era outra. Muito mais agradável. Foi um dia que mergulhamos de corpo e alma na cultura asiática. Mandalay é uma cidade pobre até para os padrões nordestinos do Brasil, mas com uma impressionante quantidade de templos e pagodas. Ali, parecia que tudo havia mudado de escala, tanto no tamanho como na quantidade. A cidade estava em festa. Estava havendo um encontro internacional de budismo: a Segunda Conferência para a Paz e a Sabedoria. Começamos visitando a Pagoda Mahamuni, um templo gigantesco, interminável: com quatro entradas diferentes, muito bem cuidado e gigantesco. Em algumas partes do templo, era proibida a entrada de mulheres.

Outra coisa que me chamou a atenção foi ver os animais enfeitados, por se tratar de uma época de festa. As crianças usavam trajes típicos. Elas estavam dispostas a tirar fotos conosco.

Fomos também a ateliês onde os artistas faziam esculturas enormes. Muitas delas ainda inacabadas feitas de mármore branco. Também em madeira e metal. Um artesanato de fino acabamento e gosto. A montanha Sagaing é repleta de templos. Do topo dessa montanha, descortinava-se a região onde era possível desfrutar do apogeu dessa área, no século XII, quando foi construída a maioria dos monumentos.

Finalizando esse dia, fomos aproveitar um pôr do sol na U-bein Bridge, uma ponte de madeira de 1300m por cima de um lago e de um rio. O pôr do sol é tão lindo que até as minhas fotografias ficaram boas.

Para mim, os destaques de Mandalay são a Pagoda Inacabada de mais de 100m de altura, com seus leões gigantes de 20m de altura, já deteriorados pela ação de terremotos. Mandalay é uma cidade que merece ser vista.

Leimar

BAGAN | MYANMAR |

No início da tarde do dia 23 de janeiro, saindo de Mandalay e depois de cinco horas de estrada em um micro-ônibus apertado, chegamos a Bagan. A empresa de transporte amontoou todo mundo no corredor da van, em banquinhos improvisados. Fomos sentados nos assentos normais, mas sem lugar para bagagem. Gravei um trecho da vista da estrada e o som que o motorista colocou. Isso foi parar no meu Instagram.

Viajamos com dois casais – um da Suíça e outro do Canadá – e duas norueguesas. Os canadenses tinham deixado os respectivos trabalhos e passariam três meses viajando. Ela jogou pela seleção canadense de vôlei contra o Brasil e, claro, era fã do nosso time. Conversa não faltou.

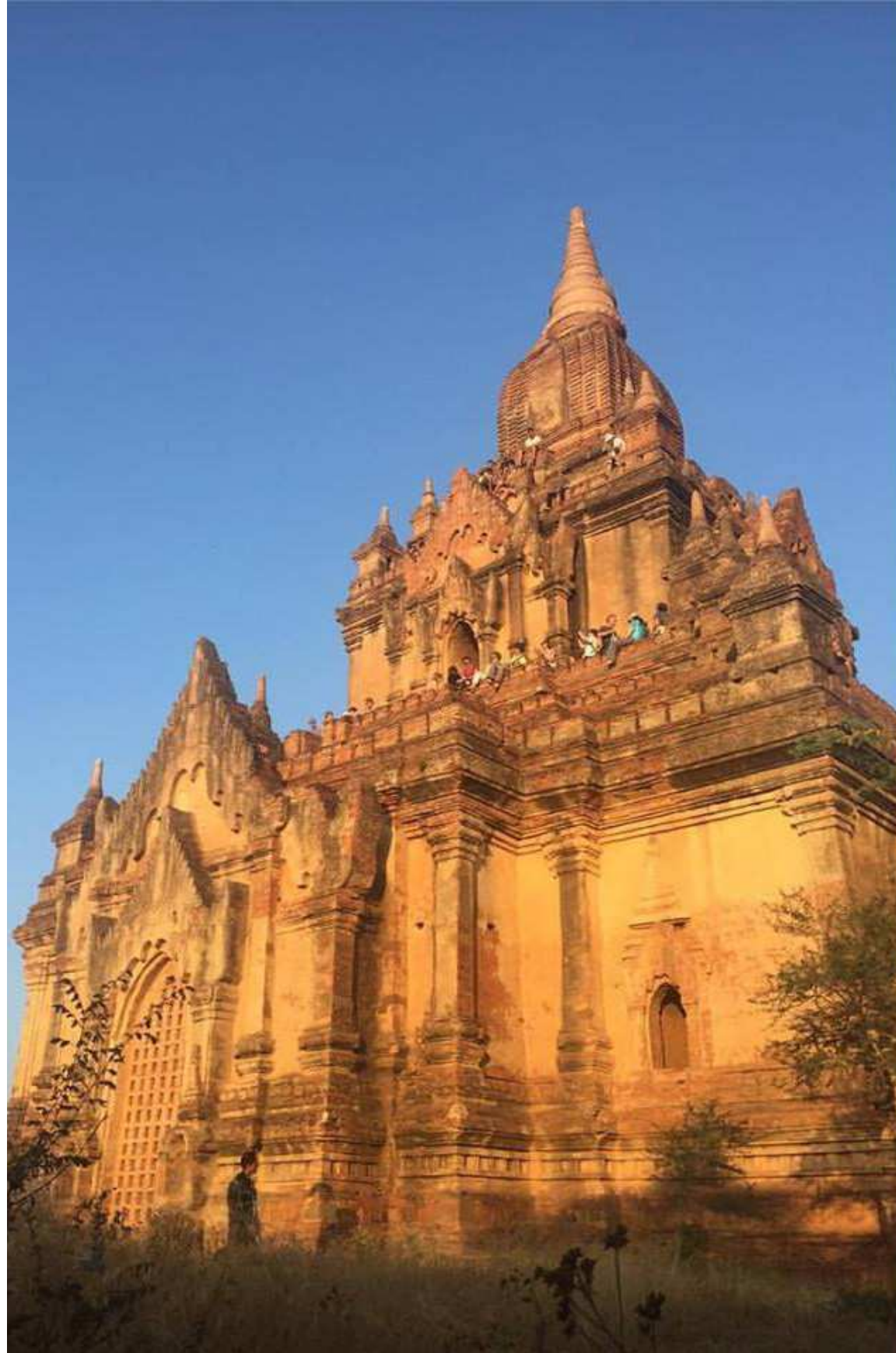
Como acontece muito nas viagens, boas conversas nem sempre rendem uma sequência para além do momento que dura uma viagem ou uma espera. Não pegamos contatos, mas talvez nos encontrássemos no dia seguinte. Isso não aconteceu e é bem provável que nunca mais encontremos o casal de canadenses ou a vejamos em um jogo contra as meninas da amarelinha do vôlei.

A vegetação do caminho lembrava um cerrado, que, por sua vez, me fazia lembrar do meu grande amigo goiano Rafael Pops. “Você se sentiria em casa”, mandei num recado nas redes sociais. As plantações também eram mais diversificadas que nos outros trechos da viagem. Vimos cana-de-açúcar, melancia, girassol e algodão.

Em Bagan, não há como ter ideia de quantos templos há. Os guias falavam em três mil. Tentamos fazer a reserva do passeio de

balão para o dia seguinte, mas todas as empresas já tinham suas vagas ocupadas. Decidimos, então, deixar nossas mochilas no *hostel* e aproveitar o resto da tarde para conhecer alguns templos da Cidade Antiga de Bagan.

A recepcionista do *hostel* ofereceu-nos um grande desconto para alugarmos uma vespa. Depois de algumas tentativas frustradas do meu pai andar 5 metros com a motocicleta, ficou evidente que a melhor opção seria contratar um guia. Ahn, um homem de 20 e poucos anos, alto e esguio, que trabalhava de guia para pagar seus estudos, disse que nos levaria ao Pya Tha Da, um templo aonde não iam muitos turistas para ver o pôr do sol. Chegamos e encaramos a subida até quase o topo. Becos e escadas apertadas, mas valeu muito a pena! Meu pai sempre encarou todas as propostas que exigiam do físico. Para isso, ele tinha feito uma preparação forte. Foi um parceiro incrível e não deixou de contemplar nenhum pôr do sol – parece que os mais bonitos exigem trilhas ou caminhos difíceis – nem por sua idade nem por falta de condicionamento.



Em todo o Myanmar, é muito comum vê-los usar um creme à base de sândalo no rosto. Eles nos disseram que protege contra o sol e refresca. Por isso, a maioria tem o rosto meio bege. O engraçado é que, apesar do calor diminuir consideravelmente a partir do final da tarde, durante a noite, eles também não tiram essa espécie de máscara, que eles passam nas bochechas e na testa.

Naquela noite, depois da viagem, do passeio e do pôr do sol espetacular, nosso objetivo era ver mais um jogo do Barcelona. Tínhamos jantado um belo porco ao molho de feijão de soja. Depois de muita conversa com o cara da recepção e várias tentativas de sintonizar o Sky Net Sports 2, etc., acabamos conseguindo ver Málaga x Barça, confortavelmente, com narração em bom birmanês!!!

Na manhã seguinte, bem cedo, durante o café da manhã no telhado do *hostel*, avistamos a descida dos balões. Já não eram muitos e ainda não sabíamos que o número de empresas era bem menor que na Capadócia. “Amanhã, a gente vai acordar de madrugada e subir num desses!”, comentei com o meu pai.

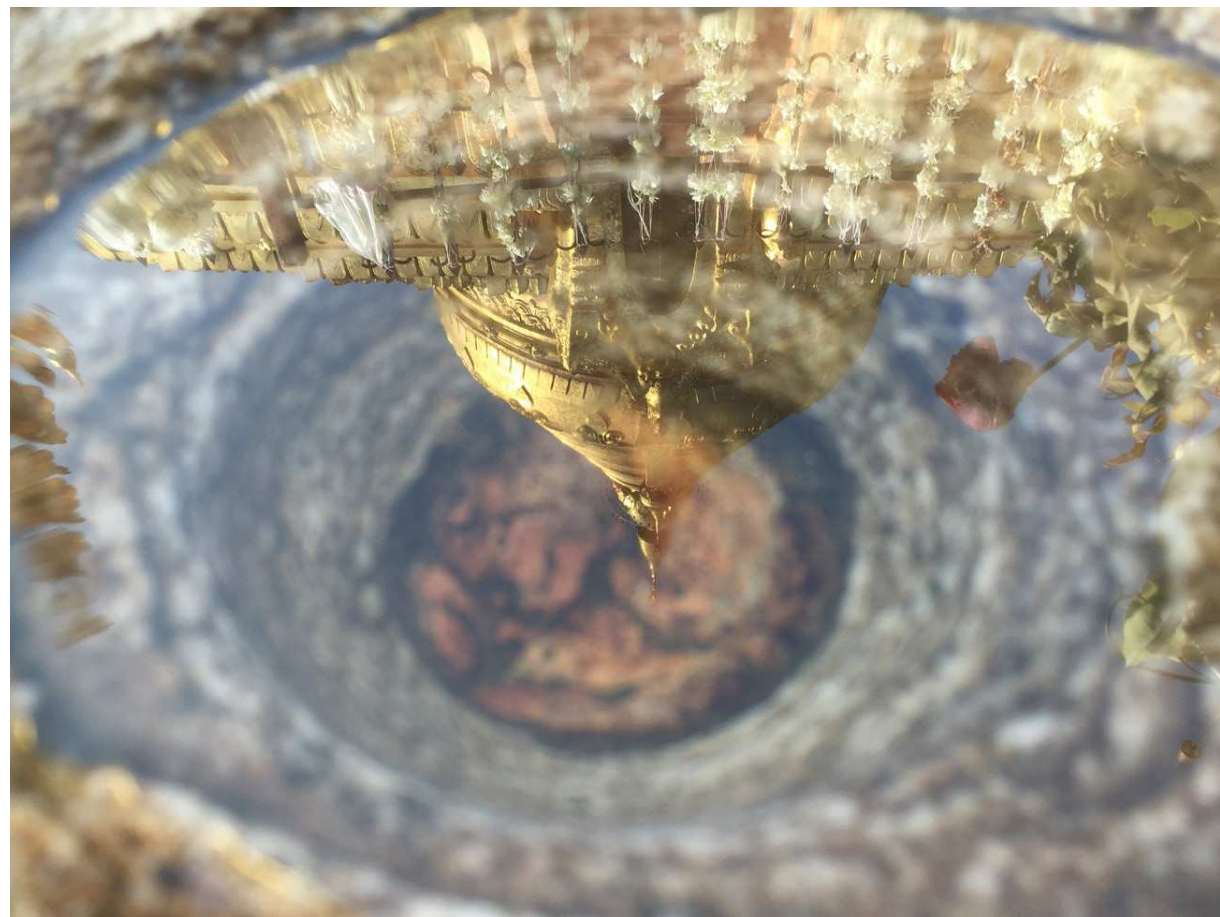
Nosso segundo dia em Bagan foi de histórias, pessoas e fotos especiais. Primeiro, Ahn, nosso motorista-guia do dia anterior, em Bagan, nos disse que trabalhava com turismo havia quatro anos. Durante o almoço, ele nos contou que, pela primeira vez, viajantes que ele atendeu o chamaram para sentar-se à mesa. Em quatro anos, trabalhando cinco dias por semana, seriam quase 300 oportunidades de que algum visitante de Bagan guiado pelo simpático Ahn tivesse lhe feito um convite simples como o que fizemos.

Ahn só aceitou depois de muita insistência minha e um último apelo do meu pai. Um detalhe: ninguém precisa pagar a mais por isso, porque o prato dele é cortesia do restaurante pelo fato dele levar as pessoas até lá. Só soubemos disso quando veio a conta e não nos cobraram. Ele, muito sem jeito, perguntou se poderia pedir uma Coca-Cola. Para nós, era evidente que sim. Para ele, era um pedido ousado.

Depois, soltou-se e tirou *selfies* com a gente. Apesar da timidez característica do asiático – mesmo tendo o cuidado para não generalizar, isso é mesmo bem comum –, todo mundo só precisa de um pouco de atenção e espaço. É simples! Bastou isso para que ele nos contasse sobre a sua vida e dêssemos boas risadas. No final, deixamos mais 10.000 *kyats* – algo em torno de 25 reais –, com a condição de que ele não prestasse contas ao patrão. A forma dele agradecer, com o sotaque típico (“I’m very happy!”), é para não se esquecer nunca.

Um dos lugares a que Ahn nos levou foi o Templo Shwe Zi Gone. Lá, numa poça de água benta do rio Ayeyarwaddy, fiz uma das fotos de que mais gostei. É o reflexo de uma das dezenas de cúpulas nesse pedacinho d’água.

Reflexo de umas das cúpulas do Templo Shwe Zi Gone
e de uma flor vermelha



No grandioso e diverso Museu Arqueológico de Bagan, meu velho percebeu que tinha uma garotada seguindo a gente. A partir daí, comecei a prestar atenção. Eles comentavam coisas entre si, riam e, quando a gente olhava para eles, disfarçavam. Depois, começaram a dizer “hi” e “thank you”. Na saída, perguntaram meu nome, de onde eu era, etc. Futebol vem sempre na sequência, quando a comunicação oral mais elaborada não é mais possível. Dei espaço e eles me cercaram. Os meninos pegaram a minha mão e compararam com as deles. Todos gargalhando sempre! Uma menina alisou minha barba e até arriscou um puxãozinho. Em 34 dias de viagem, não tínhamos visto nenhum careca barbudo. Era compreensível que eu fosse uma atração para eles. Meu velho aproximou-se e eles pediram uma foto comigo e depois uma que fosse feita com a minha câmera. Imediatamente, me lembrei da algazarra que os garotos vietnamitas fizeram conosco em Hanói. As prévias de Carnaval, que tanto meus pais quanto eu gostamos, já haviam começado no Recife. Para nós, do outro lado do mundo, a prévia foi em Hanói e a abertura oficial, em Bagan!

Com um grupo de crianças no Museu Arqueológico de Bagan. Sorrisos, curiosidade e muita brincadeira com muita pouca comunicação possível.



No final da tarde daquele mesmo dia, conheci Dazin, filha de um casal de vendedores de artesanato da Pagoda de Shwe San Daw. Dei um tchau, ela me mandou um beijo (devidamente registrado na minha câmera) e depois mais alguns (também devidamente retribuídos por mim). Brincamos e pedi ao pai para pegá-la nos braços. Ela ficou brincando com a minha barba, para gargalhada dos pais, do outro vendedor que aparece na foto e de um casal de franceses ou belgas que estava por perto.



Dazin, filha de artesãos da Pagoda de Shwe San Daw. Sempre vou lembrar dela nas minhas viagens.

Essa interação com as crianças é sempre uma parte incrível das viagens. Lembro-me sempre do futebol com os garotos no forte de Cartagena de Índias, na Colômbia – ficaram mais empolgados quando eu disse que era brasileiro; do chocolate muito amargo vendido pelas meninas, com seus vestidos longos típicos, em Semuc Champey, na Guatemala; do menino de uns dez anos que se dispôs a carregar minha mochila por uns trocados na fronteira da Costa Rica com o Panamá – era muito pesada para ele, mas pela valentia e segurança de que era capaz, dei um dólar a ele.

Cinco anos e meio depois do passeio de balão que fizemos juntos, meu pai e eu, em Goreme, na Capadócia – parte asiática da Turquia –, colocamos mais um na nossa conta. Nossa preparação para o voo aconteceu horas antes do início. Acordamos às 4h45. Ainda escuro e frio, a van da empresa passou para nos buscar. Fomos os primeiros. Percorremos alguns hotéis e *hostels*, apanhando outros viajantes e turistas, até chegar ao campo de voo. Houve uma recepção simples, com um pequeno café da manhã, apresentação da equipe e das normas de segurança. Foi curioso notar que todos os membros do time para fazer o balão levantar voo e recolher a sesta usavam casaco da seleção brasileira. O dono, um suíço, disse que a cor da empresa era amarela e foi a única vestimenta que conseguiram na cidade para todo o time. Depois disso, o agasalho virou tradição.

O nosso chefe de pilotagem foi Pep, um catalão boa praça. Torcedor do Barça, conversamos sobre o último jogo contra o Málaga e, durante o voo, sobre histórias relacionadas a balões. Tirei todas as dúvidas que não pude perguntar ao piloto turco, em 2009 – ele só falava turco. Pep também nos contou sobre os apertos pelos quais já tinha passado pilotando balões centenas de vezes.

O voo é suave demais. Nada brusco. Lembro-me de comparar a um tapete voador. Deve ser assim. Um casal de argentinos ficou do meu lado da cesta. Meu velho ficou na outra parte da divisão. Isso foi muito bom! Ficamos juntos, ao lado do piloto, e tendo uma visão ampla de toda a Bagan. Uma das coisas de que mais gosto na vida é ver meu pai com cara de criança. É assim nos jogos do Sport, na Ilha do Retiro; foi assim no Maracanã, em 2016, quando vimos a medalha de ouro do Brasil nos pênaltis; e quando ele brinca com Lis, a sobrinha-neta de sete anos.

O voo durou 1h10min. Dois dias antes, quando chegamos a Bagan, pelas condições do tempo, foram apenas 35min. Essa é a duração mínima que a empresa, por contrato, não reembolsa os passageiros. Mais uma vez, tivemos sorte com o tempo.

Em ocasiões como essa, é sempre importante garantir que, além de viver o momento, eles vão ficar registrados. Carreguei a bateria da câmera com cuidado, criei espaço no cartão de memória e garanti boas fotos, como esta:

A neblina da manhã, as dezenas de balões no ar e os milhares de templos aos seus pés fazem do passeio de balão por Bagan uma experiência inesquecível.



Na chegada ao solo, distante cerca de 10km do ponto de partida, a empresa responsável ofereceu um diploma de participação no voo e proporcionou uma confraternização entre a equipe de terra, Pep e os passageiros, regada a champanhe. Foi interessante receber o pedido da equipe que usava os casacos da seleção brasileira para tirar fotos comigo. Eu usava a camisa do Sport Clube do Recife naquele dia.

A vontade de ver as fotos na tela do computador, em vez de nos visores da câmera e do celular, era grande. Quando baixasse as fotos da câmera, queria comparar os passeios de Goreme e Bagan – ambos com o meu pai. Na Turquia, o relevo é impressionante: os sulcos das rochas, os vales por onde passavam rios milhares de anos atrás, os furos nas montanhas transformados em casas. Em Myanmar, lá do alto, era possível enxergar mais de 3 mil templos. Difícil escolher. Na dúvida, quem tiver a possibilidade de visitar os dois lugares, é melhor não deixar passar a chance ir a ambos os passeios.

Depois de conhecer Bagan por terra com Ahn, em seu carro; e por céu com Pep, no balão, era hora de seguir viagem para Yangon, de ônibus. Seriam 640km até a principal cidade do sul de Myanmar. Como a velocidade média nas estradas era entre 80 e 90km/h, teríamos tempo para dormir e chegar à antiga capital pela manhã. Ainda sobre o trânsito, era curioso reparar que parte dos carros tinha a direção do lado direito e outra, do lado esquerdo, sem qualquer padrão.

Bagan, uma cidade patrimônio da humanidade. Aqui, tudo voltou a mudar de escala. Templos não se contam às centenas, mas aos milhares. Olhando assim, de longe, eu brinquei com Diogo dizendo: “Filho, aqui vamos limitar as nossas visitas a 200 templos”. Tivemos sorte mais uma vez. Estava sendo realizado o festival Amanda. A cidade estava em festa.

A poeira e o ar seco deixavam o pôr do sol lindíssimo. Eu destacaria dois locais em Bagan. O primeiro é o Museu de Arqueologia de Bagan. Lamentei eles não permitirem que o acervo de esculturas fosse

fotografado. Registrei a estátua de um guerreiro na entrada desse museu, que hoje enfeita a sala da casa onde moramos, Diogo e eu, em Campina Grande. O templo é muito bem exposto e cuidado. O segundo é o passeio de balão. É algo de outro mundo. Bagan é uma planície, recortada por um rio. e, ao fundo, há uma região de montanha.

Marcaram-me crianças que vendem desenhos feitos por elas mesmas. Ver as casas de bambu e os ateliês que fabricam vasos extremamente delicados. A sensação que tive na Ásia é a de que todo artesanato é local. Todo artesanato é típico. Eles não vendem peças de outros países. Se você não comprar algo de algum país que você deixou para trás, achando que pode encontrar no seguinte, pode esquecer. A oportunidade não volta.

Tudo aquilo que possa ser dito sobre Bagan é pouco. Juntamente com Mandalay, é um mergulho que se dá na cultura da Ásia. Tudo respira cultura. O povo é afável, bem-humorado. Você, em lugar nenhum, fica exposto à truculência do que era a ditadura em Myanmar. Se você não for a um museu que mostre os horrores da guerra, você não vê os sinais da guerra ou se sente inseguro em nenhuma parte. Aquele povo pequeno, magro, sorridente e de rosto tranquilo... É difícil imaginar que a história foi diferente daquilo que hoje transparece o povo de Myanmar.

Leimar

¶

BAGAN-YANGON

| MYANMAR |

Aquela era a oitava noite que passávamos na estrada, desta vez, em um ônibus leito melhor que o do Vietnã. Havia TV e jogos no monitor do assento da frente. Igual a um avião de longas distâncias. Assisti a *Indiana Jones e o Templo da Perdição* de um outro jeito. No início do filme, os mercados de Shangai eram muito parecidos com os que tínhamos visto no Camboja, no Vietnã, no Laos e na Tailândia; o caminho até um templo, na Índia, é percorrido de elefante por Indiana Jones, a cantora Willie Scott e o garoto Short Round – e me lembrei do banho no rio Mekong, no Laos. Burna (como se chamava Myanmar) aparece no clássico mapa presente em todos os filmes da série. Esses são apenas alguns exemplos do quanto sua perspectiva muda depois de viver experiências diferentes. O que antes fazia parte de mundos distantes, sem qualquer familiaridade para mim, agora, de certa forma, também me pertencia. Para mim, viajar trata disso.

Acabamos chegando mais cedo que o esperado: 5h30. O táxi que pegamos quebrou – sem água no radiador, o motor superaqueceu. Para completar, muita chuva! Demoramos mais de hora para fazer os 21km entre a rodoviária e o hotel, no centro de Yangon, sem nenhum trânsito. A acomodação que tínhamos reservado estava sem internet e sem água, mas deixaram a gente descansar no almoxarifado (com boas camas) durante a manhã. Sem reclamações.

Em Yangon, não tivemos internet no hotel. Eles não conseguiram ajeitar durante todo o dia, nem na manhã seguinte. Por isso,

precisamos recorrer a uma agência de viagens para emitir as passagens para Bangkok. Fiz a reserva no hotel de Bangkok com a internet da agência da frente do hotel em Yangon. Na época, a minha dúvida era se alguém do meu círculo de amizades passaria pela cidade para que eu pudesse dar alguma dica ou explicar que passagens dali para Bangkok somente de avião. Não havia ônibus disponíveis.

Depois de cumprir a missão de garantir o próximo (e último) trecho da viagem, aproveitamos para fazer um passeio a pé pelo centro da cidade. Fomos ao Museu Nacional de Yangon e ao Maha Bandula Park, espaço gigantesco com templos e um lago igualmente grande. Voltamos extremamente cansados. Por sorte, a água tinha voltado. Já estávamos havia um dia e meio sem banho. Dormimos quase 11 horas seguidas. Mesmo assim, a sensação de vários dias seguidos de viagem, no ritmo alucinante que vínhamos seguindo, era a de que já não nos recuperamos do mesmo jeito.

Naquele dia, meu velho falou que pagaria um jantar para mim e para ele numa churrascaria de Campina Grande. Foi a primeira vez que pensei em voltar ao Brasil. Geralmente, deixo isso para o *check-in* do embarque do último voo.

Também havia lido um texto de Rafael Pops, viajante, blogueiro e irmão. Eram reflexões após o retorno para “casa” depois de uma volta ao mundo de dez meses e 34 países visitados.

TEXTO DE RAFAEL POPS

Durante a viagem de volta ao mundo, mensalmente eu marcava a data em que completava um novo mês. Além de ser minha contagem, era uma forma de parar pra pensar como me sentia naquele turbilhão de emoções, sentimentos e novidades. Com quase 2 meses da minha volta, 23 de janeiro foi o primeiro mês, em 11, que não escrevi sobre. Confesso que esqueci e isso também é um sintoma. Hoje em dia lembro mais da data da volta do que da data da partida! É sintoma de que, como escrevi nos 10 meses, a volta não foi trau-

mática. Não foi algo que não queria e tive que fazer. Não fiquei preso na aventura, esse foi um dos medos que tinha durante a jornada. Aliás, sempre o que mais se lê sobre longas viagens, comigo certamente não foi diferente, é como se aprende muito com medos, com novas experiências e com as situações que vão mostrando detalhes de um íntimo desconhecido. Contudo, as lições desse aprendizado só ficam reais quando se percebe ou se coloca em prática na vida cotidiana. Pois bem, nesses quase 2 meses, pude ver isso em vários momentos.

Percebi como estou mais cuidadoso e menos preguiçoso com cuidados diários de casa, seja pra lavar louça, não deixar coisas espalhadas. Indo pra Caraíva sem hospedagem, sem transporte, mostrou como aumentei a confiança e diminuí a ansiedade pra esse tipo de problemas. E pouco a pouco, percebo como uma parte considerável da minha personalidade mudou.

Entretanto, essa é a parte que todo mundo já sabia que teria. A parte que surpreendeu foi a de encarar seus antigos defeitos e manias. A viagem, ao mesmo tempo que permite que vc tenha tempo pra si e perceba mais de si próprio, ela também é uma fuga de boa parte do que você é. Viver em ambientes completamente diferentes do que já viveu, conhecer pessoas que nunca te conheceram, ao mesmo tempo que te dá a oportunidade de fazer diferente, também permite que você esconda defeitos que vc gostaria de não ter.

Essa, sem dúvida, é a parte mais difícil e inesperada da volta. Talvez por isso muita gente que termina uma viagem fica preso a ela. Se não posso generalizar, creio que essa seja uma das dimensões pouco pensadas até hoje pelos viajantes, quais são os sentimentos da volta? Pois bem, boa parte desses defeitos sentidos agora sempre estiveram ali, mas eram imperceptíveis. Agora, se fiquei menos ansioso pra algumas coisas, isso me faz perceber como ainda sou demais pra outras. Se fiquei menos preguiçoso pra uma, irrita perceber quão preguiçoso continuo pra outras obrigações.

No aeroporto de Yangon, meu pai tomou o seu café diário, compramos alguns ímãs de geladeira, chaveiros e bonecos pequenos nas barraquinhas de recordações para turistas. Demos os últimos 500 *kyats* ao garçom que fez as contas do que poderíamos pedir com o que tínhamos: um expresso para o velho e uma água para mim.

Próximo e último destino: Bangkok.

TAILÂNDIA

| PARTE II |

Na imigração da Tailândia, foi a primeira vez que nos pediram o cartão de vacinas contra a febre amarela. Meu pai, minha mãe e eu tínhamos tirado para ir a Cuba, em 2011. Durante a viagem, já tínhamos brincado sobre essa história várias vezes. Tínhamos lido todas as recomendações para levarmos a certificação e nunca nos haviam pedido. Talvez não ter levado o cartão conosco pudesse ter atrapalhado o final da nossa viagem.

Nas poucas vezes em que vimos TV – restrita quase sempre ao futebol –, o Russia Today e a CNN mostravam que o Brasil e, particularmente, Recife, estava sendo notícia no mundo inteiro sobre questão da zika relacionada à microcefalia. Não entendemos se o fato de eles terem nos encaminhado para uma antessala e nos feito esperar por alguns minutos tinha relação com o surto no Brasil. Perguntaram onde havíamos estado nos últimos 15 dias. Nesse tempo, tínhamos estado no Vietnã. Tínhamos deixado o Brasil 38 dias antes. Para alívio nosso, eles devolveram os nossos passaportes sem muita demora – nem maiores explicações.

Nós nos hospedamos no primo mais modesto do Baiyoke Sky Hotel, o segundo maior prédio da Tailândia. A diária era bem mais em conta e tínhamos acesso à piscina, à academia e 50% de desconto no buffet do 84º andar. Seria estranho passar os próximos dias sem fazer nenhuma reserva em *hostel* ou hotel nenhum. Era realmente a nossa última casa na Ásia.

Deixamos as coisas no quarto e fomos dar uma volta pelo mercado de Pratunam. Jantamos num restaurante indiano e assistimos a uma apresentação de dança e música ao vivo, incensos, etc. Algo bem diferente e em pleno centro da capital tailandesa. No dia seguinte, já tínhamos decidido ir ao mercado flutuante e à ponte sobre o Rio Kwai.

No mercado flutuante de Damnoen Saduak, almoçamos um *noodle* frutos do mar com uma cervejinha Singha, além de comprar alguns *souvenirs*. Achamos o mercado interessante, mas não imprescindível.

Em cima da ponte, assoviamos a clássica música do filme. Ao gravar um vídeo, comentei com a minha mãe que ela saberia diferenciar o meu e o do meu pai, pelo ritmo de um e de outro. Eu tenho um pouco mais de senso musical que o meu pai. Minha mãe, afinada e com talento no assunto, corroborou. Relembramos partes do filme que tínhamos visto juntos vinte anos antes. Prometemos revê-lo, mas, quase dois anos depois, não o fizemos.



Diogo Lopes de Oliveira atualizou a foto do perfil.
28 de janeiro de 2016 · 🌐 ▼



Na volta desses passeios, partimos para um shopping perto do hotel. O calor em Bangkok era intenso e a nossa resistência para longas caminhadas já não era a mesma. Era o 40º dia de viagem. Mesmo assim, meu pai mantinha um ritmo melhor que o meu. No caminho de volta para o hotel, com o resto do dinheiro que tínhamos tirado ainda em Chiang Rai, tomamos três cervejas Chang, compramos espetinhos de tripa e pescoço de porco e linguiça, e ainda uma camisa. O velho percebeu que tínhamos visto, usado ou ido a todos os tópicos das camisas expostas no mercado ambulante: boxe tailandês, mercados flutuante e noturno, *tuk-uk*, elefante, monge, pagoda, etc. Ainda não tinha acabado!



Diogo Lopes de Oliveira

28 de janeiro de 2016 · 🌐 ▼

Tem um cheiro típico em todos os lugares que passamos. Esse, a gente não vai esquecer. É o cozidão, do caldo de porco e galinha que serve pra toda sopa! Alguém que já veio aqui também teve essa sensação? Lu Gomes, Rafael Pops Barbosa Moraes?



Curtir



Comentar



Compartilhar

Dois anos antes da viagem, decidi que precisava melhorar o meu inglês. Comecei então a ter aulas com Flávio Barros. Graças às aulas dele, em Campina Grande, pela primeira vez fui capaz de elogiar o inglês de alguém (“your English is good”) só por ter sido capaz de entender. Também pela primeira vez, alguém elogiou o meu – com a mesma frase – e eu realmente acreditei. Eu me sentia seguro, apesar de ser consciente de que cometo muitos erros ainda.

Faltando dois dias para o fim da viagem, outro hábito que fazíamos com frequência era tirar dinheiro em caixas eletrônicos. Os *bahts* que tiramos em Chiang Rai – primeira cidade da primeira parte da viagem à Tailândia, antes de Myanmar – tinham acabado.



Diogo Lopes de Oliveira

28 de janeiro de 2016 · 🌐

Chegando o final da viagem, vamos ter que tirar dinheiro pela última vez. Gastamos tudo ontem. O velho calcula o valor ideal, mas quer se pesar na balança paga do hotel e me pergunta. "A gente tem 10 bahts? Será possível que a gente não tem nenhum bahtzinho?". hahahahaha. Tem não.



Depois de renovar o dinheiro, fomos ao Templo de Wat Pho. Aproveitamos para comer as últimas iguarias na Tailândia. Antes, tínhamos medo de arriscar e ter algum tipo de mal-estar. Na escaldante tarde de Bangkok, pedimos um *mix* de barata, cachorro d'água, larva, grilo e formiga – todos fritos. Vimos um local pedindo esse mesmo saquinho e o imaginamos tomando uma cervejinha gelada vendo um jogo de críquete na TV. Não tem muito o que dizer. É crocante e tem gosto de barata frita. Só provando para saber.

No último dia, comecei a pensar na preparação para a Meia Maratona de Santiago do Chile. Fui para a esteira do hotel (primo rico) e pude constatar duas coisas:

1) Estava muito mal preparado para completar os 21km em abril de 2016;⁸

2) Não era bem uma constatação de agora, mas um exemplo que reforça uma anterior. Do alto do edifício, era possível ver o tamanho do contraste social de Bangkok como acontece em todas as grandes cidades do mundo. Em maior ou menor medida, mas sempre há.

Naquele dia, a capital da Tailândia registrou 39°C, às 17h. A sensação era de muito mais no início da tarde. Para diminuir a sen-

⁸ Nota: terminei fazendo o meu melhor tempo da vida: 1h51.


sação angustiante de calor, bebemos muitos sucos gelados de romã e tomamos três copinhos de sorvete.

A última noite em Bangkok tinha que ser esportiva e cervejeira. Do jeito que gostamos, meu velho e eu. Tomamos umas cervejinhas vendo a final de duplas do Australian Open – com o brasileiro Bruno Soares em quadra – e Barcelona x Atlético de Madri, na sequência. Torcemos com um professor de Londres, *Mister* David. Bruno Soares fazia dupla com Jamie Murray, escocês, mas britânico como o simpático professor.

Sem nenhuma dúvida, aquele bar de esportes foi onde coletamos mais histórias de toda a viagem: 1) título de Bruno Soares; 2) o terceiro encontro com Alice e Bruno, meus sobrinhos marmanjos, na terceira cidade diferente depois de Hanói e Chiang Mai; 3) o Barça ganhou do Atlético (2x1) e era líder isolado; 4) conhecemos Paulo, um paulista que mora há 14 anos em Bangkok e nos deu uma aula sobre o país e a cidade.

Na manhã seguinte, fizemos o *check-in*. Reservamos cadeiras de cada lado do corredor para Doha e para São Paulo. Era hora de arrumar as mochilas pela última vez durante aquela viagem. Repartimos e guardamos com cuidado os presentes de mamãe. Estávamos dispostos a pagar uma diária inteira para ficar até as 22h. Mas o atendente da recepção foi gentil e nos deu um desconto de 30%.

Depois, fui acertar com o *concierge* o preço e o horário do táxi. Ele me perguntou de onde eu era e eu disse: "Brasil". Ele teve a reação que todo mundo tem pela Ásia: "Ahhhhhhhh! Balasiiiiiii!!!!!!". Brasileiro que viaja e interage com as pessoas locais sabe como eles fazem festa quando descobrem que você é brasileiro. Abrem logo um sorriso. Como é bom que o seu país seja bem querido no mundo. Espero muito que o nosso povo nunca perca essa simpatia, tão ameaçada em tempos de intolerância e preconceito por aqui.

Diogo Lopes de Oliveira está em **Suvarnabhumi Airport.**
31 de janeiro de 2016 · Instagram · 

Começo do fim da viagem. Fila do check-in na Qatar Airways pra Doha. Serão 34 horas até o Recife. Valeu quem acompanhou e curtiu. 🇧🇷 estamos chegando! #tripwithdad #bangkok #qatarairways #thailand #tailandia #asia #asiatrip



 Curtir  Comentar  Compartilhar

Entre Bangkok e Doha, viajamos pela primeira vez em um Airbus A380: dois andares e 640 lugares. Chegamos à capital do Catar dormindo pouco e calculando o horário do Brasil. De Doha até São Paulo, a intenção era entrar no avião e dormir pesado. Na chegada à capital paulista, encontramos Bruno Soares, que tínhamos visto vencer o Australian Open de duplas masculinas e mistas no torneio de Melbourne. Ele foi muito simpático e nos cumprimentou com alegria, apesar do cansaço.

Assim, como diz Geraldo Azevedo em “Quando fevereiro chegar”, já era dia primeiro e saudade já não matava a gente. Mesmo depois de um dia e meio sem banho, minha mãe me abraçou e me beijou do mesmo jeito. São Paulo a Recife foi o único trecho que não viajei com o meu pai. Foi estranho viajar sem ele depois de tanto tempo. Ele chegou em um outro voo, meia hora depois. Enquanto isso, minha mãe saboreava os presentes que tinham vindo na minha mochila. Faltava somente o meu parceiro nessa jornada intensa de 42 dias de aventuras, parceria e aprendizado.

Minha mãe, na chegada dos voos no aeroporto dos Guararapes, no Recife.
Muita alegria e saudades
nesse reencontro!



LEIMAR COMO VIAJANTE

Meus pais sempre foram meus maiores incentivadores a viajar. Meu pai aceitou sair de sua zona de conforto, depois de um processo de maturação da ideia de viajar comigo no estilo ao qual eu estava acostumado. Ele, não.

O professor Leimar, querido pelos seus alunos na Universidade, caracteriza-se por ser extremamente prestativo, mesmo que isso cause prejuízos ao seu bem-estar ou mude drasticamente sua rotina. Ele tem sempre um tempo para ajudar.

Durante a viagem, não foi diferente. Ele é um professor para além da sala de aula. Como gosta de dizer, humildemente, ele é um “aprendiz de professor”. Mas viajar com ele foi uma extensão do convívio em casa e na nossa Universidade. Sempre disposto a ensinar e a aprender, a única diferença era que estávamos em ambientes desconhecidos.

Foi bonito vê-lo vencer as barreiras do idioma. Foi comovente vê-lo se emocionar com a pureza do senhor Sim e com a lembrança do seu pai. Foi incrível ver a sua felicidade dentro da Paradise Cave ou do horizonte amplo e extenso de Bagan.

Como disse no relato da viagem, não o vi dormir um minuto sequer enquanto havia luz natural em todos os 42 dias de jornada. Ele não se negou a nenhum passeio, nenhuma escalada, nenhuma comida... Também foi prazeroso acompanhar e participar de sua preparação para viagem. Ao ganhar condicionamento físico para as escaladas, ele também ganhou qualidade de vida.

Durante a viagem, ele parecia achar que eu não me divertia por ter que mudar alguns hábitos das minhas viagens sozinho. Ele não sabe que viajaria novamente ao seu lado muitas outras vezes para muitos outros lugares. Viajar com ele foi um privilégio! Tê-lo como pai é um prazer maior ainda! Queria que todo o mundo pudesse ter a oportunidade e valorizar uma viagem com o seu pai.

DIOGO COMO VIAJANTE

No meio dessa viagem, eu quero abrir um parêntese para uma ligeira descrição do meu companheiro de viagem. Viajando com Inês nos anos 1990, na Europa, sempre recusávamos os pacotes locais de turismo que a agência nos propunha. Saíamos independentes do grupo e sempre encontrávamos o nosso guia, que tomava conta da logística da viagem. Também tínhamos guias locais em cada cidade.

Certo dia, em Berlim, tomando uma cerveja com uma mãe e uma filha mexicanas, o guia disse a nós quatro:

– Vocês não se enquadram na categoria de turista. Vocês são “viajeros”.

Ele usou a palavra “viajeros” porque era espanhol. Mas o que eu quero registrar é que o meu companheiro de viagem é mais que um viajante. Ele é bem mais do que um turista. Na realidade, ele é um explorador. Diogo é como uma espécie de aventureiro. A aventura dele é bem planejada e bem comedida, mas tem uma capacidade de percepção, de verificar a cultura, os detalhes, de prestar atenção às pessoas – principalmente as crianças. Ele tem uma sede de visitar museus.

Se for preciso passar 24 horas visitando as coisas ou tiver um lugar novo para ir, cabe sempre na viagem um momento para verificar um templo. Ele tem uma capacidade de perceber os detalhes que passariam despercebidos pela maioria de todos nós. Além de um grande companheiro de viagem, é um grandíssimo explorador.

Estou dizendo isso porque fomos visitar Siem Reap, que é uma das coisas mais belas que eu já havia visto até hoje, e foi um dos pontos altos de nossa viagem. Porque, se você quiser viajar – qualquer que seja o motivo: existencial, cultural ou de arquitetura, história, política, paleontologia ou arqueologia – o lugar é o Sudeste Asiático. E foi Diogo quem me levou nessa aventura.

Leimar

¶

Formato *15x21 cm*
Tipologia *Adobe Garamond Pró*
Nº de Pág. *196*

Editada pela Universidade Federal de Campina Grande- EDUFCCG

